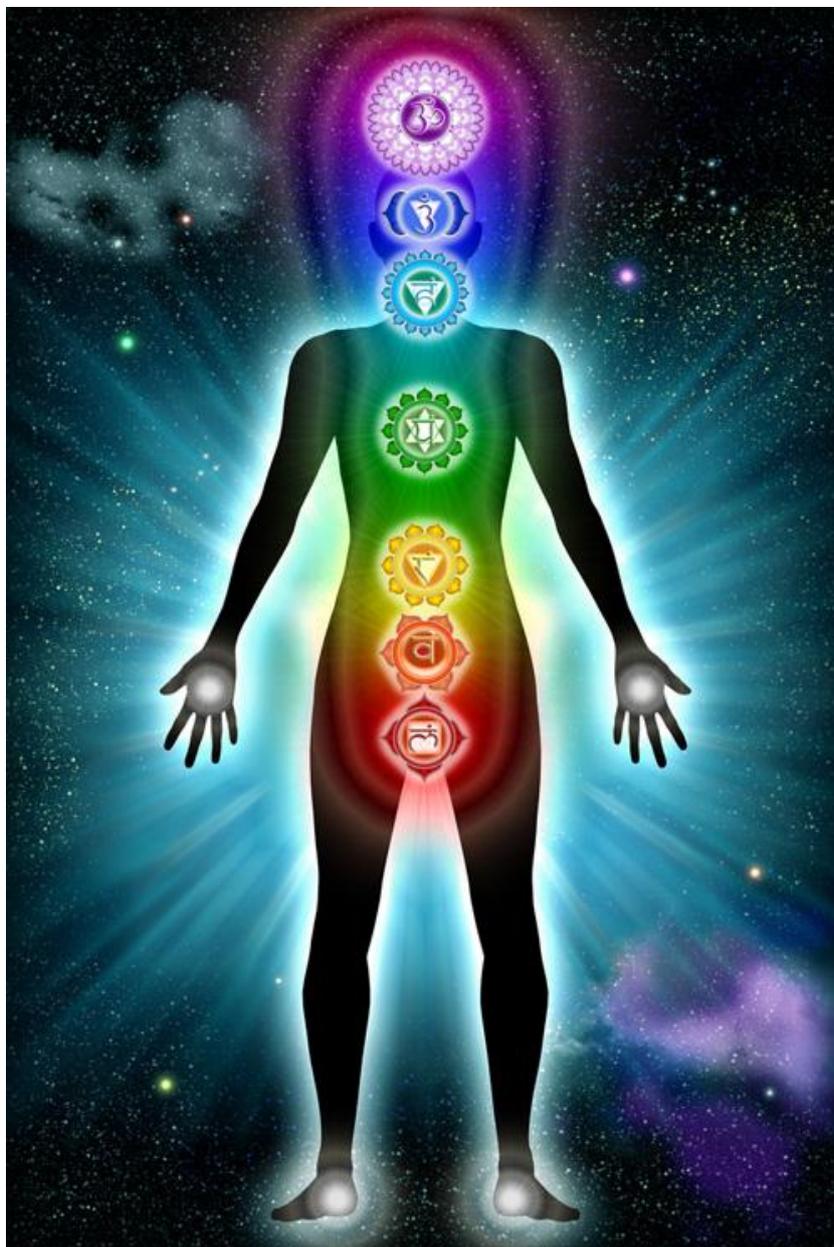




FRATERNIDADE UNIVERSALISTA DA DIVINA LUZ CRÍSTICA



ESTUDO SISTEMATIZADO UNIVERSALISTA - ESU - MÓDULO 2

Anatomia Esotérica e Mediunidade

Elaboração: Carla Costa

"Tudo o que vive, vive para sempre. Somente o invólucro, o que é perecível, desaparece. O espírito não tem fim. É eterno. Imortal."

Bhagavad Gita

Índice

CAPÍTULO 1 – O HOMEM-ESPÍRITO.....	5
1.1 - A SABEDORIA DOS ANTIGOS.....	5
1.2 – A ESTRUTURA SETENÁRIA DO HOMEM.....	6
1.3 - OS SETE CORPOS OU VEÍCULOS DA CONSCIÊNCIA.....	7
1.3.1 - <i>Corpo Físico</i>	7
1.3.2 - <i>Corpo Etérico ou Duplo Etérico</i>	7
1.3.3 - <i>Corpo astral</i>	11
1.3.4 – <i>Corpo Mental</i>	12
1.3.5 - <i>Corpo Buddhi</i>	13
1.3.6 - <i>Corpo átomico ou espírito-essência</i>	14
1.4 – EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO.....	15
CAPÍTULO 2 - CHACRAS OU CENTROS DE FORÇA.....	17
2.1 - HISTÓRICO, DEFINIÇÃO E CARACTERÍSTICAS.....	17
2.2 - FUNÇÕES FÍSICAS E PSICOFÍSICAS.....	18
2.3 - PLEXOS.....	19
2.4 - OS CHACRAS PRINCIPAIS.....	20
2.5 - DIVERGÊNCIAS DE SISTEMAS.....	22
2.6 - OS CHACRAS MENORES OU SECUNDÁRIOS.....	23
2.7 - CHACRAS, ESPIRITUALIDADE E MEDIUNIDADE.....	23
2.8 – PINEAL: A GLÂNDULA DA VIDA ESPIRITUAL.....	24
2.9 – EXERCÍCIOS.....	26
2.10 - BIBLIOGRAFIA.....	27
CAPÍTULO 3 – FLUIDO VITAL E O ECTOPLASMA.....	28
3.1 – ESTUDO DOS FLUIDOS.....	28
3.2 - O FLUIDO VITAL.....	29
3.3 - ECTOPLASMA.....	30
3.3.1 - <i>Características</i>	30
3.3.2 - <i>Os Tipos de Ectoplasma</i>	32
3.3.4 - <i>Ectoplasma, mediunidade e assistência</i>	32
3.3.5 - <i>Sintomas provocados pelo acúmulo e/ou doação maciça de ectoplasma</i>	33
3.4 – EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO E APROFUNDAMENTO.....	34
3.5 – BIBLIOGRAFIA:.....	35
CAPÍTULO 4 – NOÇÕES SOBRE MEDIUNIDADE.....	36
4.1 - TEORIAS SOBRE MEDIUNIDADE.....	36
4.2 - DEFINIÇÃO.....	39
4.3 - A MEDIUNIDADE ATRAVÉS DOS TEMPOS.....	41
4.4 - SINTOMAS DA MEDIUNIDADE.....	43
4.5 - CLASSIFICAÇÃO SEGUNDO A NATUREZA.....	44
4.6 - MEDIUNIDADE DE PROVA: SEUS ASPECTOS.....	45
4.7 - CLASSIFICAÇÃO CONFORME SUA MANIFESTAÇÃO.....	47
4.8 – MÉDIUM ESPÍRITA E MÉDIUM DE UMBANDA.....	51
4.9 – MEDIUNIDADE E OBSESSÃO.....	52
4.10 - BIBLIOGRAFIA:.....	52
CAPÍTULO 5 – DESDOBRAMENTO ASTRAL.....	54
5.1 - CONCEITO.....	54
5.2 – SINTOMAS PROVENIENTES DO DESDOBRAMENTO ASTRAL (PROJEÇÃO ASTRAL).....	56
5.3 - BILOCAÇÃO.....	57
5.4 - BICORPOREIDADE.....	57
5.5 - DUPLA PERSONALIDADE.....	58
5.6 - ÊXTASE.....	58

5.7 - CATALEPSIA E LETARGIA.....	59
5.8 - DESDOBRAMENTO EM SERVIÇO.....	60
5.9 - SONO E SONHOS.....	61
5.9.1 - Sono.....	61
5.9.2 - Sono e morte.....	61
5.9.3 - Vivência do espírito durante o sono.....	61
5.9.4 - O sonho.....	62
5.9.5 - Importância do sono e o preparo para ele.....	62
5.10- CONCENTRAÇÃO E DESDOBRAMENTO.....	63
5.11 - INSPIRAÇÃO E DESDOBRAMENTO.....	63
5.12 - DESDOBRAMENTO E MEDIUNIDADE.....	63
5.13 - BIBLIOGRAFIA.....	64
CAPÍTULO 6 - ANIMISMO E MISTIFICAÇÃO.....	66
6.1 - DEFINIÇÃO DE ANIMISMO.....	66
6.2 - ANIMISMO NÃO É DEFEITO MEDIÚNICO.....	67
6.3 - ANIMISMO COMO COADJUVANTE NO FENÔMENO MEDIÚNICO.....	67
6.4 - O MÉDIUM ANÍMICO-PURO OU PSEUDO-MÉDIUM.....	69
6.5 - O MÉDIUM ANÍMICO-MEDIÚNICO.....	71
6.6 - ANIMISMO E MISTIFICAÇÃO.....	71
6.7 – BIBLIOGRAFIA:.....	72
CAPÍTULO 7 - MECANISMOS DA MEDIUNIDADE.....	73
7.1 - ACOPLAMENTO ÁURICO.....	73
7.2 - RADIAÇÕES.....	73
7.2.1 - Radiações Mentais.....	74
7.2.2 - Radiações Fluídicas.....	74
7.2.3 - Coração e Mente.....	74
7.2 - CIRCUITO MEDIÚNICO.....	74
CAPÍTULO 8 - O DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO.....	86
8.1 – OPORTUNIDADE DO DESENVOLVIMENTO.....	86
8.2 – INICIANDO O DESENVOLVIMENTO.....	87
8.3 - ADAPTAÇÃO PSÍQUICA.....	88
8.4 - PASSIVIDADE MEDIÚNICA.....	88
8.5 - O AMBIENTE.....	89
8.6 - A CORRENTE.....	91
8.6.1 – A “Egrégora” da Casa Espiritual.....	91
8.7 - O TRABALHO DOS GUIAS.....	92
8.7.1 - Auxiliares Invisíveis.....	93
CAPÍTULO 9 – MEDIUNIDADE E REFORMA ÍNTIMA.....	96
9.1 - A LEI DA SINTONIA.....	96
9.2 – ORIENTAÇÕES PARA TORNAR-SE UM BOM MÉDIUM.....	97
9.3 - O QUE FAZ UM MÉDIUM FRACASSAR.....	101
9.4 - A SUSPENSÃO DA MEDIUNIDADE.....	102
9.5 - DÁ DE GRAÇA O QUE DE GRAÇA RECEBESTE.....	103
9.6 – REFORMA ÍNTIMA E UMBANDA.....	103
9.7 – QUEM PERSEVERAR ATÉ O FIM, SERÁ SALVO.....	104
9.8 – EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO E APROFUNDAMENTO.....	105
9.9 – BIBLIOGRAFIA.....	106

CAPÍTULO 1 – O HOMEM-ESPÍRITO

“A maior revelação de teu amor aparece brilhando quando permites que o Cristo em ti e contigo possa amar e servir aos outros sem procurar saber quem são e como são.”

(Emmanuel, Do livro: "Recados do Além")



Desde a mais remota Antigüidade o conjunto Homem-Espírito tem sido objeto de estudo e especulações. O conhecimento de nossa - essência era constante preocupação dos povos antigos, que de sua importância tinham mais consciência do que nós, separados deles por milênios de cultura, recentes conquistas científicas e retumbantes avanços tecnológicos.

Pelo que se depreende das páginas da História, essa consciência efetivamente diminuiu ao invés de se intensificar, talvez porque nos tenhamos distraído, ao longo dos milênios, com os perigosos brinquedos dos fanatismos religiosos e com matemáticos jogos de construir e destruir o que não é essencial. Distraídos, distraiu-se também nossa Ciência: por falta de atitude científica - gritante paradoxo - ela hesita em explorar e conhecer a viva realidade de nossa essência (ou espírito).

1.1 - A sabedoria dos antigos

Sábios da Antigüidade chegaram a conhecer o Homem-Espírito muito melhor do que pôde conceber toda nossa ideação moderna. Ainda estamos andando em círculos em torno da existência ou não da alma. Eles, aceitando a realidade do espírito, se preocuparam em dar o passo seguinte: investigar o modo ou processo de ligação dos dois. Essa pesquisa deu muitos frutos, de que restam algumas sementes.

O estudo comparativo das várias concepções sobre a composição do Homem, ao longo dos antigos colégios iniciáticos, escolas filosóficas e diversas confissões religiosas, apresenta notórias dificuldades porque complexo e, nos detalhes, confuso. Ao longo das eras e idiomas, no entanto, subjacente nas variadas terminologias uma certeza comum brilha e aparece como fundamental: sábios e escolas dizem basicamente a mesma coisa quando aludem às etapas vibratórias de que se compõe o Homem.

A existência de um sistema intermediário entre a essência ou espírito puro, de um lado. E corpo físico, de outro, era teoricamente dedutível pela Lógica e também imperativo de ordem técnica, uma vez que só esse veículo pode tornar possível a atuação do Espírito na Matéria, organizando-a. Em outras palavras, a fixação do espírito no corpo teria de implicar a existência de um órgão qualquer, muito especial, com plasticidade bastante para se ajustar às frequências vibratórias dos dois, acoplando-os.

Esse órgão (na verdade, um corpo) foi detectado por sensitivos da Antigüidade, tanto que era matéria de *curriculum* nas escolas iniciáticas.

Através de épocas e povos, variaram denominações e detalhes. Na Índia védica, esse mediador era "Mana-maya-kosha"; antigos egípcios chamavam-no "Kha"; os persas, no Zend-Avesta, "Boadhas"; os gregos, "Eidolon"; para Aristóteles, era o "Corpo Sutíl"; na escola neoplatônica de Alexandria era conhecido como "Astroiedê", isto é, semelhante aos astros, devido à cor; era o "Corpo Fluídico" de Leibnitz; o "Perispírito" de Allan Kardec ou a "Alma" de Paulo de Tarso.

Para o apóstolo Paulo, o Homem é um complexo integrado por três partes distintas - corpo, alma e espírito¹ - em que a alma tem a nítida função de mediador plástico:

O Deus da paz vos conceda santidade perfeita e que vosso espírito, vossa alma e vosso corpo sejam guardados de modo irrepreensível para o dia da vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo.

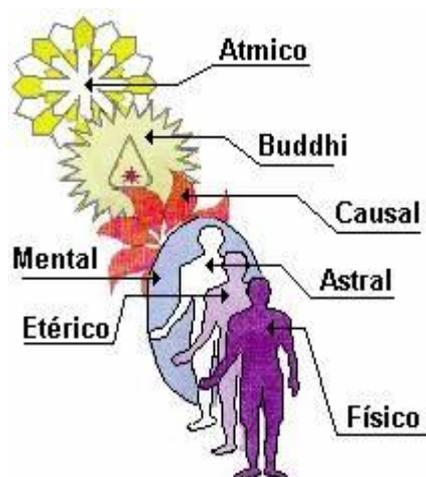
1 Tessalonicenses - 5:23

Na Patrologia Latina notamos pensadores do cristianismo primitivo, sobretudo os da Escola de Alexandria, esposarem a tese do órgão intermediário entre espírito e corpo; dentre outros, Atanásio, Fulgêncio, Arnóbio, Basílio, Orígenes, Justino, Minúcio, Ambrósio, Cirilo de Alexandria e Santo Agostinho. Já religiões como o Islamismo, Judaísmo e as que integram o Cristianismo atual, todas dão o Homem como binário: composto de alma ou espírito e corpo material.

1.2 – A Estrutura Setenária do Homem

“Nosso corpo espiritual, em qualquer parte, refletirá luz ou a treva, o céu ou o inferno que trazemos em nós mesmos.”

(Emmanuel)



Uns poucos ocidentais e a grande maioria das religiões orientais têm ensinado uma constituição mais complexa do Homem-Espírito: sete componentes interpenetrados, os mais diáfanos ocupando a mesma porção espacial dos mais densos, perfeitamente definidos, mas vibrando em dimensões espaciais diferentes – onde as propriedades, funções e manifestações são distintas.

Antiquíssima, essa concepção teve berço na Índia, nos sábios que erigiram a Filosofia Vedanta. Os antigos egípcios, nos ministérios de Tebas ou de Mênfis, também a ensinavam. Em centros iniciáticos Greco-romanos, o setenário era fundamento esotérico de cultos mediúnicos. Teosofistas, Rosa-Cruzes, antroposofistas, esoteristas e todas as correntes neo-espiritualistas o adotaram também, considerando-o a verdadeira composição estrutural do ser humano.

Estudando-o, os antigos magos empregaram seus conhecimentos na obtenção de resultados práticos: tratamento de enfermos, investigações psíquicas e manipulação de forças da Natureza. Aplicando forças mentais magnéticas em candidatos à iniciação, chegaram a separar e destacar componentes do setenário (corpos invisíveis), para desenvolver poderes latentes (clarividência, por exemplo) e dominar as forças da Natureza (magia natural).

Algumas dessas técnicas, de aplicação e resultados muito restritos, foram repetidas com extraordinário êxito por investigadores do século passado. Eles puderam decompor o Homem-Espírito em seus diversos corpos, através de passes magnéticos intensamente aplicados em sensitivos muito vibráveis. Lancellin, H.P. Blavatsky, A. de Rochas e Baraduc confirmaram, com seus experimentos, o que os antigos já sabiam, compelindo as ciências psíquicas a considerar a realidade da múltipla composição estrutural do Homem.

Essas importantíssimas pesquisas (que, no entanto, ainda não foram encampadas pela Ciência) podem ser divididas em dois grupos, conforme se fundamentam no ternário ou setenário.

O ternário é fácil de ser entendido, porque simples. Mas não explica a maioria dos fenômenos psíquicos do mediunismo. Já o setenário, conquanto mais complexo, porque desdobramento do ternário (espírito-alma-corpo) em seus elementos fundamentais, permite compreender fenômenos psíquicos com mais nitidez. Além disso, abre variadas hipóteses de trabalho para, dentre outros campos de investigação:

❖ a pesquisa das causas de curas consideradas “milagrosas” ou “impossíveis”;

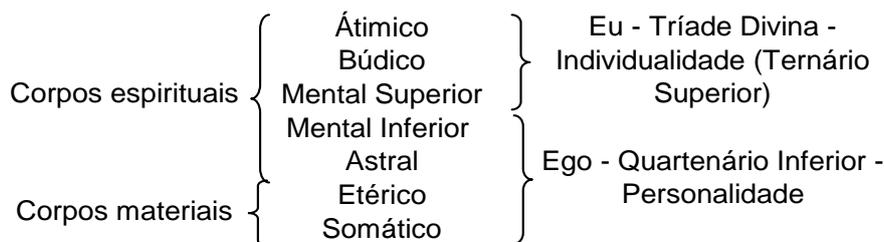
¹ (*) - Paulo distinguia a alma do espírito, coisa que pósteros, não só da religião católica, mas mesmo do espiritismo, não fazem: confundem alma com espírito, em sinonímia inaceitável. Para os espíritas, alma e espírito são a mesma coisa, havendo o perispírito como intermediário entre os dois planos: físico e espiritual.

- ❖ o conhecimento de fatos ocorridos em vidas anteriores e das reminiscências gravadas na consciência atual;
- ❖ o apagamento de lembranças incômodas de fatos desarmônicos de vidas anteriores.

1.3 - Os Sete Corpos ou veículos da consciência

De acordo com a concepção setenária, o Homem-Espírito compõe-se de dois estratos distintos: a Tríade Divina, constituída do Eu-Crístico, e o Quaternário Inferior, ligado à personalidade e mutável como ela. Nesses estratos, cada série ou corpo tem denominação e características distintas, funções específicas e manifestação limitada ao campo ou dimensão a que está adstrito, pois cada um desses corpos vibra em um universo dimensional distinto.

De forma esquemática, eis a seriação do Espírito à Matéria:



1.3.1 - Corpo Físico

O corpo físico é a carcaça carnosa em que vivemos algo semelhante a um escafandro, pesado e quase incômodo, de que nos utilizamos para atuar no meio físico. É constituído de compostos químicos habilmente manipulados pelo fenômeno chamado vida.

Na verdade, há vida em cada elemento desses compostos químicos, e tudo é vida dentro de nós. Existimos com nossa Vida maior sediada num composto de miríades de vidas menores, organizando-o.

Porque constituído de matéria, nosso corpo opera no meio físico com facilidade, pois corpo e meio físico pertencem à mesma dimensão eletromagnética.

1.3.2 - Corpo Etérico ou Duplo Etérico

Como o nome indica, esse corpo tem estrutura extremamente tênue, invisível porque diáfana, de natureza eletromagnética densa, mas de comprimento de onda superior ao da luz ultravioleta, razão por que é facilmente dissociado por esta, quando exsudado do corpo físico. Pode-se dizer que se trata de matéria quintessenciada, tangenciando a imaterialidade.

Em situações normais, o corpo etérico não se separa do corpo somático da criatura viva, ao contrário dos corpos Astral e Mental; ele é físico, está jungido à carne. Quando separado, através de energia vinda de fora do corpo, isso acontece por momentos apenas, em distância também reduzida. Embora essa dificuldade, o Coronel Aiglun de Rochas, investigador francês do fim do século XIX, conseguiu separá-lo pela primeira vez do corpo físico de um médium, por meio de exaustivos passes magnéticos. Por essa histórica experiência, o corpo etérico pôde ser identificado.

Sabe-se, hoje, que esse corpo é constituído de material a que Richet deu o nome de ectoplasma. Trata-se, com efeito, de substância semelhante a um plasma, fluído fino que tem a propriedade de se condensar logo que exsudado do corpo do doador. Sai pelos poros e cavidades naturais e vem sendo utilizado nas sessões espíritas de “efeitos físicos” (impropriamente chamadas de “materialização”, porque nelas costumam aparecer espíritos materializados com essa substância, que, de um ou vários doadores, exsudam). O corpo etérico desempenha função também importante nos fenômenos de teletransporte, de dissolução de objetos e em todos os outros que exijam energias mais pesadas. Invisível em estado natural, possui individualidade própria, mas não tem consciência, apesar de intimamente acoplado ao corpo físico.

Enquanto o corpo somático é composto por sólidos, líquidos e gases que formam células, tecidos, órgãos e aparelhos, o corpo etérico é constituído pelos mesmos elementos e minerais, estruturados, porém, em estado tão tênue que escapa por inteiro ao crivo laboratorial – a não ser quando o corpo é exteriorizado e condensado suficientemente, de modo a se tornar visível e palpável: nestas anormais condições, fragmentos

foram analisados em laboratório, constando-se a dominância de elementos proteínicos semelhantes aos dos órgãos carnis.

O duplo-etérico é uma Usina de Energia, onde ocorre a captação, filtragem, reciclagem e transformações de todas as energias que transitam entre o perispírito e o corpo físico. É o responsável pela repercussão vibratória direta do corpo astral sobre o corpo físico, sendo que suas atividades principais são captar, filtrar, reciclar, transformar e, canalizar para o corpo físico, todas as energias que deverão alimentá-lo.

O corpo etérico é o veículo e a reserva da nossa energia vital, absorve o fluido vital e o distribui pelo corpo humano além de o transformar em fluidos sutis enviando-os ao corpo astral.

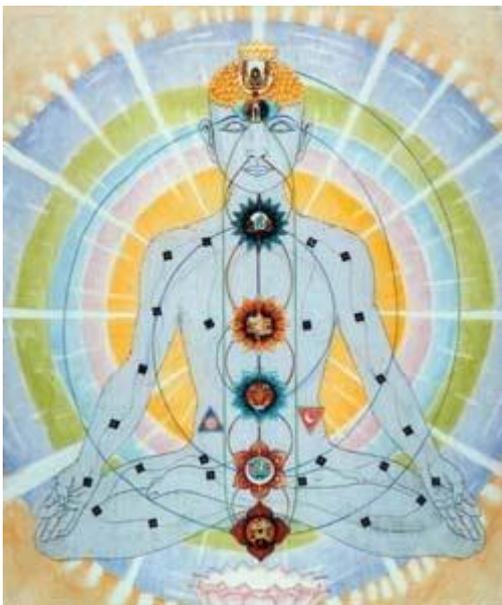
O corpo etérico tem por função estabelecer a saúde automaticamente, sem interferência da consciência. Distribuindo as energias vitalizantes pelo corpo físico, ele cuida para que as funções vitais permaneçam equilibradas e o conjunto corporal conserve seu equilíbrio harmônico. Promove, assim, as cicatrizações de ferimentos, a cura de enfermidades localizadas, etc.

“Durante o sono natural, o Espírito exterioriza-se para fora do corpo físico, deixando conjuntamente as duas partes: grosseira e etérea (corpo físico e duplo etérico). À morte, este exterioriza-se também, mas desta vez definitivamente, arrastando consigo o duplo etérico que abandona, completa e definitivamente, o corpo físico.” (Annie Besant, Estudo sobre a Consciência).

Embora mais sutil que o corpo físico, o corpo etérico não é espiritual e dissolve-se com a morte, ao cabo de algumas horas. Às vezes, é visto nos cemitérios, em forma de nuvem leve que, aos poucos, se dissolve. Como já frisamos, não tem consciência. E pode servir de alimento vital para espíritos humanos inferiores e à imensa variedade de seres habitantes do astral, principalmente os zologicamente inferiores e os que costumam freqüentar cemitérios. Clarividentes sem experiência, não raro, confundem esses duplos etéricos desativados (cascões) com fantasmas de mortos.

Grande número de doenças que se considera radicadas no corpo físico têm como sede, na realidade, o substrato anatômico da organização etérica. É dali que passam para o corpo somático, onde aparecem como disfunção vital. Tal fato, apenas um dentre muitos deveria merecer dos cientistas médicos uma atenção cuidadosa, pois abre campos de investigação ainda não devassados por lentes e escalpelos.

a) Meridianos e Nádís



Do mesmo modo que o corpo visível tem vasos sanguíneos através dos quais flui o sangue, nosso corpo etérico possui finíssimos canais energéticos invisíveis, ou **meridianos**, através dos quais fluem e se distribuem por todo o corpo o fluido vital e a matéria sutil. Há vários canais de energia principais e milhares de canais secundários. No Ioga, esses canais são denominados nadis principais e nadis secundários. Por esses canais flui o Ki que alimenta e fortalece todo o organismo.

No corpo etérico, denominado também pelos teosofistas de corpo físico invisível, porque nasce com o corpo físico e com ele desaparece, os nádís se apresentam como se fossem milhares de finos filamentos de gás néon, entrecruzando-o em toda sua extensão.

O número de nadis difere na literatura hindu, pelo que se atribui um caráter esotérico às quantidades apontadas: 72.000, 550.000, 720.000, etc. Os mais importantes são Sushumna, Ida e Pingala.

❖ **IDA, PINGALA, SUSHUMNA** - Para que se possa ter uma noção desses três nádís ao longo da coluna vertebral, tomemos uma série de números "8" empilhando-os ao longo da coluna vertebral. O nádi que sobe pela esquerda é o Ida; o da direita, o Pingala. Não estão, porém, dispostos de forma paralela. Eles entrecruzam-se num formato semelhante ao "**Caduceu de Mercúrio**".

No interior do Sushumna acham-se três outros nádís: o Vajna, o Chitrini, dentro do qual se encontra o Brahma nádi, ao longo do qual se elevará a energia kundalini.

a) Fenômenos de Materialização



Por intermédio da estrutura etérica todos os atos volitivos, os desejos, as emoções e quaisquer manifestações da consciência superior passam a atuar sobre o corpo físico ou, mais precisamente, sobre o cérebro carnal. Ela promove a necessária degradação de frequência entre o campo espiritual do astral e o campo físico.

A atuação mais espetacular do duplo etérico ocorre nas sessões de efeitos físicos, conhecidas como sessões de materialização. São trabalhos bastante raros, que dependem de preparação e cuidados especiais por parte de assistentes e operadores.

Para que um espírito se materialize até o ponto de poder. ser tocado, apalpado, pesado etc., é necessário que sua forma espiritual se revista de substância material. Essa substância – o ectoplasma - provém do duplo etérico de um médium doador. Exsudada pelos poros e cavidades naturais, da aparece, a princípio, em forma de uma espécie de gás pesado, denso, que aos poucos vai se condensando; toma forma pastosa, plástica, e o espírito comunicante com ela vai se revestindo, até mostrar-se com o corpo que possuía quando encarnado. Com esse novo corpo, que é contrapartida do seu corpo astral, o desencarnado pode

permanecer entre os vivos por algum tempo, contado em minutos: ouve, fala, caminha, toca e é tocado, em tudo semelhante a um homem comum, vivo.

No século passado, o renomado cientista William Crookes investigou durante dois anos consecutivos a materialização do espírito Katie King. O caso, clássico, teve justificada repercussão por dois motivos: a indiscutível credibilidade de CROOKES e o assentimento do espírito em servir às pesquisas científicas.

Nos fenômenos mediúnicos comuns, bem menos espetaculares, a importância desse mediador quase não aparece: não é palpável. Sem ele, no entanto, a comunicação entre os campos astral e físico seria impossível por falta de ponte: todo espírito comunicante, que atue ligado ao médium, tem que usar esse estágio intermediário de frequência que permita acoplamento ressonante com o sistema nervoso do médium, até a modulação do pensamento do espírito e sua expressão pela psicografia, psicofonia e outros meios.

b) Efeito Kirlian²



Para quem prefere provas obtidas em laboratório, o Efeito Kirlian é interessante. Uma irradiação luminosa, fenômeno eletromagnético conhecido como "efeito Corona", aparece em redor dos objetos em que é aplicada uma corrente elétrica de tensão e frequência altas.

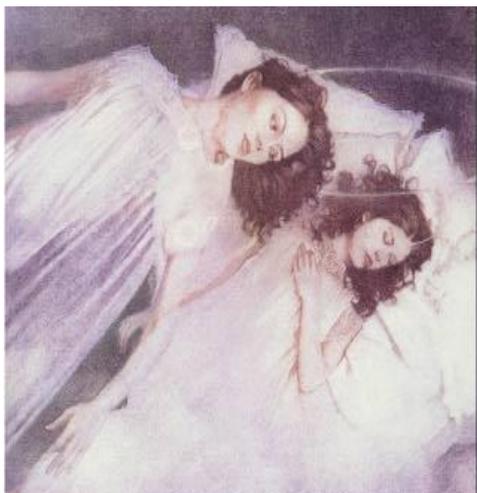
Seres inanimados (por exemplo: metais) têm emanção luminosa regular, um halo com dimensão, de forma e luminosidade uniformes. Nos seres vivos o halo se modifica conforme as condições da criatura submetida à corrente elétrica.

Essas alterações na forma e intensidade do halo refletem o dinamismo vibratório do campo (ou corpo) etérico. De modo algum constituem o retrato da aura, e muito menos do corpo astral, como acreditam alguns espíritas. São manifestações físicas, porque do corpo etérico.

Estados patológicos podem modificar o padrão do eflúvio elétrico e o efeito Kirlian indicará que algo anormal está acontecendo com aquele organismo. A razão disso é que as doenças afetam sempre e em primeiro lugar o equilíbrio energético do campo (ou corpo) dinâmico (etérico), alterando-lhe a forma - e também o efeito.

² (*) Efeito Kirlian - Leva o nome do pesquisador russo contemporâneo. Semyon KIRLIAN, de Krasnodar.

c) O cordão de prata



Seja qual for a distância a que estiver do corpo, o espírito se mantém ligado a ele por esse cordão de que falamos iniciados de todas as épocas e até mesmo a bíblia:

*"Antes que se rompa o cordão de prata,
que se despedace a lâmpada de ouro,
antes que se quebre a bilha na fonte,
e que se fenda a roldana sobre a cisterna ..."*

Eclesiastes, 12:6

Se ele se rompe, porém, a morte chega. Irreversível. Segundo relatos de espíritos, quando entidades superiores rompem esse cordão, por ocasião da morte, produz-se relâmpago de luz intensa, pela liberação de energia.

Constituído por alguma forma de energia de alta intensidade, este fio luminoso e brilhante se liga ao corpo físico através do duplo etérico, no qual se enraíza através da cabeça e de miríades de conexões filiformes que abrangem toda a estrutura etérica. Teria semelhança com um cabo de alta tensão se não fosse inconcebivelmente dúctil; pode afinar-se até espessuras mínimas, permitindo que o espírito de uma pessoa viva se distancie do corpo físico (e do etérico) por milhares de quilômetros, em viagens astrais. Ele não se rompe e mantém o espírito como dono e diretor do corpo: através de processo maravilhoso, ainda não desvendado, todas as funções vitais do nosso organismo são preservadas.

d) Duplo etérico e mediunidade

Nos médiuns, o duplo etérico apresenta ainda uma condição especial: soltura ou predisposição à descoincidência espontânea e a relativa liberdade em relação aos outros corpos. É como se o duplo dos médiuns não estivesse bem aderido ou preso ao seu corpo físico, soltando-se facilmente e, com isso, provocando uma série de sensações, que podem ser agradáveis ou não.

Essa soltura, em geral, é natural e planejada antes do reencarne do médium, para facilitar o seu trabalho de comunicação com o plano espiritual. Ou seja, o duplo dos médiuns é propositadamente deixado meio solto, para facilitar o transe mediúnicos, que ocorre justamente quando há uma “folga” entre o duplo etérico e o corpo físico do médium. É nesta “folga” nesta “brecha”, que o espírito comunicante intervém, dando a sua comunicação, no fenômeno chamado de incorporação, apesar de, na verdade, o espírito comunicante não entrar no corpo do médium.

Entre as sensações mais comuns, provocadas pela soltura espontânea do duplo etérico, vamos encontrar:

- ❖ tontura
- ❖ enjôo
- ❖ arrepios e/ou choques ao longo do corpo
- ❖ sensação de estufamento (ballonement)
- ❖ sensação de caminhar no ar
- ❖ alterações visuais (que não têm causa física conhecida)

1.3.3 - Corpo astral

No século segundo da nossa era, Orígenes, filósofo da Escola Neoplatônica, ensinava que o espírito tem um corpo vaporoso, a “aura”. No século IV, São Cirilo de Jerusalém diz: “As almas dos defuntos têm corpos mais sutis que os corpos terrestres. O nome espírito é genérico e comum: designa-se por espírito tudo o que não tem corpo espesso e pesado”. Na mesma época, Santo Hilário de Poitiers afirma: “não há coisa alguma na Natureza e na Criação, seja no céu, seja na Terra, seja entre as coisas visíveis, seja entre as invisíveis, que não seja corporal. Mesmo as almas, seja durante a vida, seja depois da morte, conservam alguma substância corporal, porque é necessário que tudo que é criado o seja em alguma coisa”.

Todos os pensadores da Igreja primitiva faziam distinção, como Paulo de Tarso, entre o espírito, a alma intermediária e o corpo físico, grosseiro. Já de Tessalônica, no 2º Concílio de Nicéia, declara: “Os anjos, os arcanjos e também as almas são, na verdade, espirituais, mas não privados de corpos. São dotados de um corpo tênue, aéreo, ígneo”.

Essa alma – que tantos autores antigos demonstravam ter surpreendente conhecimento – recebeu de Kardec o nome genérico de “perispírito”. Nesta denominação, foram abrangidos os diversos corpos sutis, até mesmo o etérico que, no entanto, é físico. Para Kardec, são sinônimos, portanto “alma” e “espírito”. Para nós, “alma” e “perispírito” é que deveriam ser sinônimos – ambas as expressões designando o conjunto de envoltórios do espírito, desde o corpo astral aos outros, mais sutis (com óbvia exceção do etérico). Convém ter sempre presente essa diferença conceitual, para evitar futuras distorções no entendimento da matéria deste livro.

Tudo indica que “alma” a que se referiam esses outros sábios é, na verdade, o corpo astral.

a) Importância e densidade

Dá-se o nome de corpo astral ao invólucro espiritual mais próximo à matéria, tanto que facilmente pode ser visto pelos clarividentes. Todos os espíritos que incorporam em médiuns possuem esta estrutura corpórea sutil. Ela é tão necessária para a manifestação do espírito, na dimensão em que se encontra, como o corpo para os humanos.

É com este corpo que os espíritos vivem na dimensão astral; os que se comunicam habitualmente nas sessões espíritas possuem este veículo mais ou menos denso, conforme o grau evolutivo do seu possuidor. Aqueles que já não o possuem, porque mais evoluídos, comunicam-se com os médiuns por sintonia mental, sem incorporação.

O corpo astral não tem a mesma densidade em todas as criaturas humanas. Varia grandemente de massa, de tal modo que o homem desencarnado possui verdadeiro peso específico que, em Física, é resultado da massa de um corpo dividida por seu volume: $P = M/v$. Este estado de maior ou menor densidade é que diferencia os espíritos: quando desencarnados, somos quase automaticamente localizados na região ou faixa vibratória do mundo espiritual que for mais compatível com nosso peso específico.

A medida que evoluem, os espíritos vão perdendo o corpo astral, tornando-se cada vez mais diáfanos à visão dos clarividentes, até o ponto de não poderem ser percebidos. Com o tempo e evolução, perdem totalmente esse corpo, ficando de posse apenas dos outros envoltórios espirituais mais sutis. Mas todos esses envoltórios perispírituais são, ao seu tempo, também abandonados, até restar unicamente o Espírito puro, na plenitude Crística. Neste estado os espíritos gozam da “visão de Deus”, como têm afirmado iluminados de todas as épocas.

b) Alimentos e “morte” do corpo astral

Nosso corpo astral perde energia constantemente, necessitando de suprimento energético para sua sustentação, tal qual o corpo físico. Mas a natureza desse alimento varia muito; vai dos caldos protéicos necessários aos espíritos muito materializados, fornecidos pelas casas de socorro no astral, até as quintessenciadas energias que alimentam os espíritos superiores, colhidas (através da prece) diretamente do infinito reservatório de energia cósmica.

Espíritos habitantes do astral inferior, ainda bastante animalizados, costumam comer até mesmo alimentos humanos. Se houver perda de energias sem a necessária reposição, principalmente em decorrência de paixões, o espírito pode perder o corpo astral; ficará reduzido a ovóide inativo, conforme nos relata André Luiz.

A forma normal de se perder esse corpo, no entanto, é por evolução; assim como se perde o corpo físico pela morte, perde-se também o astral. Os espíritos que já não o possuem mais, porque muito evoluídos, não podem ser vistos pelos moradores mais grosseiros desse plano – como já vimos.

Em síntese: a evolução faz com que nos afastemos cada vez mais de organizações densas, próprias da matéria, até abandoná-las por completo. A involução, por outro lado, pode também nos levar esse corpo – exatamente como se perde o corpo físico em consequência de vícios e paixões.

c) Fenômenos de desdobramento

Sob determinadas circunstâncias, artificiais ou naturais, pode o corpo astral separar-se do corpo físico, levando com ele todos os outros envoltórios e o próprio espírito. Normalmente, isso acontece durante o sono, quando o indivíduo perde a consciência e as funções vitais são rebaixadas ao mínimo indispensável às trocas metabólicas.

Muitos sensitivos podem se ausentar do corpo com muita facilidade, em transe espontâneo. Mas isso pode ocorrer também a pessoas comuns, em circunstâncias patológicas ou especiais, como choque emotivo fone, enfraquecimento por moléstias prolongadas, hemorragias volumosas, choques cirúrgicos e outros estados anômalos. As pessoas vão a lugares distantes. Podem descrevê-los, avaliar seus atos e os alheios, ter sensações físicas. Tudo isso no pleno gozo da consciência - graças à ligação com o cérebro físico, através do cordão de prata.

1.3.4 – Corpo Mental

Esse é o veículo de que se utiliza o Eu Cósmico para se manifestar como intelecto concreto e abstrato; nele, a vontade transforma-se em ação, depois da escolha subjacente ao ato volitivo. Campo do raciocínio elaborado, dele brotam os poderes da mente, os fenômenos da cognição, memória e de avaliação de nossos atos, pois que é sede da consciência ativa, manifestada. Enquanto do corpo astral fluem a sensibilidade física e as emoções, o veículo mental pode ser considerado fonte de intelectualidade.

De certa forma, o corpo mental ainda constitui invólucro inferior, pois padece da horizontalidade desses fenômenos ou funções a que se convencionou chamar “intelecto”. Somente em níveis superiores de consciência – em que estão presentes, no meio mais alto grau, as virtudes que resultam do efetivo amor por todos os seres – pode manifestar-se a espiritualidade mais elevada, nossa essência.

a) Mental concreto e mental abstrato

Esse campo, corpo ou dimensão do Homem-Espírito costuma ser dividido em dois, para melhor compreensão:

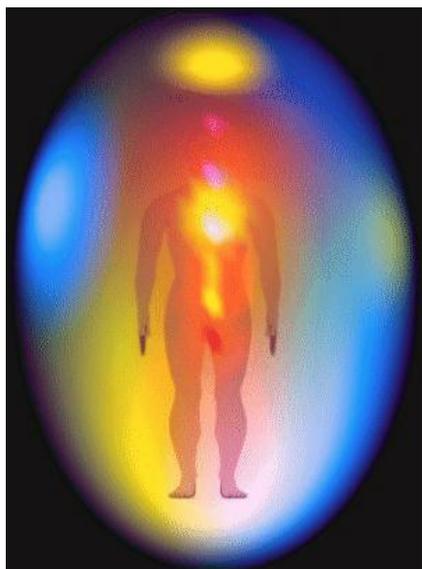
i) corpo mental concreto, chamado também de mental inferior – trata de percepções simples e bem objetivas, como, por exemplo, as de objetos materiais, pessoas, casas, veículos, etc.

ii) corpo mental abstrato, corpo causal ou mental superior – elabora e estrutura princípios e idéias abstratas, buscando sínteses ou conclusões, que, por sua vez, são geradoras de novas idéias – e assim ad *infinitum* – processo responsável pelo avanço científico e tecnológico, além de todo o nosso embasamento filosófico.

Exemplos:

- ❖ a percepção de um cubo através dos sentidos (conhecendo seu tamanho, cor, arestas, peso, cheiro, gosto e o som que possa fazer ao cair ou tocar outro objeto) constitui função típica do corpo mental concreto ou inferior. Ele registra aquilo que, exterior a nossa pele, impressiona nosso sistema nervoso;
- ❖ avaliar volume, área, peso e propriedades desse mesmo cubo, por comparação com outros objetos semelhantes ou através de método mais sofisticado; formular teorias geométricas, relacionando símbolos e leis: essas são algumas das funções típicas do corpo mental superior.

b) Aura – projeções mentais



O corpo mental tem forma aproximadamente ovóide, envolvendo o corpo físico. Suas porções periféricas constituem a aura, que tem tamanho e cores variáveis de acordo com a frequência dos campos vibratórios gerados pelos pensamentos. Para o clarividentes é fácil perceber o que se passa na mente das criaturas: pensamentos bons têm cores claras, cristalinas, brilhantes; os inferiores (ódio, inveja, maldade, vingança, etc.) apresentam cores escuras, densas e desagradáveis. A aura, portanto, revela a nota tônica do campo mental das pessoas. A energia da mente pode ser projetada no espaço através de estruturas conhecidas como formas-pensamento.

Constituídas de um núcleo de energia com forma modelada pela mente que as projeta, elas podem prejudicar ou beneficiar as pessoas que visam, conforme a vontade de quem as cria – consciente ou inconscientemente. Negativas, assumem formas de dardos, setas, projéteis ou campo turvo, por exemplo. Positivas, com mais eficiência, tomam as formas que o operador desejar; podemos, por exemplo, empregar a energia da mente também para beneficiar espíritos desencarnados, limpando-os, vestindo-os e alimentando-os, no objetivo de melhorar suas condições espirituais.

O campo natural dessa energia é o mental. Projetada, ela normalmente atua primeiro sobre o campo ou copo mental de outros seres, daí passando para os corpos ou campos astral e etérico, para, enfim, agir sobre o físico, já convertida em ação psicomotora. Se lançada com emoções, porém, revestir-se-á de massas magnéticas tanto mais densas e turvas quanto mais baixas (e negativas) forem as frequências vibratórias das emoções; nesses casos em que se inclui a geração de formas-pensamento, a energia mental emitida atingirá, primeiro e diretamente, o corpo astral da criatura visada, de onde passará para o etérico e, em seguida, o físico.

O pensamento é força viva – nunca esqueçamos. A energia que projeta é proporcional à potência da mente e à força de vontade do emissor.

1.3.5 - Corpo Buddhi

Quase nada se pode dizer sobre a estrutura vibratória mais próxima do espírito. Tão distante está esse corpo de nossos padrões físicos e de nossos meios de expressão, que não há com que compará-lo, descrevendo-o. É possível dizer que Buddhi é o perispírito na acepção etimológica do termo: constitui a primeira estrutura vibratória que, envolvendo o espírito, manifesta-o de modo ativo.

Há pouco tempo, no entanto, foi-nos permitido descobrir interessante propriedade dessa estrutura, que pode ser usada – e de modo bastante prático – no tratamento de encarnados e desencarnados (pois ambos são, antes de mais nada, espíritos).

Sendo esse corpo atemporal (como também o mental superior), vimos usando a técnica de atingir essa dimensão superior das criaturas, para, de lá, vasculhar seu passado. Temos conseguido detectar, assim, situações anômalas – vivências muito dolorosas sedimentadas no tempo, nos tenuíssimos estratos de um passado escondido, porque muito remoto, quando não remotíssimo. Estratos tenuíssimos, dissemos. Mas nem por isso inativos.

Em face das Lei Cósmica que tem seu enunciado mais simples na sentença “...teus pecados te encontrarão” (Num.32-23), toda a desarmonia provocada por um ser consciente passa a vibrar na consciência do transgressor até que se dissolva totalmente a anormalidade, o que abrange tanto causas como conseqüências. Como qualquer ato desarmonico tem força viva, o ambiente psíquico do agente da perturbação passa a apresentar a nota tônica da desarmonia.

Conforme já observamos exaustivamente, em tais casos, a pessoa perde o maior bem do espírito – a Paz. Sofre muito, chega a se considerar uma irremissível sofredora; sensação que, por sinal, denota o profundo enraizamento do mal de consciência que, não raro, já lhe afetou várias ou inúmeras existências.

Sufrimento assim profundo só se atenua ou resolve através da dissolução dos focos desarmônicos. E isso só pode ser conseguido, pelo que sabemos, de duas maneiras. Uma delas é a elevação espiritual do próprio transgressor, despertado para a vivência do Amor e da prática do bem aos seus semelhantes; a outra é a aplicação de técnica específica, com projeção de energias manipuladas por operadores capacitados.

1.3.6 - Corpo átmico ou espírito-essência

Haveria alguma forma de definir Aquilo que, por definição, transcende símbolos e palavras?

Qualquer tentativa de descrever o que designamos por “Espírito” resultará deficiente, porque, para isso, a ineficácia das palavras tem sido comprovada ao longo dos milênios e sucessivas civilizações.

Clássicos, contudo, e milenares, os conceitos da filosofia védica continuam os mais esclarecedores, por sua transparência. Segundo os Vedas, o Ser Uno e Universal – Brahman (o Imanifestado), transcendente e eterno – ao se manifestar, torna-se imanente em sua temporária Ação; o indivíduos dele emanados contêm sua Essência, assim como o Pensador está em seus pensamentos. O Absoluto, o Universal, manifesta-se em cada um dos seres individualizados, por menores que sejam; mas exatamente por ser Absoluto, e, assim, escapar a todo entendimento humano, transcende a tudo que tem existência.

A esse onipresente Absoluto, manifestado e manifestando cada indivíduo, dá-se o nome de Atman ou Espírito. O “corpo” átmico ou “espírito” puro, esse Eu Cósmico constitui a Essência Divina em cada ser criado. Somos idênticos a Deus pelo Ser (Essência), mas diferentes d’Ele pelo existir: Deus não “existe”; Deus É, eternamente presente.

Não deve ter sido por outra razão que Jesus disse: “Vós sois Deuses”. Uma vez ensinava certo guru para um discípulo, que se sentia deprimido frente a dificuldade da existência:

“Deves ver-te como de falto és: um espírito em roupagem terrena. A verdadeira pessoa, o ‘Eu’ que és, não é esse teu corpo, como eu não sou este meu corpo – coisas frágeis e sofredoras. Somos Espíritos imorais e divinos. Fortes e indestrutíveis. Sempre tendentes a melhorar, a aperfeiçoar, a apurar nossas qualidades. Estamos neste momento em missão aqui na Terra, que não sabemos qual seja, mas que fatalmente será para o nosso bem”.

QUADRO RESUMO

Constituição Humana						
	Terminologia esotérica	Terminologia Budista	Função	Irradia	Estrutura Causal	
Plano Divino	Espírito Puro Atma Eu Cósmico	Luz	Princípio fundamental coordenando todo o agregado celular físico, os corpos intermediários espirituais e sua ligação com o plano divino	O princípio divino de pensamento puro	Arupa (sem forma)	
Plano Espiritual	Plano superior da alma	Buddhi	Consciência sintetizadora. Foco da individualidade do espírito manifestado. Princípio da Força Criadora.	Pensamento criador - o Verbo. A alma espiritual intuitiva e moral	Corpo espiritual	Ternário Superior Eu cósmico Individualidade
	Mental Abstrato	Manas Superior	Veículo das manifestações volitivas. Alma inlectiva, inteligente	Inteligência que modela as estruturas dos outros corpos inferiores a ela	Corpo causal	
	Mental Concreto	Manas Inferior	Alma das percepções simples, da consciência	Pensamento concreto	Corpo mental	
Plano Intermediário	Astral (corpo mais inferior do espírito)	Karma Rupa	Alma animal intuitiva e passional, onde se dá a transformação da força física em força psíquica. Organismo das sensações.	Alma da força ativa. Emoções	Corpo Astral	
Plano Físico	Duplo Etérico	Linga-sharira	Coordenador da vitalidade e sua distribuição a todas as células. A excitação, a irritabilidade nervosa, o 'prana' são coordenados por essa organização fisiológica. Intermediário entre o corpo denso e o plano astral.	Vitalização para o corpo físico, a saúde	Corpo etérico	Quaternário Inferior Ego Personalidade
	Corpo físico	Stula-sharira	Suporte material do espírito encarnado. Meio de que ele dispõe para atuar sobre a matéria	Atividade através da ação psicomotora. Vitalidade fisiológica	Corpo físico	

1.4 – Exercícios de Revisão e Aprofundamento

a) Cite pelo menos duas características do duplo etérico.

b) Qual a relação entre o duplo etérico e a mediunidade?

c) Qual a diferença entre o conceito de perispírito na conceituação kardequiana e na esotérica?

d) Qual a diferença entre mental concreto e mental abstrato?

e) O que é a 2ª Morte ?

e) Busque ler o livro “Materializações Luminosas”, de R. A. Ranieri e pesquise sobre a vida do médium conhecido como Peixotinho. Explique abaixo como se dá o fenômeno da materialização espiritual.

CAPÍTULO 2 - CHACRAS OU CENTROS DE FORÇA

“Segundo admitimos, o padrão ideal para a convivência pacífica entre as criaturas da Terra, está contido naquele inesquecível mandamento de Jesus Cristo: "Amai-vos uns aos outros, como eu vos amei". Quando este preceito for praticado, certamente usufruiremos a felicidade do Mundo Melhor com que todos sonhamos.”

(Chico Xavier)



2.1 - Histórico, definição e características

A palavra CHACRA vem do sânscrito e significa roda. Chacras são centros de força, em forma de vórtices ou redemoinhos, situados no duplo etérico. Foram estudados e descritos inicialmente pelos hindus há muitos séculos e, desde então, vêm sendo adotados e adaptados pelas mais diversas correntes filosófico-religiosas.

Edgard Armond, no livro *Passes e Radiações*, diz que no perispírito, o sistema nervoso liga-se através dos plexos e gânglios, a uma série de centros de força, denominados chacras na literatura oriental.

Os plexos, estão situados no corpo físico; são conjuntos e aglomerados de nervos e gânglios do sistema vago-simpático que regula a vida vegetativa do corpo humano.

Os centros de força, ao contrário, são estações de força espiritual ou fluídica no perispírito (no corpo etéreo); formam um campo eletromagnético utilizado pelo espírito e funcionam em plena ligação com os plexos do corpo material.

Segundo Hiroshi Motoyama, em seu livro *Teoria dos Chacras*, nos estágios preliminares do despertar, os chacras são habitualmente percebidos como círculos de luz, ou auras localizadas, de várias cores.

E Barbara Ann Brennan, no livro já citado, diz que quando os chacras funcionam normalmente, cada qual está aberto e gira na direção dos ponteiros do relógio, a fim de metabolizar as energias necessárias do campo universal. Um giro no sentido dos ponteiros do relógio tira energia do Campo de Energia Universal (CEU), para o chacra, de maneira muito semelhante à da regra da mão direita no eletromagnetismo...

Assim, classificamos o chacra de aberto às energias que entram. Quando um chacra gira num movimento contrário ao dos ponteiros do relógio, a corrente flui para fora do corpo e, desse modo, interfere no metabolismo. Nessas condições, classificamos o chacra de fechado.

2.2 - Funções físicas e psicofísicas

A principal função dos chacras é absorver energias do ambiente para o corpo físico e o campo energético do ser encarnado. Eles servem também como ligação entre o psicossoma (perispírito) e o corpo físico.

Edgard Armond, no livro supracitado, diz que os chacras são acumuladores e distribuidores de força espiritual, situados no corpo etéreo, pelos quais transitam os fluidos energéticos de uns para outros dos envoltórios exteriores do espírito encarnado.

E Motoyama, no livro já citado, diz que além de centro de controle em cada dimensão, o chacra funciona como centro de intercâmbio entre as dimensões física e astral, e entre as dimensões astral e causal.

Através dos chacras, o prana sutil no corpo astral pode ser transformado, por exemplo, em energia para a dimensão física, fornecendo, assim, ao corpo físico, essencial energia de vida.

Acredita-se ainda que a energia física pode ser transformada em energia astral por meio da atividade dos chacras, e que a energia física pode ser convertida em energia psicológica, dentro da dimensão física.

Portanto, o chacra é considerado como um intermediário de transferência e conversão de energia entre duas dimensões vizinhas do ser, tanto como um centro proporciona a conversão de energia entre um corpo e sua mente correspondente.

Quando os chacras são despertados e ativados, o homem não apenas se torna ciente das esferas superiores da existência, mas também adquire o poder de entrar nessas esferas, e então, em contrapartida, fortalece e dá vida às dimensões inferiores.

As forças espirituais e as cósmicas, vindas do Espaço ou da Terra, penetram nos centros de força situados no duplo etérico, daí passam aos plexos orgânicos e destes aos nervos, transitando, assim, por todo o organismo.

As energias que fluem pelos centros de força possuem uma determinada medida de onda e cor, movendo-se por ondulações.

Segundo as influências que exercem, os centros de força possuem cores diferentes, predominando, em cada um deles, aquela que corresponde à sua natureza e atividade fundamental. Ainda segundo essa natureza e a disposição que guardam no conjunto humano, podem ser:

- a) Fisiológicos — básico, genésico e gástrico;
- b) Emocionais — cardíaco e laríngeo;
- c) Espirituais — frontal e coronário.

Estes últimos mantêm estreitas ligações com as glândulas epífise e hipófise (pineal e pituitária) e funcionam como elementos de ligação com o mundo espiritual superior, como já dissemos.

Alimentação sóbria, abstenção de tóxicos e outros fatores, influem sobremodo no trânsito livre e desembaraçado das energias pelo binômio centro de força-plexo; isto é muito importante para aqueles que dão passes e que necessitam manter sempre suas próprias forças em perfeito ritmo e capacidade.

Os medicamentos materiais agem sobre as vísceras, músculos e nervos, mas as energias fluídicas e magnéticas agem sobre os centros de força diretamente.

A força primária penetra pelo centro básico, desperta os demais centros e, em certos casos, provoca sua reativação. Em alguns indivíduos, os centros frontal e coronário se confundem na aparência, visto que as duas glândulas, pituitária e pineal, estão no corpo físico, quase juntas.

No corpo físico, os órgãos dos sentidos recebem as impressões exteriores e as transmitem ao cérebro, para o conhecimento do Espírito; porém, no perispírito, há matéria própria a receber e transmitir as impressões ou vibrações procedentes do exterior e este é o segredo da compreensão da quarta dimensão: o Espírito vê e sente em todos os sentidos, sem necessidade de localização, porque no seu envoltório, em todo ele, há células capazes de receber e transmitir tais impressões.

Cada centro de força, despertando, aumenta as possibilidades dos sentidos físicos e espirituais, como também de faculdades psíquicas ou mediúnicas; cada um que desperta ou se desenvolve torna o Espírito capaz de perceber novas ordens de vibrações.

Como os centros de força funcionam no plano espiritual, nem sempre podem transmitir ao corpo físico, à consciência física desperta no meio físico, as impressões que lá estão constantemente recebendo; há fronteiras vibratórias que impedem a transmissão: uma espécie de cortina vibratória isoladora, que protege o corpo físico dos choques constantes e muitas vezes perniciosos dessas impressões.

Nos médiuns, as faculdades podem ser despertadas por alterações introduzidas em seu corpo perispiritual pela ação da força primária dirigida; porém, o desenvolvimento prematuro dos centros de força por esse processo, sobretudo o genésico, é altamente condenável e perigoso, podendo produzir perturbações sérias. Nenhuma prática neste sentido deve ser aconselhada a não ser a do desenvolvimento gradual e paralelo das forças morais, visando a evangelização do indivíduo.

O forçamento dos centros de força, sua manipulação empírica ou que ultrapasse certos limites, no plano material, desequilibram os órgãos correspondentes e, no espiritual, produzem distúrbios psíquicos e obsessões.

Por outro lado, seu esvaziamento e apatia produzem enfraquecimento orgânico e psíquico, pela interrupção do fluxo de energias vitais sustentadoras do metabolismo fluídico geral.

O corpo humano é um universo em miniatura, de fundo essencialmente dinâmico, formado de energia condensada em células vivas e inteligentes, agrupadas em colônias de hierarquias vibratórias diferentes, que se especializam para formar órgãos, aparelhos e sistemas, cada qual com suas características, movimentos e finalidades próprios, e todos ligados entre si pelo sistema nervoso; e que nesse maravilhoso conjunto, a função espiritual depende grandemente deste sistema nervoso que é o grande regulador de todas as tensões, relações e movimentos; e, finalmente, que o Espírito encarnado utiliza-se desse organismo agindo, diretamente, pelo cérebro ou, indiretamente, pelos plexos.

2.3 - Plexos

Plexo, derivado do latim, “plessus”, quer dizer enlaçamento. Entrelaçamento de muitas ramificações de nervos ou filetes musculares, vasculares. O Sistema Nervoso é complexo e permeia todo o corpo físico denso em verdadeiro cipoal de linhas, pois as células se tocam, uma na outra, pelos dendritos, e os nervos formam “cordões”.

No entanto, em certos pontos do corpo as células nervosas formam uma espécie de rede compacta, entrecruzando-se abundantemente, em conglomerados complexos e emaranhados, que parecem nós de uma linha embaraçada. A medicina chama a esses pontos plexos nervosos. Existem bastante no corpo, mas alguns são considerados de maior importância, pela localização e pelo trabalho que realizam. A localização dos Centros de Força no perispírito corresponde à dos plexos no corpo físico. Os Centros de Força e os plexos vibram em sintonia uns com os outros ao poder da mente, que os dirige.

CARACTERÍSTICAS DO FUNCIONAMENTO DOS CHACRAS				
Indivíduo	Aspecto e funcionamento	Diâmetro	Cores	Função
Primitivo e rudimentar	Lentos com giro emperrado	Reduzido, cerca de 5 cm	Por vezes escuras e oleosas	Só atendem as necessidades vitais do duplo etérico e do corpo físico
Espiritualmente bem desenvolvido	Formosos, brilhantes, esplendorosos, translúcidos, dinâmicos, potentes e acelerados	Ampliado, com 15 e até 25 cm	Tons coloridos, fascinantes	Canalizam maior quantidade de energias vitais e psíquicas que facilitam o desenvolvimento das faculdades do espírito

2.4 - Os chacras principais

A tradição hindu descreve sete chacras principais com as seguintes características e funções:

a) Chakra fundamental ou básico

Localizado na base da coluna, entre as pernas, sobre o períneo, está ligado às glândulas suprarrenais e se relaciona aos instintos. Controla também as funções vegetativas do corpo humano e é responsável pela captação de Kundalini, a energia magnética da Terra. Sua cor principal é o vermelho e os clarividentes o descrevem com 4 pétalas.

Esse chakra é responsável pelos órgãos reprodutores e das emoções daí advindas. Como nos diz André Luiz, nele se assenta o santuário do sexo. É responsável não só pela modelagem de novos corpos físicos como pelos estímulos criadores com vistas ao trabalho, à realização e associação entre as almas. São essas energias sexuais quando equilibradas que levam os homens a pesquisar no campo da Ciência e da Tecnologia, com vistas a descobrir remédios, vacinas, inventar aparelhos e máquinas que visem a melhorar a qualidade de vida dos homens. Essa força, que revigora o sexo, pode ser transformada em vigor mental, alimentando outros Centros de Força. Leva a pessoa a criar no ramo das artes, da literatura ou a outras atividades no campo cultural.

No corpo físico corresponde ao Plexo Sacro, com seis pares de nervos sagrados, de onde sai o nervo ciático para as pernas. Regula as atividades ligadas ao sexo e a reprodução. Relaciona-se com os plexos sacro e lombar.

Este centro quando usado apenas para satisfação dos desejos inferiores, pode tornar-se fator de desequilíbrio; quando usado com sabedoria e dignidade, para o amor, representa a energia fundamental da vida. Grande número de abusos e desvios sexuais é causado pelo desequilíbrio desse chakra que levam as pessoas a desregramentos.

As pessoas que já conseguem viver em regime de castidade, sem tormento mental, podem canalizar estas energias para o trabalho em benefício do próximo.

b) Chakra genésico ou sexual

Localizado no baixo ventre, está ligado às gônadas (ovários, na mulher; testículos, no homem), sendo responsável pelo aparelho genitor-urinário, pelas funções sexuais e reprodutivas, estando também intimamente ligado ao chakra básico, especialmente na gravidez, para formação do novo corpo do reencarnante. Sua cor principal é o laranja e os clarividentes o descrevem com seis pétalas. É considerado o chakra da alegria.

c) Chakra gástrico ou umbilical

Localizado cerca de 1 cm acima do umbigo, está ligado ao pâncreas e é responsável pelas funções do sistema digestório. Sua cor principal é o amarelo e os clarividentes lhe atribuem dez pétalas. É considerado o chakra das emoções e, por isso mesmo, bastante visado por entidades desequilibradas e também nos trabalhos de desobsessão.

Sua principal função é ativar o processo metabólico, vitaliza o esôfago, estômago, pâncreas, fígado, vesícula, intestinos (todos os órgãos do aparelho digestivo), com exceção do baço.

Quando este chakra é muito desenvolvido, o homem aumenta sua percepção das sensações alheias, pois adquire um tato instintivo ou sensibilidade espiritual incomum, que o faz aperceber-se das emanções hostis existentes no ambiente onde atua, e também as vibrações afetivas que pairam no ar. Portanto, este chakra ativa as percepções e sensibilidades de identificar energias.

d) Chakra Esplênico

Situado na altura do baço. É um dos responsáveis pela vitalização do organismo, absorvendo intensamente a energia vibratória e distribuindo-a. Regula a circulação dos elementos vitais cósmicos que após circularem, eliminam-se pelos poros. Ligam-se ao Esplênico, as entidades que visam sugar a energia vital da criatura e a estes espíritos denominamos de “vampiros”, em um sentido subjetivo mas de resultados objetivos.

No corpo físico corresponde ao Plexo lombar, formado pelos nervos lombares e atingindo os rins. Quando o paciente está sob o domínio de Entidades vampirizadoras, apresentará repercussão em toda a região lombar, abdominal e, às vezes, genital, com tremores nas pernas, palidez acentuada e sensação de fraqueza geral. Responsável pelo funcionamento do baço, pela formação e reposição das defesas orgânicas através do sangue.

e) Chakra cardíaco

Localizado no centro do peito, está ligado à glândula timo, sendo responsável pelo sistema cárdio-respiratório. Tem doze pétalas e sua cor principal é o verde ou o rosa. É o chakra dos sentimentos. Diz respeito ao princípio espiritual do ser; governa o sistema circulatório. Nas criaturas menos evoluídas deixa-se influenciar pelas vibrações do Gástrico que transfere ao Centro de Força Cardíaco as emoções descontroladas e inferiores.

É pelo Centro de Força Cardíaco, que se ligam os mentores dos médiuns, quando estes “incorporam”, sobretudo para trabalhos de passes e curas e para todos os que afetam o sentimento de amor. Este é o chakra que vibra fortemente quando sentimos simpatia, empatia, amor, piedade ou compaixão por nossos semelhantes.

Ele é também utilizado pelos Espíritos para os efeitos físicos, pois atua na corrente sangüínea, produzindo maior abundância de plasmas e exteriorizando-os (ectoplasma) pelos orifícios do corpo do médium (boca, nariz, ouvidos, etc...). Com esse ectoplasma se formam as materializações.

f) Chakra laríngeo

Localizado sobre a garganta, está ligado às glândulas tireóides e paratireóides, sendo responsável pelo metabolismo, pela boca, os dentes, a garganta e as vias aéreas superiores. Tem o azul celeste como cor principal e apresenta 16 pétalas. Está relacionado à comunicação e à expressão e tem grande atuação na mediunidade de psicofonia e na clariaudiência.

É um Centro de Força muito desenvolvido nos grandes cantores e oradores. Ele apura não só a emissão da voz, que se torna agradável e musical, como ainda das palavras. Neste Centro de Força se liga por fio fluídico os espíritos que dão mensagens psicofônicas, na chamada incorporação ou psicofonia, quando o médium reproduz até mesmo, por vezes, a voz do espírito, seu sotaque e, em alguns casos, a língua original do comunicante, desconhecida pelo médium, no fenômeno denominado xenoglossia.

Controla, também, o chamado “passe de sopro”, fornecendo energia ao ar expelido pelos pulmões do médium.

g) Chakra da testa ou frontal

Localizado no centro da testa, um pouco acima das sobrancelhas, está ligado à glândula hipófise ou pituitária, e é responsável pelos olhos e nariz, além de comandar todos os outros chacras. Sua cor principal é o azul índigo e é descrito tendo 96 pétalas. Está relacionado às atividades mentais, como raciocínio, memória, lucidez e intelecto, atuando diretamente na clarividência e na intuição.

É responsável pela vidência e audiência. E é, ainda, responsável pela integração, síntese, clareza de raciocínio e pela percepção intelectual.

No corpo físico é formado por 3 pares de gânglios intracranianos, no trajeto dos trigêmeos. Ele tem grande atividade na recepção mediúnica quando impressionado pelo Centro de Força Frontal. É também chamado de Plexo Craniano. Tem ligação direta com a hipófise, sensibilizando toda a região otorrino-oftalmológica, despertando odores e estimulando outras glândulas endócrinas que aumentam a produção hormonal.

A principal função deste Centro é desenvolver no homem a intelectualidade e a evolução espiritual. Tem grande influência sobre os demais. Relaciona-se materialmente com os lobos frontais do cérebro. Trabalha em movimentos sincrônicos e de sintonia com o Centro Coronário, do qual recolhe os estímulos mentais, transmitindo impulsos e anseios, ordens e sugestões aos órgãos e tecidos, células e implementos do corpo por que se expressa.

h) Chakra da coroa ou coronário

Localizado no alto da cabeça, relaciona-se materialmente com a epífise ou glândula pineal. Está instalado na região central do cérebro. A auréola dos santos, retratada por muitos artistas, representa a irradiação luminosa do centro coronário. Este chakra controla a irrigação energética do cérebro e de todo o sistema nervoso. Sua cor principal é o violeta e apresenta mais de 900 pétalas, sendo, por isso mesmo, chamado de o lótus das mil pétalas pelos hindus. É o chakra de ligação com o mundo superior e com o cosmos, captando as energias sutis necessárias para o bom funcionamento do organismo. Atua diretamente na telepatia e em todas as mediunidades.

No livro “Entre a Terra e o Céu”, diz André Luiz: “(...) por expressão máxima do veículo que nos serve presentemente, o Centro Coronário, que na Terra, é considerado pela filosofia hindu como sendo o lótus de mil-pétalas, pode ser o mais significativo em razão do seu alto potencial de radiações, de vez que nele assenta a ligação com a mente, fulgurante sede da consciência. Este Centro recebe em primeiro lugar os estímulos do espírito, comandando os demais, vibrando todavia com ele em justo regime de interdependência. Dele emanam as energias de sustentação do sistema nervoso sendo o responsável pela alimentação das células do pensamento e o provedor de todos os recursos eletromagnéticos indispensáveis à estabilidade orgânica. É, por isso, o grande assimilador das energias solares e dos raios da Espiritualidade Superior capazes de favorecer a sublimação da alma.”

O Chakra coronário é a sede da perfeição maior no homem. Nele vivemos e nos sentimos em Deus. Quando o chakra coronário começa a se abrir, você experimenta cada vez mais aqueles momentos em que a separação entre o ser interior e a vida exterior é anulada. Sua consciência fica totalmente quieta e plena. Com o crescente desdobramento do chakra coronário, esses momentos ocorrem com maior frequência e se tornam cada vez mais claros, até se transformarem numa realidade permanente, não havendo então nenhum retrocesso em sua evolução. Ocorre a Felicidade pura. Quando você não se abre para as realidades espirituais, mantendo esse chakra menos desenvolvido, poderão aparecer sentimentos de insegurança e de desorientação, talvez você sinta uma certa insensatez em sua vida e provável até que surja o medo da morte, impelindo a você criar mecanismos de fuga através de novas atividades, ou se impondo mais responsabilidades.

2.5 - Divergências de sistemas

Dentre os chacras secundários, um ganhou status de chakra principal quando o Reverendo Charles Leadbeater, ao estudar o sistema hindu, por motivos pessoais, considerou inadequado e perigoso citar ou trabalhar o chakra sexual, substituindo-o pelo do baço, que passou a chamar de esplênico (do inglês SPLEN, que significa baço).

O baço tem um chakra próprio, cuja função é captar fluido vital, mas não é um dos principais, já que não está ligada a nenhuma glândula endócrina, como todos os sete do sistema hindu.

Por conta dessa substituição, vamos encontrar muitas divergências na descrição e nomenclatura dos chacras principais, entre os diversos pesquisadores que os estudaram. No entanto, parece ser mais lógico tomar como referência o sistema hindu, mais antigo e coerente. Além disso, o estudo mais aprofundado nos leva a perceber diversas correlações para os sete chacras principais do sistema hindu, as quais não aparecem para os chacras secundários, inclusive o esplênico.

Até hoje, uma das melhores sínteses e adaptações de sistemas no Ocidente parece ter sido a de Edgard Armond, quando incluiu o estudo dos chacras na FEESP, na década de 40, conforme está em seus livros *Psiquismo e Cromoterapia* e *Passes e Radiações*. Armond estabeleceu um sistema de oito chacras principais, considerando tanto o sexual (ou genésico), que Leadbeater havia suprimido, quanto o esplênico, que Leadbeater havia promovido à categoria de principal, no lugar do sexual. Dessa forma, todos os chacras mais conhecidos passaram a ser considerados em seu devido lugar e função.

2.6 - Os chacras menores ou secundários

Além dos sete chacras principais, temos vários chacras secundários espalhados pelo corpo, dos quais destacamos os seguintes:

- ❖ nuca e ombros
- ❖ olhos, nariz, ouvidos e têmporas
- ❖ mãos, pulsos, cotovelos e axilas
- ❖ pés, tornozelos, joelhos e nádegas
- ❖ mamilos e órgãos sexuais
- ❖ estômago, fígado e baço
- ❖ céu da boca, ponta da língua, etc.

A bem da verdade, cada poro poderia ser considerado um microchakra, de modo que todo o nosso corpo está coberto por minúsculos pontos de captação e distribuição de energias.

2.7 - Chacras, espiritualidade e mediunidade

Os centros de força desempenham papel fundamental em relação a mediunidade. Quando nossa reencarnação é planejada no plano espiritual, nossos centros de força são preparados com a velocidade compatível com a mediunidade que vamos ter. O aceleração vibratório também pode se dar durante a encarnação, com a entrada de mais energia espiritual através do centro de força coronário e ou de energia mais densa através do centro de força básico.

O aceleração dos centros de força deve se dar de forma natural e progressiva à medida que o homem promover o seu próprio crescimento espiritual. Ao despertar o centro de força coronário através da nossa espiritualização, de forma natural, irrigaremos com mais intensidade os demais centros de força com energia espiritual, ativando nossas percepções espirituais de cima para baixo, dessa forma não correremos risco algum. Ao despertar o centro de força básico (em sânscrito, chakra muladhara), de forma equivocada, ativaremos nossas percepções espirituais de baixo para cima, irrigando com mais intensidade os demais centros de força com energia física, e passaremos a correr muitos riscos que poderão nos levar a sérios desequilíbrios.

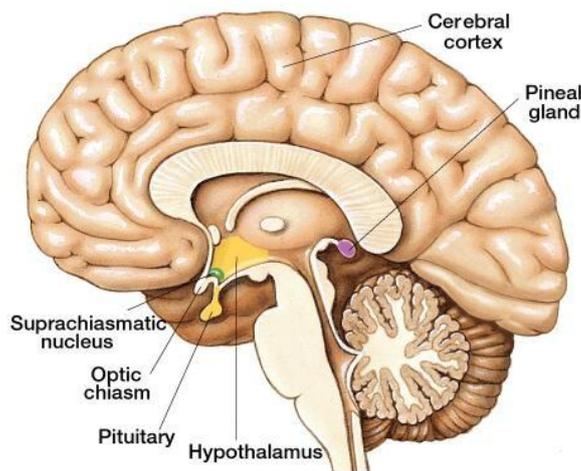
O estudo, o conhecimento e o trabalho com os chacras se reveste de importância especial para todos os médiuns que desejam aperfeiçoar sua prática mediúnica ou energética, por ser possível perceber, identificar, captar, transformar, emitir, irradiar e equilibrar energias apenas pela sua movimentação, aliada à elevação de sentimentos e pensamentos.

Além disso, os chacras podem também facilitar, melhorar e intensificar, com segurança, o intercâmbio com o mundo espiritual, além de servir de radares energéticos naturais, capazes de captar variações de energia em diversas situações.

Mesmo os chacras secundários têm um papel especial na prática mediúnica, já que em vários deles se fazem as ligações para o transe mediúnico, como os chacras dos ombros e da nuca e outros atuam diretamente na transmissão dos passes, como os chacras das mãos.

A interligação entre os centros de força do perispírito, do duplo etérico e os plexos nervosos do corpo físico acontece através de laços fluídicos. Internamente, em cada corpo, os centros de força se interligam por canais fluídicos, similar as veias do corpo físico que transportam sangue, e nos corpos sutis, estes canais transportam energias. Estes canais são conhecidos nas doutrinas esotéricas pelo termo sânscrito **“nadis”**.

2.8 – Pineal: A glândula da vida espiritual



Epífise neural ou **glândula pineal** ou simplesmente **pineal** é uma pequena glândula endócrina localizada perto do centro do cérebro, entre os dois hemisférios. Apesar das funções desta glândula serem muito discutidas, parece não haver dúvidas quanto ao importante papel que ela exerce na regulação dos chamados ciclos circadianos, que são os ciclos vitais (principalmente o sono) e no controle das atividades sexuais e de reprodução. Em torno do 4º e 5º mês de vida intra-uterina a glândula Pineal já apresenta células e tecido de sustentação, alcançando 2mm de diâmetro. Durante este período, via de regra o espírito reencarnante começa a perder a consciência atingindo rapidamente a total inconsciência. À medida que o desenvolvimento da Pineal se processa cada vez mais se acentua a união com as energias espirituais que impulsionam todo o desenvolvimento fetal modelado pelas matrizes perispirituais.

As modificações que ocorrem na glândula pineal são observáveis até os dois anos de idade. Daí até 6 ou 7 anos, as transformações são muito lentas. É exatamente neste período entre 6 ou 7 anos que a reencarnação poderia ser considerada como definitiva, pois o espírito passa a ter fixação completa ao organismo biológico e principalmente à Pineal. Ela é um órgão cronobiológico, um relógio interno. Como ela faz isso? Captando as radiações do sol e da lua. A pineal obedece a estímulos externos e internos.

Por exemplo, o Sol é um estímulo externos que regem as noções de tempo e que influencia a pineal, regendo o ciclo de sono e de vigília, quando esta glândula secreta o hormônio Melatonina. Isso dá ao organismo a referência de horário. Os estímulo internos são os genes, trazendo o perfil de ritmo regular de cada pessoa. Para termos um sono reparador é necessário que a Melatonina seja secretada adequadamente pela pineal e supõe-se ainda que outras funções sejam exercidas por este hormônio, tais como a de regulação térmica do organismo e alterações do comportamento sexual.

Biologicamente, a Glândula Pineal conserva ascendência em todo o sistema endócrino, agindo como uma espécie de supervisora em relação a outras glândulas. Influi sobre o corpo variando o grau de reação aos raios de luz, isto é, controla a sensibilidade da cor à luz. Regula a cor da pele, fazendo variar o grau de reação aos raios luminosos, isto é, controla a ação da luz sobre o pigmento da pele.

A pineal também contribui para o desenvolvimento normal físico e mental das células cerebrais e das células dos órgãos de reprodução. Apesar de um grande número de substâncias neurotransmissoras, como dopamina, octopamina, serotonina e outras poderem ser extraídas da pineal, a única substância abundante e biologicamente ativa secretada por ela é a **Melatonina**. Também produz naturalmente traços do químico dimetiltriptamina (ou DMT), que é alucinógeno (encontrado no chá Ayahuasca).

A produção da Melatonina esta diretamente ligada à presença da luz. Quando a luz incide na retina o nervo óptico e as demais conexões neuronais levam até a glândula pineal essas informações inibindo a produção do hormônio. A maior produção da Melatonina ocorre à noite, entre 2:00 e 3:00 horas da manhã, num ritmo de vida normal, e esta produção aumentada produz sono.

Achamos muito importante dizer, que o hormônio Melatonina é fundamental no processo mediúnico. A produção de Melatonina pela epífise aumenta no escuro. É por essa razão que recomenda-se nas reuniões mediúnicas a diminuição da claridade. Portanto, diminuir a claridade nas reuniões mediúnicas tem base científica, não é nenhuma invenção ou condicionamento.

A revelação espiritual informa ser a epífise a glândula da vida mental e elo com a espiritualidade. Toda a energia mental absorvida e produzida pelo espírito transita nesta região, e por essa razão, a epífise funciona como o mais avançado laboratório de elementos psíquicos da criatura terrestre. Na pineal é que as expansões energéticas do perispírito prendem-se mais profundamente. Não existem duas pessoas com uma Pineal igual a outra, como nas impressões digitais.

Dr. Sérgio Felipe de Oliveira, médico, pesquisador do Instituto de Ciências Biomédicas da Universidade de São Paulo, em seu estudo sobre a pineal, chegou à seguinte conclusão: *"A pineal é um sensor capaz de 'ver' o mundo espiritual"* É uma glândula, portanto, que 'vive' o dualismo espírito-matéria. O cérebro capta o magnetismo externo através da glândula pineal". Outro cientista, Levdig, expressou-se de forma semelhante ao dizer que a glândula Pineal seria o órgão responsável pelo "sexto sentido" .

Dr. Sérgio Felipe esclarece ainda:

"A glândula pineal é uma estrutura cinza-avermelhada do tamanho aproximado de uma ervilha (8 mm em humanos), facilmente visível em radiografias simples de crânio devido a um tipo de calcificação existente nela. Na verdade, alguns pesquisadores defendem a tese de que a pineal não se calcifica; ela forma cristais de apatita, independente da pessoa. Estes cristais têm a ver com o perfil da função da glândula. Uma criança pode ter estes cristais na pineal em grande quantidade enquanto um adulto pode não ter nada.

Percebemos, pelas pesquisas, que quando um adulto tem muito destes cristais na pineal, ele tem mais facilidade de seqüestrar campos eletromagnéticos, essas vibrações eletromagnéticas chegam num cristal e ele é repellido e rebatido pelos outros cristais, e este indivíduo então apresenta mais facilidade no fenômeno da incorporação. Ele incorpora o campo com as informações do universo mental de outrem. Observamos também que quando o paciente tem muita facilidade de desdobramento, ele não apresenta estes cristais.

Os cristais de apatita (um dos poucos minerais produzidos por sistemas biológicos), vibram conforme as ondas eletromagnéticas que captam, o que explicaria a regulação do ciclo menstrual conforme as fases da lua, ou a orientação de uma andorinha em suas migrações. No ser humano, torna-se capaz de interagir com outras áreas do cérebro como o córtex cerebral, por exemplo, que é capaz de decodificar essas informações. Já nos outros animais, essa interação seria menos desenvolvida. Esta teoria pretende explicar fenômenos paranormais como a clarividência, a telepatia e a mediunidade.

Todos os animais têm essa glândula; ela os orienta nos processos migratórios, por exemplo, pois ela sintoniza com este tipo de campo magnético. Nos animais, a glândula pineal tem fotorreceptores iguais aos presentes na retina dos olhos, porque a origem biológica da pineal é a mesma dos olhos, é um terceiro olho, literalmente.

Quando a espiritualidade se comunica é através de emissões eletromagnéticas, essas emissões são captadas pela pineal que depois é convertido, em estímulos eletroneuroquímicos; e apesar dessa alegações de que a pineal seria uma "antena" por onde a alma transmitiria os pensamentos para o cérebro, a extração completa da glândula por cirurgia, realizada em casos de tumores benignos ou malignos, não leva a morte ou qualquer alteração na capacidade de pensamento.

A pineal não explica integralmente o fenômeno mediúnico, como simplesmente os olhos não explicam a visão. Você pode ter os olhos perfeitos, mas não ter a área cerebral que interprete aquela imagem. É como um computador: você pode ter todos os programas em ordem, mas se a tela não funciona, você não vê nada. A pineal, no que diz respeito à mediunidade, capta o campo eletromagnético, impregnado de informações, como se fosse um telefone celular. Mas tudo isso tem que ser interpretado em áreas cerebrais, como por exemplo, o córtex frontal. Um papagaio tem a pineal, mas não vai receber um espírito, porque ele não tem uma área no cérebro que lhe permita fazer um julgamento. A mediunidade é uma função de senso - percepção (faz a crítica do que está acontecendo). Então, a ela não basta a existência da glândula pineal, mas sim, todo o cone que vai até o córtex frontal, que é onde você faz a crítica daquilo que absorve. Então, a mediunidade é uma função humana.

Algumas correntes defendem que o Ajna (chakra frontal) origina-se a partir da glândula pineal, muito embora outras, através do livro "Os Chakras", de Leadbeater, fale que na maioria dos indivíduos o vórtice dos Chakras Coronário e Ajna convergem para a glândula pituitária, mas em alguns casos (médiuns? sensitivos?) o Coronário se inclina até a pineal. Confusão estabelecida, a

maioria da bibliografia consultada encontramos o seguinte: “a relação dos chakras com glândulas é, segundo conhecimentos mais recentes, e médicos espiritualistas de alto discernimento, uma relação simbólica, por equivalência de funcionalidade. E ainda assim indireta, uma vez que os chakras se ligariam aos plexos, e estes sim às glândulas endócrinas”.

Então, ao meu ver, parece ser uma questão de discutir o sexo dos anjos, já que a coisa toda é metafísica, energética, e não física. Seja como for, para explicar de uma forma didática e prática, o Ajna atua sobre a glândula HIPÓFISE (pituitária, embaixo), enquanto o Coronário atua sobre a glândula EPÍFISE (pineal, em cima).

2.9 – Exercícios de Fixação e Aprofundamento

a) Qual a função dos chacras?

b) Identifique cada um dos chacras na figura abaixo:



c) Disserte sobre a importância do chacra gástrico e sua relação com os estados emocionais.

d) Qual a importância do Chakra Esplênico?

e) Qual a relação entre os chacras e a mediunidade?

f) Cite três funções da glândula Pineal. Qual a sua relação com a mediunidade?

g) Assista ao vídeo sobre a glândula Pineal no endereço abaixo e aprofunde seus conhecimentos.

<http://www.mensageirosdapaz.org.br/videos/40-videos-externos/513-ciencia-glandula-pineal.html>

2.10 - Bibliografia

- 1 - Apostila de Mediunidade – IPPB - Maísa Intelisano;
- 2 - Revista Espiritismo & Ciência, Número 3, Páginas 22-27;
- 3 - Passes e Radiações – Edgard Armond
- 4 - Chacras – Grupo de Estudo Umbanda – autoria desconhecida;
- 5 - Site: <http://duplavista.com.br/arquivo/estudo-dos-centros-de-forca-ou-centros-vitais-chakras-realizado-no-lar-espirita-chico-xavier>.

CAPÍTULO 3 – FLUIDO VITAL E O ECTOPLASMA



3.1 – Estudo dos Fluidos

Originariamente emprega-se o termo “fluido” para designar a força operante das curas, nos tratamentos pelos passes e nas operações mediúnicas, como também para todas as formas de influência psíquica exterior sobre indivíduos, em presença ou a distância, em quaisquer circunstâncias e, ainda, nos casos dos fenômenos provocados como, por exemplo, nos trabalhos comuns de efeitos físicos.

Realmente as influências em geral podem ser físicas ou psíquicas, sendo as primeiras, justamente, as que ocorrem por influência dos fluidos, enquanto as últimas são do campo, também bastante vasto, dos agentes telepáticos, isto é, dos que operam as transmissões de idéias, pensamentos, impulsos, desejos, etc.

O termo fluido é genérico e indica as emanções, as radiações físicas ou orgânicas providas de outras pessoas no ambiente em que se situa o doente, ou de Espíritos desencarnados.

O fluido provindo de uma pessoa encarnada nada mais é que magnetismo humano, emanção de matéria orgânica, força animal existente ou decorrente da atividade das células que formam o corpo físico.

Este fluido, esta emanção podem ser bons ou maus, benéficos ou perniciosos, segundo a condição física ou moral do emissor, e concorrem a formar as auras individuais.

Essa emissão pode ser voluntária ou involuntária, deliberada ou inconsciente. Um Espírito inferior, desencarnado, pode impregnar as pessoas de fluidos ruins, mórbidos, com sua simples aproximação, mesmo quando não tenha a idéia de fazê-lo e ignore o que está acontecendo.

A contaminação deliberada, muito mais maléfica que a anterior, transmite ao doente não só os próprios fluidos pesados e mórbidos do Espírito inferior, com também o contingente psíquico complementar, representado pelos maus pensamentos e pelos desejos maléficos do emissor, movimentados pela vontade.

O mau fluido, dotado de vibração pesada e baixa, afeta os centros de força, destes passa aos plexos e ao sistema nervoso, atacando órgãos e produzindo perturbações psicossomáticas de inúmeros aspectos e naturezas.

Há fluidos tão pesados, tão animalizados e impuros que possuem mau cheiro; além do mal que fazem quando se impregnam em nosso perispírito, causam repugnância e agem fortemente sobre os órgãos internos.

Os sensitivos (médiuns), mais que quaisquer outros, estão sujeitos ao recebimento constante desses fluidos e, se não procederem diariamente aos trabalhos de limpeza psíquica, acabarão por se tornarem vítimas crônicas e submissas de graves perturbações provenientes da contaminação fluidica.

Os Espíritos obsessores condensam fluidos até torná-los viscosos, fortemente aderentes e com eles envolvem as regiões ou os órgãos que desejam atingir e até mesmo a aura toda da vítima, isolando esta completamente do meio exterior; nestes casos, e não havendo reações da parte desta, nem mesmo os próprios Espíritos protetores podem agir socorrendo.

O passe, o Reiki ou qualquer outra técnica de cura vibracional visa a dissolver esse visco e permite a penetração dos fluidos finos e luminosos que restabelecem as funções orgânicas. O fluido bom, contrariamente, possui vibração elevada e pura que reconforta, estimula e cura as perturbações físicas e morais.

Por isso os médiuns e as pessoas que trabalham na área de cura espiritual devem evitar vícios, como o fumo, o álcool, etc. para que, juntamente com seu próprio fluido, não transfiram para os doentes as emanções naturais desses tóxicos, que produzem males inúmeros aos organismos doentes e sensíveis.

Também não devem dar passes quando estiverem com doenças contagiosas ou intoxicados por excessos de alimentação ou medicamentos, porque, da mesma forma, transferirão para os doentes esses venenos orgânicos.

E, ainda, quando estiverem espiritualmente perturbados, porque além dos seus fluidos, já de si mesmos prejudiciais, ainda transferirão para o doente os fluidos maus dos Espíritos perturbadores com os quais estejam em contato.

Os médiuns devem se purificar de corpo e espírito, o mais que lhes for possível, para possuírem fluidos saltares e benéficos, com os quais poderão então efetuar curas verdadeiras.

Por outro lado, devem adotar o hábito de procederem em si mesmos a um trabalho de autolimpeza, para poderem compensar a inferioridade imanente, própria dos nossos corpos de carne, sujeitos a tantas imperfeições e impurezas.

Só assim terão êxito em suas tarefas e poderão cumprir a determinação do Divino Mestre quando disse: "Ide e Pregai; socorrei aos aflitos e curai os enfermos em meu nome."

3.2 - O Fluido Vital

O Fluido Vital é único, chamada por diversos nomes conforme as localidades que as empregam. "Prana" para os Hindus, "Ki" para os Japoneses, "Chi" para os Chineses, "Baraka" para os Islâmicos, "Orgônio" para Wilhelm Reich, "Energia Cósmica" para os Brasileiros, "Energia Bioplasmática" para os Russos, "Mana" para os Kahunas, "Ruach" para os Judeus, "Elan Vital" pelos Franceses, "Pneuma" pelos Gauleses, "Orenda" pelos Índios da América do Norte, "Ka" pelos antigos Egípcios e assim sucessivamente.

Fluido vital é um fluido mais ou menos grosseiro, encontrado apenas nos seres orgânicos. É o responsável pela animalização da matéria nos seres vivos. Forma-se, como todos os fluidos espirituais, de transformações do **Fluido Cósmico Universal**.

Durante o processo gestacional, o Espírito reencarnante irá se impregnando de determinada quantidade deste fluido, quantidade esta proporcional ao tempo médio de vida que terá na Terra. Esta carga de fluido vital, no entanto, poderá sofrer modificações durante a existência (para mais ou para menos). O perfeito funcionamento dos órgãos poderia renová-lo; assim como também poderia sofrer um processo de deterioração em consequência de uma vida atormentada moral e emocionalmente.

A quantidade de fluido vital não é absoluta ou a mesma em todos os seres orgânicos. Varia segundo as espécies e não é constante, quer em cada indivíduo, quer nos indivíduos de uma espécie. Alguns há, que se acham, por assim dizer saturados desse fluido, enquanto os outros o possuem em quantidade apenas suficiente. Daí, para alguns, vida mais ativa, mais tenaz e, de certo modo, superabundante.

Como a quantidade de **fluido vital** se esgota, pode tornar-se insuficiente para a conservação da vida, se não for renovada pela absorção e assimilação das substâncias que o contêm. O **fluido vital** se transmite de um indivíduo a outro. Aquele que o tiver em maior porção pode dá-lo a um que o tenha de menos e em certos casos prolongar a vida prestes a extinguir-se. Partindo-se deste princípio, existem diversas formas de canalizá-lo, daí a Cura Prânica, Johrei (Igreja Messiânica), o Reiki, o Passe Espírita, Toque Terapêutico e outras.

São três as principais condições onde o fluido vital terá uma participação ativa:

- a) **Animalização da Matéria:** o fluido vital é a força motriz dos seres orgânicos; o elemento que dá impulsão aos órgãos, movimento e atividade à matéria organizada;
- b) **Mediunidade de Efeitos Físicos:** o fluido vital é um dos constituintes do ectoplasma, material de que se utilizam os Espíritos nas manifestações mediúnicas de efeitos físicos. Os médiuns aptos à produção de tais fenômenos libertam essas energias com mais facilidade;
- c) **Curas Espirituais:** nos processos de cura espiritual onde são utilizados energias dos encarnados, o fluido vital será o principal elemento a ser transfundido para o enfermo. Quem o possui em melhor condição pode doá-lo àquele que necessita dele e fazer retornar à saúde uma criatura doente. Nos processos de "moratória espiritual", onde o encarnado recebe permissão para continuar na Terra por mais alguns anos, estará ele recebendo determinada carga de fluido vital, para renovar as suas reservas já combalidas.

O estado mental do espírito modifica a atmosfera espiritual e o torna passível de absorver fluidos semelhantes. Em contrapartida, os médiuns normalmente são mais sensíveis aos fluidos espirituais e podem ser influenciados fluidicamente de forma mais fácil do que aqueles que não tem componente mediúnico.

3.3 - Ectoplasma

Segundo Hernani Guimarães Andrade, em seu livro “Espírito, Perispírito e Alma”, a palavra ectoplasma resulta da combinação de dois vocábulos gregos: EKTÓS = fora, exterior e PLASMA = dar forma.

Em Biologia, significa a parte periférica do citoplasma. Em Metapsíquica e em Parapsicologia, o termo “ectoplasma” foi, pela primeira vez, sugerido por Charles Richet, referindo-se aos fenômenos de efeitos físicos provocados pela médium Eusápia Paladino. Outros pesquisadores deram denominações diferentes a esta substância. Schrenk-Notzing chamou-a de teleplasma. Outros chamam-na de psicoplasma, éter vitalizado (F. Melton), fluido perispirítico (Allan Kardec), substância da vitalidade (Robert Crookall), etc.

André Luiz, em Missionários da Luz, transcrevendo as palavras do instrutor Alexandre, chama-o “força nervosa”. E Ricardo Di Bernardi ainda destaca outras denominações: atmoplasma, hylê, ideoplasma, paquioplasma, primeira matéria.

Trata-se de substância produzida por todos os seres materiais que, em condições especiais, pode ser exteriorizada por pessoas também especiais, chamadas médiuns de ectoplasmia, médiuns de materialização ou médiuns de efeitos físicos, especialmente pela boca, nariz e ouvidos, apresentando-se nas mais variadas densidades e texturas, podendo tornar-se visível e tangível, servindo, inclusive, de material para os espíritos desencarnados modelarem as mais diferentes formas nos fenômenos conhecidos como materializações.

No livro “Nos Domínios da Mediunidade”, André Luiz descreve o ectoplasma como “*uma pasta flexível, à maneira de uma geléia viscosa e semilíquida*”. Prossegue explicando que “*está situado entre a matéria densa e a matéria perispirítica, assim como um produto de emanções da alma pelo filtro do corpo, e é recurso peculiar não somente ao homem, mas a todas as formas da Natureza*”.

No mesmo livro, Áulus, o instrutor de André Luiz naquela ocasião, explica que podemos dividir o ectoplasma “*... em três elementos essenciais,*” a saber:

- 1) *fluidos A, representando as forças superiores e sutis de nossa esfera;*
- 2) *fluidos B, definindo os recursos do médium e dos companheiros que o assistem e*
- 3) *fluidos C, constituindo energias tomadas à Natureza terrestre.*”

Portanto, podemos concluir que o ectoplasma é uma substância formada por uma combinação de fluidos emanados do plano espiritual, do médium e das demais forças da natureza, como outras pessoas, animais e vegetais que se encontrem próximos ao local onde se produzirá o fenômeno de ectoplasmia. O modo como os espíritos operam essa subtração de energias, entretanto, bem como a forma como são por ele manipuladas, são informações que ainda não possuímos.

3.3.1 - Características

Fazendo um resumo das informações trazidas por Hernani G. Andrade, no livro já citado, em que trata do ectoplasma apenas como elemento dos fenômenos de materialização, podemos dizer que tem as seguintes características:

- a) Todas as pessoas são capazes de produzi-lo de maneira discreta e restrita, mas há aqueles que o produzem de forma mais abundante.
- b) Assume aspectos muito variados, desde a forma mais sutil e invisível, até o estado sólido e organizado em estruturas complexas, passando por outros estados como gasoso, plasmático, floculoso, amorfo, leitoso, filamentosos, líquido, etc.
- c) Quando não estruturalmente organizado, é sensível à luz comum.
- d) Na maioria dos casos, é liberado pelos principais orifícios do corpo, como boca, nariz e ouvidos, bem como pelos poros.
- e) Alguns cientistas, no fim do séc. XIX e início do séc. XX, descrevem-no como matéria esbranquiçada, que surge, inicialmente, em estado gasoso ou nebuloso, parecendo difusa, como fumaça.

- f) De acordo com análises realizadas na mesma época, trata-se de substância albuminóide com elementos de gordura e células humanas, especialmente glóbulos brancos e células da pele, e características de material protéico, sugerindo ser derivado do corpo humano físico.
- g) Sua cor pode ser acinzentada, branca, amarelada, malhada ou negra, e sua consistência pode ser, às vezes, semilíquida, podendo apresentar-se também poroso e lustroso.
- h) A sensação ao toque também varia de acordo com o seu estado, podendo ser de teia de aranha, untuosa, viscosa, úmida, fria, etc.
- i) Pode atuar sobre objetos materiais, provocando movimentos, mudanças de forma e marcas.
- j) É capaz de apresentar-se com dois ou mais aspectos diferentes ao mesmo tempo.
- k) É extremamente dócil ao comando mental do médium, dos espíritos e de pessoas estranhas junto ao médium.
- l) Com a mesma facilidade com que é exteriorizado, reverte o processo de exteriorização e volta ao organismo do médium, sendo reabsorvido.

Matthieu Tubino, em seu livro **Um Fluido Vital Chamado Ectoplasma**, ainda nos diz que todos os estudos feitos, desde o século XIX, sobre as materializações de espíritos e os chamados efeitos físicos, demonstraram que esses fenômenos ocorrem somente na presença de pessoas que podem fornecer ectoplasma.

Mais adiante, o autor acrescenta algumas informações interessantes, frutos de seus estudos sobre o ectoplasma no Grupo Espírita Casa do Caminho (GECC), em Campinas, nas décadas de 70 e 80. Vejamos o que ele diz:

“Nas minhas observações, verifiquei algumas propriedades do ectoplasma. Ele está sujeito à ação da gravidade terrestre e interage fisicamente com a matéria do corpo humano, causando diversos efeitos, por exemplo, inchaço do abdome, como se fosse um gás.

É muito difícil afirmar, com certeza, onde se forma o ectoplasma humano. Contudo, a observação indica uma grande movimentação fluídica no abdome, na altura do umbigo. Outro lugar onde é comum se perceber que há quantidade relativamente grande de ectoplasma é no tórax.”

E, em nota de rodapé, acrescenta:

“Segundo o Sr. Nedyr Mendes da Rocha, em informação que recebeu de espírito desencarnado no tempo em que participava de trabalhos de materialização, o ectoplasma se formaria, principalmente, na região do corpo próxima à base da coluna dorsal. Nesta região localiza-se o centro de força (chakra) básico, conhecido também pelos nomes de kundalíneo e fundamental.”

Podemos ainda acrescentar alguns pontos destacados por Ricardo Di Bernardi em sua coluna no portal A Jornada:

- ❖ expelido, apresenta-se ligado ao médium emissor ou ao indivíduo projetado fora do corpo físico como um canal de alimentação. Há impulsos vitais bidirecionais, dando a aparência de um cordão umbilical;
- ❖ ao se evidenciar, demonstra uma interação constante entre os dois corpos ou veículos da consciência, o corpo biológico mais denso e o corpo astral ou extrafísico menos denso.
- ❖ ao contrário do corpo astral, que se projeta a longas distâncias, o ectoplasma tem raio de ação mais ou menos definido, a partir e em torno do corpo humano do médium.
- ❖ tem elasticidade relativa a algumas dezenas de metros.
- ❖ abaixa a temperatura do ambiente humano de contato imediato.
- ❖ ao contrário do cordão de prata, que não atende sempre ao comando mental do espírito, o ectoplasma apresenta-se extremamente domesticável.
- ❖ pode retornar ao emissor com partículas estranhas que aderem à sua estrutura, podendo causar reações no médium.
- ❖ em geral, apresenta-se como um combinação de elementos do corpo etérico do médium (fluido vital), elementos do corpo humano, elementos provindos de vegetais, provavelmente direcionados por mentes extrafísicas, e até fragmentos moleculares de tecidos da roupa do médium.

3.3.2 - Os Tipos de Ectoplasma

Ora, se o ectoplasma está relacionado com a matéria que constitui o corpo humano, ele deve existir, também, nos minerais, nas plantas e nos animais em geral. Esse ectoplasma dos animais, dos vegetais e dos minerais não deve ser igual, em termos de “complexidade”, ao ectoplasma existente nos seres humanos.

O ectoplasma mineral é, em princípio, o mais simples. Nos vegetais, que se alimentam principalmente de materiais inorgânicos, ele se apresenta de modo relativamente mais complexo, isso pode ser admitido uma vez que ele foi “trabalhado” por elas a partir do material inicial.

Nos animais, que se alimentam de produtos minerais, vegetais e mesmo outros animais, o ectoplasma deve adquirir uma maior complexidade.

Certamente em função da espécie de vegetal ou animal, haverá qualidades diferentes de ectoplasma. Esta dedução é fácil de ser feita, uma vez que, ao que se sabe, o ectoplasma não humano não é suficiente, ou adequado, para a realização de fenômenos físicos e de materialização.

Hernani Guimarães Andrade, no seu livro “Espírito, Perispírito e Alma”, propõe a existência dos seguintes tipos de ectoplasma:

1. **ectomineroplasma**, originário dos materiais minerais;
2. **ectofitoplasma**, quando extraído dos vegetais;
3. **ectozooplasma**, quando produzido pelos animais;
4. **ectohumanoplasma**, quando produzido pelos humanos.

Para efeito de simplificação de terminologia, no sentido de tornar o significado mais acessível às pessoas, podemos dizer apenas. ectoplasma:

- mineral,
- vegetal,
- animal,
- humano.

“Logo depois reparei, surpreendido, o trabalho de várias entidades que chegavam do exterior, trazendo extenso material luminoso. São recursos da natureza, informou-me o instrutor solícito, que os operários de nosso plano recolhem para o serviço. Trata-se de elementos das plantas e das águas, naturalmente invisíveis aos olhos dos homens, estruturados para reduzido número de vibrações.”

(André Luiz – Missionários da Luz)

3.3.4 - Ectoplasma, mediunidade e assistência

Embora até, aproximadamente, a metade do século passado, o ectoplasma tenha sido usado quase que exclusivamente nas materializações, é muito raro, hoje em dia, encontrar médiuns desse tipo, por motivos que, segundo alguns, vão desde a inutilidade de fenômenos tão ostensivos nos dias de hoje, até a complexidade das providências necessárias para a sua concretização com segurança para o médium e a entidade manifestante.

Seja como for, o ectoplasma hoje é usado quase que exclusivamente em sua forma invisível e mais sutil, em trabalhos que visam o bem estar físico e espiritual das pessoas, sendo, por isso mesmo, elemento de grande importância para médiuns de todos os tipos.

Atualmente, o ectoplasma é muito usado em trabalhos de assistência a desencarnados necessitados e desequilibrados, por mentores e amparadores que retiram o fluido do corpo dos médiuns e o modificam de acordo com as necessidades, transformando-o em bandagens, pomadas, cremes, medicamentos orais, anti-sépticos, alimentos, bebidas, roupas, objetos, imagens e até membros e órgãos inteiros, na tentativa de acalmar o espírito, sanando suas necessidades mais imediatas, para depois poder orientá-lo e esclarecê-lo sobre sua situação e as opções de que dispõe a partir dali. Conforme informa André Luiz, em “Missionários da Luz”:

“Esse material, representa vigorosos recursos plásticos para que os benfeitores de nossa esfera se façam visíveis aos irmãos perturbados e aflitos ou para que materializem provisoriamente certas imagens ou quadros, indispensáveis ao reavivamento da emotividade e da confiança nas almas infelizes. Com os raios e energias, de variada expressão, emitidos pelo homem encarnado, podemos formar certos serviços de importância para todos aqueles que se encontrem presos ao padrão vibratório do homem comum, não obstante permanecerem distantes do corpo físico.”

É usado também em trabalhos de cura de encarnados, onde, também manipulado por mentores, amparadores e médiuns, é transformado em curativo fluídico ou medicamento energético, na tentativa de obter um efeito mais profundo, alcançando a matriz energética das células doentes, provocando a sua mudança vibratória e, conseqüentemente, a cura física da mesma.

Sendo fluido originado no corpo físico e dada sua sensibilidade às ondas mentais, é natural que a qualidade do ectoplasma do médium esteja sujeita ao seu estado energético como um todo, incluindo aí suas condições físicas, mentais, emocionais e espirituais:

“O ectoplasma está em si tão associado ao pensamento do médium, quanto as forças do filho em formação se encontram ligadas à mente maternal. (...) À simples aproximação dos pensamentos inadequados que lhe senhoreavam as vibrações, toda a matéria ectoplásmica se ressentiu, obscurecendo-se ao bombardeio das formações mentais nascidas da assistência.” (André Luiz – Nos Domínios da Mediunidade)

3.3.5 - Sintomas provocados pelo acúmulo e/ou doação maciça de ectoplasma

Os sintomas causados pelo acúmulo de ectoplasma são mais variados do que se poderia imaginar a princípio. Alguns são mais gerais, por aparecerem em muitas pessoas, outros são características de indivíduos em particular. Podemos considerar que os sintomas ocasionados pelo ectoplasma são resultados de reações idiossincráticas de cada pessoa, em função do temperamento, do equilíbrio emocional, da educação social, da constituição física, da alimentação, etc.

Inicialmente, para podermos entender de uma maneira simples como o ectoplasma pode influenciar o nosso corpo, vamos lembrar que toda a matéria 'excedente' no nosso organismo é eliminada de alguma forma, seja de modo mais suave, pela expiração, pelas fezes, pela urina, pelo suor, ou com incômodo, pela tosse, pelo vômito, etc.

Uma vez que consideramos que o ectoplasma é formado no nosso metabolismo, podemos admitir que ele deva ser absorvido, em parte, pelo nosso corpo, por ser necessário para a sua sobrevivência. O restante deve ser eliminado pelos mesmos caminhos de saída que as excreções comuns.

Conseqüentemente, o seu eventual acúmulo deve ocasionar sintomas nestas vias de eliminação. De fato, é o que mais se observa, além de outros sintomas não diretamente relacionados com estas vias. Aliás, uma prisão de ventre, por exemplo, pode produzir outros sintomas além de cólicas. Da mesma forma, a retenção de ectoplasma pode ocasionar sintomas diretamente ligados ao local em que ele está acumulado como, também, em outros pontos do organismo.

Os sintomas relacionados a seguir, são provocados pelo acúmulo e doação abundante de ectoplasma no organismo humano. Deve-se ressaltar, porém, que outras causas levam aos mesmos sintomas, como a própria mediunidade. Por vezes, estes sintomas são provocados pela aproximação/ligação de entidades desencarnadas sofredoras e/ou vampirizadoras.

Adicionalmente, há causas mais comuns. Podem ser dados exemplos simples: se uma pessoa ingerir algum alimento deteriorado poderá ter cólicas e diarreia; alguém que nade no mar poderá ter um pouco de coriza e ardência nos olhos; se alguém por motivos quaisquer, contrair uma gripe, terá uma série de sintomas que podem, pelo menos alguns deles, ser iguais aos que provoca o ectoplasma acumulado. É fácil entender, de modo genérico, esta situação.

O organismo humano, no sentido de manter o seu equilíbrio, tem mecanismos de 'alarme', como a dor, e de 'proteção', como é o caso de eliminações por diarreia, vômito, suor, espirro, etc. Assim, também, no caso de haver ectoplasma acumulado, o corpo humano acaba usando os mesmos recursos de alarme e de defesa, ocasionando diversos sintomas. Os sintomas podem aparecer em maior ou menor variedade em diferentes pessoas e ocasiões.

Alguns destes sintomas são relacionados abaixo:

- ❖ Gases, flatulência, dilatação do abdômen;
- ❖ Sensação de queimação no intestino e estômago, cólicas frequentes sem razão aparente;
- ❖ Enjôos, ânsia de vômito mesmo em jejum;
- ❖ Sensação de sufocamento, falta de ar;
- ❖ Sensação de haver um objeto na garganta (bola, cisco, etc.) sem que consiga engoli-lo;
- ❖ Sensação de aperto ou dor no peito, às vezes associado à taquicardia;
- ❖ Aparecimento de rouquidão, enfraquecimento da voz ou afonia repentina;
- ❖ Coriza que aparece e desaparece sem motivo aparente;
- ❖ Ronco, ruídos com a boca ao dormir;
- ❖ Tosse crônica sem motivo aparente;
- ❖ Sensação de peso (pressão) na cabeça;
- ❖ Mareamento;
- ❖ Dores de cabeça;
- ❖ Suores profusos, no corpo inteiro, principalmente pelas mãos;
- ❖ Lacrimejamento intenso;
- ❖ Bocejos constantes;
- ❖ Dores nas articulações;
- ❖ Vontade de comer doces e alimentos amiláceos (pães, bolachas, etc.);
- ❖ Muito sono;
- ❖ Tendência à hipoglicemia;
- ❖ Humor variável;
- ❖ Alergias sem explicação aparente.

3.4 – Exercícios de Fixação e Aprofundamento

a) O que é fluido vital?

b) Qual a diferença entre ectoplasma e fluido vital?

c) Como é formado o ectoplasma? Quais os tipos de fluidos que entram em sua composição?

d) É possível melhorar a qualidade dos fluidos que emanamos? Se sim, como?

e) Como o acúmulo de ectoplasma pode influenciar o funcionamento do nosso corpo?

f) Cite três características do ectoplasma, explicando cada uma delas.

g) Explique a assertiva abaixo do espírito André Luiz:

“O ectoplasma está em si tão associado ao pensamento do médium, quanto as forças do filho em formação se encontram ligadas à mente maternal. (...) À simples aproximação dos pensamentos inadequados que lhe senhoreavam as vibrações, toda a matéria ectoplásmica se ressentiu, obscurecendo-se ao bombardeio das formações mentais nascidas da assistência.” (André Luiz – Nos Domínios da Mediunidade)

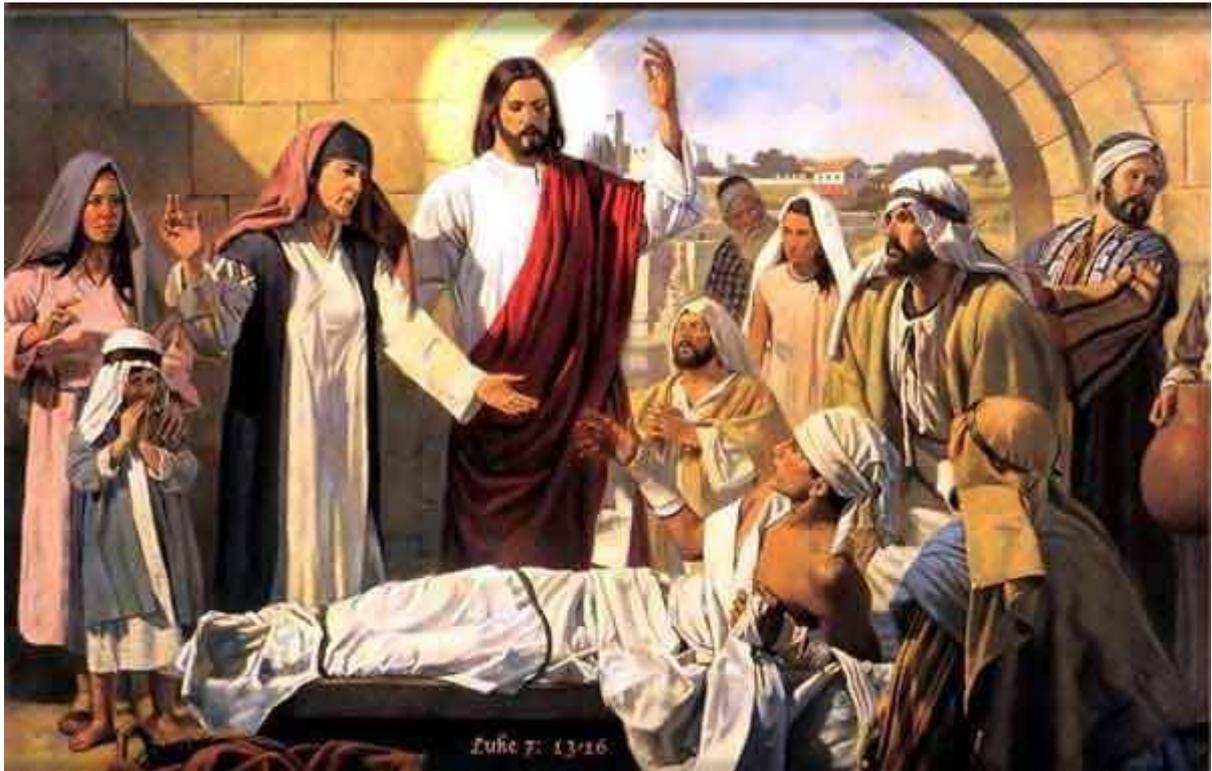
3.5 – Bibliografia:

- 1 – Tubino, Matthieu - Um Fluido Vital chamado Ectoplasma.
- 2 – Armond, Edgard - Passes e Radiações.

CAPÍTULO 4 – NOÇÕES SOBRE MEDIUNIDADE

“A mediunidade não é uma arte, nem um talento, pelo que não pode tornar-se uma profissão. Ela não existe sem o concurso dos Espíritos; faltando estes, já não há mediunidade.”

(Allan Kardec - O Evangelho Segundo o Espiritismo” – Pág. 311. FEB, 48ª edição)



4.1 - Teorias Sobre Mediunidade

Há muitas teorias e explicações sobre mediunidade e vamos passar aqui uma ligeira revista sem, contudo nos determos em analisá-las.

- 1) A da mistificação. Tudo é resultado de arranjos, habilidades mecânicas, truques.
- 2) A da ilusão. Nada, há de real; há somente ilusionismo. Os realizadores e assistentes de trabalhos espíritos ficam alucinados, suggestionados e por isso vêm, sentem e ouvem coisas que não existem.
- 3) A demoníaca. Tudo é obra de demônios, porque nenhuma entidade “celeste” pode andar pelo espaço em liberdade, falar com os vivos ou fazer-se passar por almas de mortos. Somente o diabo o pode, por ser rebelde às leis divinas.
- 4) A dos elementais. Os elementos da natureza, seres não humanos, como gnomos, silfos, fadas e gênios, formas inconscientes e inferiores da vida, atuam sobre os homens em certas circunstâncias, produzindo manifestações e fenômenos insólitos.
- 5) A dos cascões astrais. As almas dos mortos verdadeiramente não influem sobre os homens a não ser em casos muito raros; mas seus cascões astrais, que são envoltórios semi-materializados e destinados à decomposição, após a morte, como sucede também com o corpo físico, atuam sobre os sensitivos e produzem fenômenos. Esta é a teoria predileta dos teósofos.

- 6) A da loucura. Os médiuns são indivíduos anormais, loucos mais ou menos pacíficos e tudo o que dizem e fazem é resultado de sua própria perturbação mental.
- 7) A da emoção. Segundo os swedenborguianos, o mundo espiritual nos rodeia e, sob a ação de uma emoção forte, os sentidos podem adquirir um desenvolvimento anormal que permite ligações com o mundo dos Espíritos.
- 8) A do automatismo psicológico. Toda idéia tende a realizar-se e todas as manifestações ditas mediúnicas são simples fenômenos do subconsciente individual.
- 9) A da força psíquica. Há indivíduos que possuem uma força especial e definida, magnetismo, fluído nervoso ou o que quer que seja, que produz os fenômenos.
- 10) A de São Martinho. Pode-se chegar pela graça dos próprios méritos a estabelecer ligações com a divindade.
- 11) A do dom. A mediunidade é um dom que será derramado sobre uns e outros segundo a vontade de Deus.
- 12) A do batismo do Espírito Santo. A mediunidade é uma virtude que baixará sobre todos aqueles que forem beneficiados pelo Espírito Santo.
- 13) A do personalismo. O subconsciente dos sensitivos tem a tendência de apropriar-se do nome e do caráter de personalidades estranhas, reproduzindo-os em seguida. Esta teoria confunde-se com a do automatismo psicológico.
- 14) A do animismo. O sensitivo sofre um desdobramento de consciência que se coloca fora do corpo físico, formando um centro de força que produz fenômenos não só psíquicos como também físicos e plásticos. Esta teoria se confunde com a da “força psíquica”.
- 15) A teoria espírita — segundo a qual indivíduos denominados médiuns possuem uma aptidão especial para servirem de intermediários entre os mundos físico e espiritual. Esta é a teoria predominante, que hoje em dia domina as atenções, explica a maioria dos fatos e é plenamente confirmada pelas realidades. Não nega que haja fenômenos de psiquismo individual, de animismo como se costuma dizer; estes são também fenômenos de mediunismo, que reforçam a teoria espírita e em nada lhe afetam a autenticidade científica.

A lista como se vê, é grande, podendo ainda ser aumentada, e não cabendo aqui analisar cada uma destas concepções de per si, sendo que nos limitamos a apresentar mais para diante nosso ponto de vista e defendê-lo à luz de conhecimentos gerais do campo espiritualista.

No que respeita, porém, a ser a mediunidade um fenômeno orgânico, desde já divergimos, em parte, para dizer que a mediunidade normal, natural, é uma circunstância toda pessoal que decorre do grau de evolução de cada um de nós. Evoluindo conquista o indivíduo crescente percepção espiritual que lhe vai permitindo cada vez maiores contatos com a criação divina.

Quanto à faculdade em si mesma julgamo-la toda espiritual, não orgânica, e todos nós a possuímos e a estamos exercendo, nos limites de nossas possibilidades próprias.

Cada Espírito possui sua “tonalidade” própria, como sua “luz” própria, seu “diapasão” próprio de vibrações e por força desses valores intrínsecos se manifesta e interfere nos ambientes em que vive, que lhes sejam correspondentes ou, melhor dito, afins. É tudo uma questão de grau que faz com que os fenômenos naturais e a coisas espirituais sejam mais ou menos aparentes, perceptíveis, compreensíveis a uns e outros.

Se as próprias Escrituras dão a mediunidade como uma herança do homem, desde que se edifique no campo da vida moral, compreende-se que **a mediunidade natural não é privilégio de alguns, mas patrimônio comum de todos, quando atingidos estiverem degraus mais altos da escada da evolução.**

4.2 – Mediunidade e Parapsicologia

É uma disciplina científica de investigação dos fenômenos inabituais, de ordem psíquica e psicofisiológica. É uma nova forma de desenvolvimento da Psicologia, pois estuda as fronteiras desconhecidas da Psicologia. (Psicologia é o estudo das idéias e sentimentos do ser humano, estudando os fenômenos psíquicos habituais). O objetivo da Parapsicologia é o estudo dos fenômenos psíquicos não habituais, mas apesar disso, naturais.

Não é uma Ciência nova, pois é milenar. Fatos paranormais têm acompanhado o homem desde as mais remotas épocas. Como Ciência, foi precedida pela Metapsíquica, criada por Charles Richet na Universi-

dade de Paris, que fez vários estudos de fenômenos paranormais. Poderíamos dizer que a Metapsíquica seria a Parapsicologia antiga.

Outros notáveis metapsiquistas, foram: William Crookes, Eugênio Osty, Gustavo Geley, Alexandre Aksakof, Oliver Lodge, César Lombroso, etc. Suas teorias eram combatidas mais por preconceitos do que por falta de méritos científicos.

Em 1922, Charles Richet, apresentou em Paris o "Tratado de Metapsíquica", dividindo os fenômenos metapsíquicos em SUBJETIVOS e OBJETIVOS, que equivalem a PSI-GAMA e PSI-KAPA para a Parapsicologia.

A Parapsicologia teve sua origem no ano de 1930 com o Professor Joseph Banks Rhine, que dirigiu o primeiro laboratório de Parapsicologia do mundo, na Duke University, em Carolina do Norte, Estados Unidos da América. Podemos considerar o Prof. Rhine como o pai da Parapsicologia Moderna, que inicialmente estudou, com detalhes, a telepatia e a clarividência. Em 1940, após dez anos de estudos sérios, o Prof. Rhine, afirmou:

"O Homem pode perceber por outra via que não a dos sentidos físicos. Esta percepção extrasensorial é extrafísica, e pode ser estudada em laboratório".

A Parapsicologia moderna, tem duas grandes escolas: ESCOLA DE RHINE, que aceita os fenômenos parapsicológicos como fenômenos extrafísicos; ESCOLA DE LEONID VASSILIEV (Escola Russa), que aceita os fenômenos paranormais como de natureza fisiológica (materiais, do corpo físico). Estas discrepâncias não invalidam nem prejudicam o desenvolvimento da Parapsicologia, que se processa com a mesma rapidez nos dois campos ideológicos. Assim, poderíamos dizer que a Parapsicologia, estuda os fenômenos paranormais e discute a sua origem. De acordo com a Escola, a explicação poderia ser ou não simpática à idéia da sobrevivência espiritual do Homem. A controvérsia existe no campo parapsicológico como em qualquer outro.

4.2.1 - Escolas e Grupos dentro da Parapsicologia.

- ❖ **Escola Materialista** - Na Rússia predomina exclusivamente a Escola Materialista preocupada em estudar os fenômenos que têm explicações fisiológicas. Destaca-se o Instituto de Fisiologia da Universidade de Leningrado e o Centro de Estudos Parapsicológicos, na República Tcheca.
- ❖ **Escola Espiritualista** - Dedicar-se à investigação dos chamados paranormais, que só admitem explicação quando se aceita a existência de uma faculdade espiritual no homem. Teve como líder J.B.Rhine.
- ❖ **Escola Eclética** - É mais desenvolvida pelos países europeus, onde se estudam tanto os fenômenos específicos da escola materialista, como da espiritualista.

4.2.2 – Divisões da Parapsicologia

A Parapsicologia está classificada em quatro categorias:

- a) **Fenômenos parapsíquicos ou Psi-Gama:** relacionados à percepção extrasensorial - PES, ou seja ligados à cognição, por exemplo: telepatia, clarividência, precognição etc.;
- b) **Fenômenos parafísicos ou Psi-Kapa:** relacionados à influência paranormal sobre a matéria, p. ex.: levitação, psicocinesia (influência da mente sobre a matéria), Aporte (penetração de um objeto num lugar fechado), fenômenos Poltergeist, etc.;
- c) **Fenômenos parabiológicos:** manifestações mistas Psi-Gama e Psi-Kapa, p. ex.: biopausia (domínio das funções orgânicas), transfiguração (modificação espontânea dos traços faciais ou das dimensões corporais), paraterapias (curas psíquicas ou mediúnicas variadas) etc. ;
- d) **Fenômenos paratanáticos ou Psi-Teta:** relacionados à possível influência de seres desencarnados sobre a matéria (teta Psi-Kapa) ou fenômenos subjetivos (teta Psi-Gama), p. ex.: Mediunidade.

Hernani Guimarães Andrade, ilustre parapsicólogo espírita, divide os fenômenos psíquicos em:

a) **Fenômenos Psíquicos Normais:** aqueles cujo mecanismo causal se enquadra no conjunto das leis conhecidas. São fenômenos aceitos e estudados pela Ciência convencional.

Ex.: Leitura, agressividade, medo, escrita, etc.;

b) **Fenômenos Psíquicos Paranormais:** são os fenômenos psíquicos que não encontram ainda uma explicação plausível, cujo mecanismos ainda não fazem parte do conjunto das leis naturais conhecidas. Esses fenômenos, pelo fato de não poderem ser explicados, não são aceitos ainda pela Ciência Oficial. Os fenômenos paranormais são de dois tipos fundamentais: **anímicos e mediúnicos**.

❖ **Anímicos:** o termo animismo, já existente, foi utilizado com novo significado por Alexander Aksakov, profundo estudioso das Ciências psíquicas, conselheiro científico da Academia Russa de Ciência. Este autor apropriou-se da expressão latina "anima" (=alma) para designar os fenômenos paranormais que eram produzidos pela própria alma humana.

❖ **Mediúnicos:** o termo mediunidade foi usado pela primeira vez por Allan Kardec para designar a faculdade inerente a todas as pessoas, que as colocavam em comunicação com seres extracorpóreos. Portanto, os fenômenos mediúnicos são aqueles fenômenos paranormais que, para a sua produção, necessitam da atuação de seres desencarnados.

Fenômeno Anímico	Fenômeno Mediúnico
a) Não há interferência de seres espirituais	a) Há interferência de seres espirituais
b) Participam do fenômeno um ou mais elementos encarnados	b) Participam do fenômeno pelo menos dois elementos: encarnado e desencarnado
c) agente gerador: sensitivo (metagnomo)	c) agente gerador: médium
d) Fenômenos estudados pela Parapsicologia	d) Fenômenos estudados pelo Espiritismo e Parapsicologia

A Parapsicologia, portanto, busca compreender cientificamente tanto os **fenômenos anímicos** (oriundos da alma, sem intervenção de desencarnados) quanto os **fenômenos mediúnicos** (que tem a participação de entidades espirituais), dando continuidade a pesquisas feitas pela antiga Metapsíquica francesa, e pela Society for Psychical Research inglesa. Como qualquer ciência, ela é neutra e não tem por objetivo dar subsídios para apoiar qualquer religião ou filosofia, mas sim, procurar reunir informações que levem à comprovação dos fenômenos paranormais.

Assim, as pesquisas parapsíquicas vêm trazendo contribuições importantes para a comprovação de fenômenos mediúnicos, apesar de nem todos os parapsicólogos admitirem ou acreditarem na participação de desencarnados na produção de fenômenos paranormais, colocando no próprio homem e em suas capacidades anímicas a causa de todos estes fenômenos.

4.2.3 - Principais Fenômenos Anímicos

a) **Telepatia:** consiste na percepção do conteúdo mental ou da emoção de outro indivíduo, ou, como se diz correntemente, a transmissão do pensamento. A telepatia é um fenômeno quase geral entre os Espíritos desencarnados, mas quando evidenciada entre dois seres encarnados, vai configurar um fenômeno anímico.

b) **Clarividência:** consiste na visualização de coisas do mundo físico através de corpos opacos ou a distância. Através da clarividência, o sensitivo é capaz de identificar aspectos no corpo humano à semelhança de um aparelho de raios X, identificar cenas que estão se desenrolando em locais distantes e mesmo visualizar coisas dentro de caixas ou recipientes hermeticamente fechados. Não devemos confundir-la com a VIDÊNCIA, que é a visualização de cenas ou entidades do mundo espiritual, portanto, um fenômeno mediúnico.

c) **Clariaudiência:** trata-se da percepção paranormal de sons da esfera física. Ruídos, frases, músicas não audíveis pelas pessoas comuns e que são registrados pelo sensitivo. Difere da audiência, onde são captados sons do mundo espiritual.

d) **Pré-cognição:** é o conhecimento antecipado de um fato que ainda não ocorreu. Conhecida também com o nome de Pressentimento ou Premonição.

e) **Retro-cognição:** é o registro de um fato acontecido no passado através da percepção extra-sensorial, ou seja, sem a utilização dos sentidos comuns.

f) **Psicocinesia:** trata-se da fenomenologia anímica que permite ao sensitivo agir sobre a matéria utilizando-se apenas da força emitida pela sua mente. Através da energia liberada pela mente do paranormal, são evidenciadas transformações em objetos, materializações diversas e mesmo modificações na forma e na fisiologia humanas.

g) **Automatismo Psicológico:** esta expressão foi empregada por Pierre Janet (considerado o pai da Psicologia) para designar aquelas situações onde o inconsciente do indivíduo assume a mente consciente e passa a liberar idéias e emoções lá arquivadas. Podemos encontrar este tipo de fenômeno nos casos de recordação espontânea de vidas passadas, nos casos raros quando o indivíduo assume personalidades anteriores (Personalidades múltiplas), ou, ainda, nas reuniões mediúnicas, quando o inconsciente do médium se comunica através dele. Esta última condição, comumente designada através do termo ANIMISMO, é relativamente comum nos médiuns iniciantes, e tende à dissolução com progressivo burlamento da faculdade mediúnica.

4.2.4 - Análise Crítica da Divisão Anímico-Mediúnico

Esta classificação dos fenômenos paranormais em anímicos e mediúnicos é puramente teórica e objetiva apenas uma sistematização didática para facilitar a compreensão do tema.

O que se observa na prática é que os fenômenos estão comumente interligados.

Nos fenômenos mediúnicos, donde os seres espirituais desempenham papel relevante, o intermediário (médium) jamais está inativo, participando de forma dinâmica na produção do fenômeno. Com isto, fica claro que em todo fenômeno mediúnico há um forte componente anímico.

Os fenômenos anímicos, por sua vez, muitas vezes são secundados pelos Espíritos amigos, que contribuem diretamente na sua produção, o que nos leva a afirmar que muitas vezes nos fenômenos anímicos se evidencia um envolvimento mediúnico bem definido.

Muitas vezes, portanto, na prática diária torna-se impossível determinar eficientemente se um fenômeno que nos é apresentado tem um componente anímico ou mediúnico preponderante, pois, teoricamente, poderia ser classificado em ambas as categorias.

Exemplos de fenômenos que podem ser ora anímicos e ora mediúnicos: intuição, cura, desdobramento, bicorporeidade, transfiguração, translação de objetos, levitação, psicometria, etc.

Neste curso, pelo objetivo a que se propõe, estudaremos fundamentalmente os fenômenos mediúnicos e anímico-mediúnicos.

4.3 – Definição de Mediunidade

Kardec define a mediunidade como sendo a faculdade dos médiuns e esses, por sua vez, como os intermediários (médium - do latim, meio), pessoa que pode servir de intermediária entre os dois planos da vida, ou seja, entre os espíritos e os homens.

“Toda pessoa que sente, em um grau qualquer, a influência dos Espíritos, por isso mesmo, é médium. Esta faculdade é inerente ao homem e, por conseqüência, não é privilégio exclusivo; também são poucos nos quais não se encontrem alguns rudimentos dela. Pode-se, pois, dizer que todo mundo é, mais ou menos, médium.

Todavia, usualmente, esta qualificação não se aplica senão àqueles nos quais a faculdade medianímica está nitidamente caracterizada, e se traduz por efeitos patentes de uma certa intensidade, o que depende, pois, de um organismo mais ou menos sensível. De outra parte, deve-se anotar que esta faculdade não se revela em todos do mesmo modo; os médiuns têm, geralmente, uma aptidão para tal ou tal ordem de fenômenos, o que lhes resulta tantas variedades quantas sejam as espécies de manifestações.” (Livro dos Médiuns, item 159)

Segundo André Luiz, mediunidade é o atributo do homem encarnado, para corresponder-se com o homem liberado do corpo físico.

A mediunidade é, portanto, faculdade inerente à própria vida e, com todas as suas deficiências e grandezas, acertos e desacertos, são qual o dom da visão comum, peculiar a todas as criaturas. Como instrumentação da vida, surge em toda a parte. O lavrador é o médium da colheita, a planta é o médium da frutificação e a flor é o médium do perfume. Em todos os lugares, damos e recebemos, filtrando os recursos que nos cercam e moldando-lhes a manifestação, segundo as nossas possibilidades.

Desse modo, possuímos no artífice o médium de preciosas utilidades, no escultor o médium da obra-prima, nos varredores das vias públicas, valiosos médiuns da limpeza, no juiz o médium das leis. Todos os homens em suas atividades, profissões e associações são instrumentos das forças a que se devotam, atraindo os elementos invisíveis que os rodeiam, conforme a natureza dos sentimentos e idéias de que se nutrem. O homem e a mulher, abraçando o matrimônio por escola de amor e trabalho, honrando o vínculo dos compromissos que assumem perante a harmonia universal, nele se transformam em médiuns da própria vida, responsabilizando-se pela materialização, em longo prazo, dos amigos e dos adversários de ontem, convertidos no santuário doméstico em filhos e irmãos. Além do lar, será difícil identificar uma região onde a mediunidade seja mais espontânea e mais pura...

4.4 - A mediunidade através dos tempos

Estudando as civilizações da Terra, vamos observar que a mediunidade tem-se manifestado, em todos os tempos e em todos os lugares, desde as mais remotas épocas. A crença na imortalidade da alma e a possibilidade da comunicação entre os "vivos" e os "mortos" sempre existiu.

Ao observarmos o passado, evocando a lembrança das religiões desaparecidas, das crenças mortas, veremos que todas elas tinham um ensinamento dúplice: um exterior ou público, com suas cerimônias bizarras, rituais e mitos, e outro interior ou secreto revestido de um caráter profundo e elevado. Os aspectos exteriores eram levados ao povo de um modo geral, enquanto que o aspecto interior era revelado apenas a indivíduos especiais. Chamados "iniciados" por algumas religiões, estes eram preparados desde a infância, às vezes por 20 a 30 anos.

Julgar uma religião, apenas levando em consideração o seu aspecto exterior, será o mesmo que apreciar o valor moral de uma pessoa por suas vestes. Analisando o aspecto interior destas religiões, observaremos que todos os ensinamentos estão ligados entre si como uma única doutrina básica, que os homens trazem intuitivamente, desde um passado longínquo. Vamos observar alguns aspectos interessantes das religiões do passado.

❖ Índia

Na Índia, berço de todas as religiões da Humanidade, temos o Livro dos Vedas, datado de aproximadamente 1.500 a.C., que tem sido reconhecido como o mais antigo código religioso da Humanidade; são quatro livros cujo conteúdo principal são cânticos de louvor. Os Brâmanes, seguidores dos Vedas, acreditam que este código religioso foi ditado por BRAHMA. Nos Vedas encontramos afirmativas claras sobre imortalidade da alma e a recriação:

"Há uma parte imortal no Homem, o AGNI, ela é que é preciso rescaldar com teus raios, inflamar com os teus fogos (...).

(...) Assim como se deixam as vestes gastas, para usar novas vestes, também a alma deixa o corpo usado para recobrir novos corpos."

Ainda na Índia, encontramos KRISHNA, educado por ascetas nas florestas do cume do Himalaia, inspirador de uma doutrina religiosa, na verdade um reformulador da Doutrina Védica. Deixa claro a idéia da imortalidade da alma, as reencarnações sucessivas, e a possibilidade de comunicação entre vivos e mortos:

"O corpo envoltório da alma, que nele faz sua morada, é uma coisa finita, porém a alma que o habita é invisível, imponderável e eterna."

"Todo renascimento feliz ou infeliz é conseqüência das obras praticadas em vidas anteriores."

Estes são alguns aspectos dos ensinamentos de KRISHNA, que podem ser encontrados nos livros sagrados, conservados nos santuários ao sul do Indústão.

Também na Índia, 600 a.C., vamos encontrar Siddartha Gautama, o Buda, filho de um rei da Índia, que certo dia saindo do castelo, onde até então vivera, tem contato com o sofrimento humano e, sendo tomado de grande tristeza, refugia-se nas florestas frias do Himalaia e, depois de aproximadamente 15 anos de meditação, retorna trazendo para a Humanidade uma nova crença, toda baseada na caridade e no amor:

"Enquanto não conquistar o progresso (Nirvana), o ser está condenado à cadeia das existências terrestres."

"Todos os Homens são destinados ao Nirvana."

Buda e seus discípulos praticavam o Dhyana, ou seja, a contemplação aos mortos:

"Durante este estado, o Espírito entra em comunicação com as almas que já deixaram a Terra."

❖ **Egito**

No Egito, o culto aos mortos foi muito praticado. As Ciências psíquicas atuais eram familiares aos sacerdotes da época; o conhecimento das formas fluídicas e do magnetismo eram comuns. O destino da alma, a comunicação com os mortos, a pluralidade das existências da alma e dos mundos habitados eram, para eles, problemas solucionados e conhecidos. Egíptólogos modernos, estudando as pirâmides, os túmulos dos faraós, os papiros, deixam claro todos estes aspectos reconhecendo a grande sabedoria deste povo. Como em outras religiões, apenas os iniciados conheciam as grandes verdades, o povo, por interesse de poder dos soberanos, praticamente mantinha-se ignorante a este respeito.

❖ **China**

Na China, vamos encontrar Lao-Tsé e Confúcio, 600 a 400 a.C., que com os seus discípulos (iniciados), mantinham no culto dos antepassados a base de sua fé. Neste culto, a idéia da imortalidade e a possibilidade da evocação dos mortos era clara.

❖ **Israel**

Cerca de 15 séculos antes de Cristo, Moisés, o grande legislador hebreu, observando a ignorância e o despreparo de seu povo, procura através de uma lei disciplinar, educar os hebreus com relação a evocação dos mortos. Se houve esta proibição, é claro que a evocação dos mortos era comum entre este povo da Antiguidade. Moisés assim se referiu:

"Que ninguém use de sortilégio e de encantamentos, nem interrogue os mortos para saber a verdade."

Não havia chegado o momento para tais revelações.

Estudando a vida de Moisés, vemos que ele era possuidor de uma mediunidade fabulosa que possibilitou o recebimento dos "Dez Mandamentos", no Sinai, que até hoje representa a base dos códigos de moral e ética no mundo.

❖ **Grécia**

Na Grécia, a crença nas evocações era geral. Vários filósofos, desta progressista civilização, se referem a estes fatos: Pitágoras (600 a.C.), Astófanes, Sófocles (400 a.C.) e a maravilhosa figura de Sócrates (400 a.C.). A idéia da unicidade de Deus, da pluralidade dos mundos habitados e da multiplicidade das existências era por eles transmitida a todos os seus iniciados. Sócrates, o grande filósofo, aureolado por divinas claridades espirituais, tem uma existência que em algumas circunstâncias, aproxima-se da exemplificação do próprio Cristo:

"A alma quando despida do corpo, conserva evidentes, os traços de seu caráter, de suas afeições e as marcas que lhe deixaram todos os atos de sua vida."

❖ **Jesus**

Jesus, o *Médium de Deus*, teve sua existência assinalada por fenômenos mediúnicos diversos. O Novo Testamento traz citações claras e belas de mediunidade em suas mais diferentes modalidades.

❖ **Idade Média**

A Idade Média foi uma época em que o estudo mais profundo da religião era praticado apenas por sociedades ultra-secretas. Milhares de vidas foram sacrificadas sob a acusação de feitiçaria, por evocarem os mortos.

Nesta época, tão triste para a Humanidade, em vários aspectos, podemos citar como uma grande figura, Joana d'Arc, que guiando o povo francês, sob orientação de "suas vozes", deixou claro a possibilidade da comunicação entre os vivos e os mortos.

❖ **Espiritismo**

Foi no século XIX (1848), na pacata cidade de Hydesville, no estado de New York (EUA), na casa da família Fox, que o fenômeno mediúnico começaria a ser conhecido em todo o mundo.

Chegara o momento em que todas as coisas deveriam ser restabelecidas. Foi quando surgiu no cenário terrestre, aquele que deu corpo à Doutrina dos Espíritos: Hippolyte Léon Denizard Rivail, ou ALLAN KARDEC, como ficou conhecido.

Em 1855, com a idade de 51 anos, Kardec iniciou um trabalho criterioso e científico sobre o fenômeno mediúnico e após alguns anos de estudos sistematizados lançou, em 18 de abril de 1857, O Livro dos Espíritos; em 1859 - O Que é o Espiritismo; em 1861 - O Livro dos Médiuns; em 1864 - O Evangelho Segundo o Espiritismo; em 1865 - O Céu e Inferno e em 1868 - A Gênese.

Graças ao sábio lionês tivemos a Codificação da Doutrina Espírita reconhecida como a Terceira Revelação, o Consolador Prometido por Jesus.

4.5 - Sintomas da mediunidade

Quando chega a hora em que devemos iniciar o nosso trabalho mediúnico, o nosso corpo começa a desprender uma irradiação fluídico-nervosa que atrai os irmãos sofredores, que buscam alívio e são atraídos por essa irradiação. O médium necessita dessa fase para abrir os canais mediúnicos e entrar em contato com o mundo espiritual.

Os sinais mais comuns do aparecimento da mediunidade são:

- a) **Sintomas gerais:** suor excessivo nas mãos e axilas, principalmente nas mãos. As mãos ficam molhadas, quase geladas. Os pés também podem ficar gelados; as maçãs do rosto muito vermelhas e quentes; as orelhas ardem.
- b) **Depressão psíquica:** a pessoa fica totalmente instável, passando de uma grande alegria para uma profunda tristeza sem motivo aparente. Fica melancólica e sente uma profunda solidão. É como se o mundo todo estivesse voltado contra ela. É facilmente irritável e, nessa fase, ela vai ferir com palavras e gestos aqueles que mais gosta.
- c) **Alterações no sono:** sono profundo ou insônia. A insônia é provocada pela aceleração no cérebro devida à vibração. Os pensamentos voam de um assunto para outro, incontroláveis, e a pessoa não consegue dormir. O sono profundo é devido à perda de ectoplasma, de força vital. Há um enfraquecimento geral do organismo e as vibrações da pessoa são reduzidas.
- d) **Perda de equilíbrio e vertigem (sensação de desmaio):** Nos casos de semi-incorporação ou incorporação total o processo mais ou menos profundo da exteriorização do Espírito do médium provoca tais fenômenos, também passageiramente.

Em casos anormais porém, podem eles ser provocados pela influência de Espíritos obsessores que, não tendo em mira objetivos benignos em relação ao médium, interferem com brutalidade, produzindo distúrbios no campo da vida nervosa ou psíquica. São comuns os casos em que médiuns incipientes e indefesos são acometidos por delírios e vertigens na própria via pública, com grave risco para sua saúde e vida. Ela fica muito pálida e tem que sentar para não cair. Às vezes ocorre sensação de vômito ou de diarreia. Um copo de água com bastante açúcar e respiração pela narina direita normalmente bastam para contornar essa situação.

- e) **Taquicardia:** comum em algumas pessoas. Há uma súbita alteração no ritmo dos batimentos cardíacos, fruto do aceleração provocado pela vibração atuando.
- f) **Medos e Fobias:** a pessoa fica com medo de sair sozinha, de se alimentar, de tomar remédios, pois acha que tudo lhe fará mal. Às vezes tem medo de dormir sozinha ou com a luz apagada. É muito comum, também, uma total insegurança em tudo o que vai fazer.
- g) **“Ballonnement”:** Adotamos esta expressão francesa para indicar a sensação de dilatação, estufamento, inchamento de mãos, pés e rosto do médium, que muitas vezes ocorre antes do transe. É ainda efeito da

exteriorização, do deslocamento do perispírito do médium dentro do arcabouço físico para ceder lugar, parcial ou totalmente, ao Espírito comunicante.

Todos esses sintomas tendem a desaparecer com a preparação espiritual e o desenvolvimento mediúnico, mas o tempo necessário ao desenvolvimento dependerá muito do grau de Mediunidade, do interesse e da preparação espiritual do Médium.

4.6 - Classificação segundo a Natureza

Fácil observar-se que a mediunidade, embora una em sua essência (faculdade que permite ao homem encarnado entrar em relação com os espíritos), não o é quanto a sua natureza, ou razão de ser; variando de indivíduo para indivíduo.

Assim, destacamos:

a) Mediunidade própria ou natural - Edgard Armond a define: “À medida que evolui e se moraliza, o indivíduo adquire faculdade psíquica e aumenta conseqüentemente sua percepção espiritual. A isso denominamos mediunidade natural.”

Ou seja, a sensibilidade mediúnica oriunda do trabalho perseverante do espírito é resultado de seu próprio esforço. Como toda conquista espiritual, demanda perseverança e seu aperfeiçoamento se faz através das reencarnações, seguidas de idêntico empenho no plano espiritual. Conquistada essa sensibilidade, transforma-se num atributo do espírito - patrimônio intransferível de sua individualidade.

Isenta dos percalços naturais, inerentes às provas e expiações, a sensibilidade psíquica conquistada é de caráter definitivo. O seu exercício não acarreta sofrimentos e permite o intercâmbio espontâneo com as entidades espirituais, sem necessidade do trabalho mediúnico de caráter obrigatório.

Por estar ao alcance de todos, paulatinamente, caminhamos para a conquista deste atributo, através do qual contaremos com maiores recursos de identificação com o plano espiritual.

A expressão fenomênica característica das demais manifestações mediúnicas cede lugar a INTUIÇÃO pura e simples e as incursões da alma no plano extrafísico. A sua característica principal é, portanto, a INTUIÇÃO.

b) Mediunidade de Prova ou Trabalho - Faculdade oferecida ao indivíduo, em caráter precário, como uma tarefa a desenvolver, quando encarnado, com vistas à sua melhoria espiritual e a de seus semelhantes.

Conferida em caráter transitório, por empréstimo, segundo programação no plano espiritual, antes do reencarne do médium, pode ser suspensa por iniciativa da própria espiritualidade, consoante o uso que dela fizer.

Seu despertar é quase sempre cercado de recursos alertadores, com vistas à segura orientação do médium.

Respeitado o livre-arbítrio do médium, este pode ou não atender ao compromisso assumido na espiritualidade. Dispondo-se ao exercício mediúnico, além do aprendizado natural e excelente oportunidade de serviço, conta o médium com possibilidades de reajustar-se frente aos problemas de seu passado. Recusando-se ao trabalho, no entanto, normalmente, retorna ao plano espiritual mais compromissado, em virtude do menosprezo da oportunidade que lhe foi concedida.

c) Mediunidade de Expição - Há determinadas pessoas compromissadas grandemente em virtude do mau uso de seu livre-arbítrio anterior (em passadas existências), a sensibilidade psíquica aguçada é imposta ao médium como oportunidade para ressarcimento de seus atos menos felizes do pretérito com vistas à sua libertação futura.

Esta mediunidade se manifesta à revelia da criatura e comumente lhe causa sofrimentos aos quais não se pode furtar. A sua forma de manifestação mais comum é a obsessão que pode atingir até o estágio de subjugação.

A sensibilidade mediúnica é imposta ao médium para reajustes necessários, determinados pelos seus atos menos dignos do passado de culpas. Manifesta-se independente da vontade atual do médium e muitas vezes à sua própria revelia. Pelo seu caráter expiatório, pode cercar-se de determinados sofrimentos físico-psíquicos, que serão amenizados, ou mesmo eliminados pela perseverança do seu portador no trabalho mediúnico.

Independente de qualquer iniciativa visando ao seu desenvolvimento, a mediunidade surge, nem sempre branda, às vezes, violentamente, surpreendendo o próprio médium e aqueles que o cercam.

Tão logo surja esta manifestação, deve o médium ingressar numa reunião de **educação mediúnica** para melhor capacitar-se no devido controle de suas faculdades, com vistas ao seu exercício cristão.

Comumente manifesta-se sob o aspecto de obsessão e, se o médium não busca os recursos evangélico-doutrinários indispensáveis a sua auto-educação, pode cair nas tramas da subjugação.

d) Médiuns Missionários - Convém lembrar que, além dos aspectos acima referidos, excepcionalmente podemos encontrar médiuns que são verdadeiramente missionários do plano espiritual, entre os homens, os quais, pelos seus elevados dotes morais e espirituais, se tornam, a título de testemunho, em instrumentos da vontade Divina, em favor da humanidade.

4.7 - Mediunidade de Prova: Seus Aspectos

Já sabemos que a mediunidade é problema complexo no que se refere às suas manifestações e natureza podendo, por isso, ser encarada sob vários pontos de vista.

Quanto à sua razão de ser, todavia, afeta somente dois aspectos que são fundamentais e originalmente opostos, a saber: ou é faculdade própria do espírito, conquista sua, quando já adquiriu possibilidades maiores, quando atingiu graus mais elevados na escala evolutiva, ou é capacidade transitória, de emergência, obtida por graça, com auxílio da qual o Espírito pode apressar sua marcha e redimir-se.

No primeiro caso, o Espírito, já convenientemente evoluído, é senhor de uma sensibilidade apurada que lhe permite vibrar normalmente em planos superiores, sendo a faculdade puramente espiritual.

No segundo caso foi fornecida ao médium uma condição psicossomática especial, não hereditária, que lhe permite servir de instrumento aos Espíritos desencarnados para suas manifestações, bem como demonstrar outras modalidades da vida espiritual.

Conquanto os efeitos sejam, nos dois casos, mais ou menos semelhantes, diferentes são, todavia as causas e os valores qualitativos das faculdades.

Como a maioria dos médiuns pertence a esta segunda categoria, vamos em seguida nos deter mais demoradamente em seu estudo.

Em sua trajetória evolutiva o Espírito se purifica, se aperfeiçoa, aumenta sua sensibilidade e adquire cada vez maiores, mais altas e mais amplas faculdades psíquicas. Essa é a lei natural.

Porém estamos cansados de ver indivíduos moralmente retardados, de sentimentos imperfeitos, que possuem faculdades mediúnicas das mais diversas naturezas.

Se a posse de faculdades decorre de elevação espiritual, como podem tais indivíduos possuí-las enquanto outros, evidentemente mais adiantados, não as possuem?

Que sucede nestes casos? Alterações dessa lei geral? Anomalias? Privilégios?

Nada disso. Somente a ocorrência de uma forma de mediunidade — que chamamos “DE PROVA” — isto é, a posse de faculdades não propriamente conquistadas pelo possuidor, fruto de sua superioridade espiritual, mas dádiva de Deus, outorga feita a uns e outros em certas circunstâncias e ocasiões para que, no seu gozo e uso, tenham oportunidade de resgatar dívidas, sair de um ponto morto, de um período de estagnação, de um letargo ruinoso, despertando assim para um novo esforço redentor.

Recebendo essa prova da misericórdia de Deus, concedida quase sempre pela intercessão de Espíritos amigos interessados no seu progresso ou a pedido próprio.

A reencarnação, para a maioria dos Espíritos inferiores, é padronizada e compulsória, porém para médiuns e Espíritos mais esclarecidos, cada caso é estudado e providenciado individualmente, com assistência do interessado.

Daí pode ocorrer que o beneficiado cumpra eficientemente a tarefa retificadora e, neste caso, sobe um degrau na trajetória espiritual, ou que este fracasse e então sofra as conseqüências naturais de sua obstinação ou fraqueza.

Em seu livro “Nos Domínios da Mediunidade” André Luiz afirma: “Ninguém pode avançar livremente para o amanhã sem solver os compromissos de ontem”. Por esse motivo trazemos conosco, por vezes, “aflitiva mediunidade de provação”.

E mais adiante: “Médiuns repontam em toda parte, entretanto raros já se desvencilharam do passado sombrio para servir no presente à causa comum da humanidade, sem os enigmas do caminho que lhes é particular”.

Essas conseqüências são todas de ordem moral e representam sempre um retardamento na marcha ascensional do Espírito que deverá então tentar de novo e agora em condições mais desfavoráveis e custosas.

A posse dessas faculdades de prova é dada a muitos Espíritos em determinadas épocas, entre outras quando, por exemplo, os Guias do Mundo necessitam promover no seio da humanidade determinados efeitos, movimentos de compreensão mais enérgicos, impeli-la mais decisivamente para novos rumos ou chamar a atenção para determinados aspectos da vida espiritual, necessários à regularidade da marcha evolutiva.

Então legiões de Espíritos recebem essa possibilidade, essa chance e reencarnam na posse de faculdades que por si mesmos não conquistaram, faculdades de empréstimos, se podemos assim dizer, e que devem devolver na forma de bom trabalho realizado e de aproveitamento próprio.

Produz-se assim uma generalização, um derrame de dons mediúnicos que fortemente atuam sobre os Espíritos endurecidos ou incrédulos, fomentando no meio social coletivas modificações irresistíveis do ponto de vista moral ou religioso.

E esse acontecimento é plenamente justificável e apropriado porque as massas humanas, desviadas quase sempre das coisas divinas, somente por efeito do chamado sobrenatural se detêm, meditam e se reformam.

Basta, aliás, se olhar para a história da vida humana para compreender isso. Toda vez que é preciso chocar a opinião, interessar os homens nas práticas religiosas, modificar-lhes os sentimentos e impulsioná-los para a espiritualidade, vive-se uma época de milagres. Assim foi, mesmo não recuando muito no tempo, quando se tornou necessário estabelecer na Terra uma religião tipicamente monoteísta:

O homem dos milagres foi Moisés. Dezesesseis séculos depois, quando novo impulso deverá ser dado e plantado mais fundamente os alicerces da verdade eterna, nova época surgiu com o próprio Mestre e seus discípulos. E agora quase vinte séculos depois, para oferecer aos homens maiores detalhes e conhecimentos mais objetivos da vida espiritual superior, repetem-se os mesmos fatos com o Espiritismo, e os “milagres” se desdobram surpreendentemente, com tendência ainda a se tornarem mais generalizados. E aqui convém lembrar que todos os chamados milagres são fenômenos provocados através de dons mediúnicos.

Como são poucos os homens que possuem faculdades próprias, os Guias do Mundo lançam mão dos médiuns de prova, isto é, de faculdades de empréstimo, para promoverem os fenômenos desejados e obterem os resultados necessários; e, no momento que vivemos, o que se visa obter, como sabemos é preparar o maior número possível de Espíritos encarnados para o advento de um mundo renovado que está bem próximo.

Feito o apelo nas esferas da erraticidade e exposta a situação muitos, de sua própria vontade e outros, como já dissemos, por intercessão de amigos espirituais, obtêm a mercê de cooperação nesse trabalho sagrado e legiões, então, baixam ao planeta dispostas ao esforço redentor; e por isso consta que as manifestações, hoje, como nos dias da Codificação, são mais ou menos uniformes e sistemáticas, obedecendo a um plano determinado.

Eis aqui o que, a respeito desta forma de mediunidade, diz o iluminado Espírito, Emanuel :

“Os médiuns, em sua generalidade, não são missionários na acepção comum do termo: são almas que fracassaram desastrosamente, que contrariaram sobremaneira o curso das leis divinas e que resgatam, sob o peso de severos compromissos e ilimitadas responsabilidades, o passado obscuro e delituoso. O seu pretérito, muitas vezes se encontra enodado de graves deslizes e de erros clamorosos. Quase sempre são Espíritos que tombaram dos cumes sociais pelo abuso do poder, da autoridade, da fortuna e da inteligência e que regressam ao orbe terráqueo para se sacrificarem em favor do grande número de almas que desviaram das sendas luminosas da fé, da caridade e da virtude. São almas arrependidas, que procuram arrebanhar todas as felicidades que perderam reorganizando, com sacrifícios, tudo quanto esfacelaram nos seus instantes de criminosas arbitrariedades e de condenável insânia”.

E em outro ponto:

“Médiuns, ponderai as vossas obrigações sagradas. Preferi viver na maior das provações a cairdes na estrada larga das tentações que vos atacam, insistentemente, em vossos pontos vulneráveis. Recordai-vos de que é preciso vencer se não quiserdes soterrar a vossa alma na escuridão dos séculos de dor expiatória. Aquele que se apresentar no espaço como vencedor de si mesmo é maior que qualquer dos generais terrenos, exímios na estratégia e no tino militar. O homem que se vence faz o seu corpo espiritual apto a ingressar em outras esferas e, enquanto não colaborardes pela obtenção do organismo etéreo, através das virtudes e do dever cumpridos, não saireis do círculo doloroso das reencarnações”.

André Luiz, em Missionários da Luz, 3º Capítulo, transcrevendo as explicações do instrutor Alexandre, sobre os médiuns, diz o seguinte:

“É verdade que sonham edificar maravilhosos castelos sem base; alcançar imensas descobertas exteriores sem estudarem a si próprios; mas gradativamente, compreenderão que mediunidade elevada ou percepção edificante não constituem atividades mecânicas da personalidade e sim conquistas do espírito, para cuja consecução não se pode prescindir das iniciações dolorosas, dos trabalhos necessários, com a auto-educação sistemática e perseverante”.

Com estas duas transcrições ficam bem patentes o acerto e a realidade da divisão da mediunidade em “De Prova” e “Natural”, uma concedida como ferramenta de trabalho comum e outra como conquista do espírito de evolução mais avançada.

4.8 - Classificação conforme sua manifestação



a) Efeitos Físicos

Mediunidade em que se observam os fenômenos objetivos e, por isso, perceptíveis pelos sentidos físicos. Os médiuns de efeitos físicos, segundo Kardec, podem ser:

- ◆ **Facultativos** - O que tem consciência da sua mediunidade e se presta à produção dos fenômenos por ato de sua própria vontade;
- ◆ **Involuntário ou natural** – Nenhuma consciência tem dessas faculdades psíquicas, servindo muitas vezes, de instrumento dos fenômenos, a seu mau grado.

O médium de efeitos físicos, durante a produção dos fenômenos, pode permanecer em estado de transe, ou completamente desperto.

Os fenômenos de efeitos físicos mais comuns são:

- ❖ **Levitação:** Quando pessoas ou objetos são erguidos no ar, sem interferência de recursos materiais objetivos;
- ❖ **Transporte:** Quando objetos são levantados e deslocados de uma parte para outra, dentro do mesmo local ou trazidos de locais distantes;
- ❖ **Tiptologia:** Comunicação dos Espíritos - valendo-se do alfabeto ou qualquer outro sinal convencional - por meio de movimento de objetos ou através de pancadas.



A tiptologia pode ser obtida de maneira muito variada, a critério dos responsáveis pela experiência. É muito conhecida, nesse caso, a experiência com o copo ou a utilização da chamada Tábua *Ouija*.

- ❖ **Materialização:** Manifestação dos Espíritos, através da criação de formas ou efeitos físicos. A materialização se desdobra em nuances variadas - sinais luminosos ligeiros ou intensos, ruídos, odores e a materialização propriamente dita, desde apenas determinadas partes do corpo até a completa materialização da entidade espiritual que se comunica.

Para a materialização, os Espíritos manipulam e conjugam três elementos essenciais:

Fluidos inerentes à Espiritualidade;

Fluidos inerentes ao médium e demais participantes da reunião;

Fluidos retirados da natureza, especialmente da água e das plantas.

- ❖ **Voz Direta ou Pneumatofonia** - Comunicação oral do Espírito, diretamente, através de um aparelho vocal fluídico, manipulado pela espiritualidade. Nesse caso, os presentes registram apenas a voz dos Espíritos.
- ❖ **Escrita Direta ou Pneumatografia** - Comunicação dos Espíritos, através da escrita direta, isto é, sem concurso físico do médium. A mensagem é grafada pelos Espíritos e, para tanto, nem o próprio lápis é indispensável.
- ❖ **Desdobramento (Bicorporeidade)** - Exteriorização do perispírito do médium que, afastado do corpo carnal - ao qual se liga pelo cordão fluídico - se manifesta materializado em local próximo ou distante.

O desdobramento pode assumir outras características, as quais, necessariamente, não se enquadram na categoria de efeitos físicos.

Por exemplo: O Espírito do médium, afastado do corpo, pode se fazer notar em outro local, através da vidência de um segundo médium.

b) Sensitivos ou Impressionáveis: São aqueles cuja mediunidade se manifesta através de uma sensação física experimentada pelo médium, à aproximação do espírito. Assim, o médium impressionável, ainda que não ouça ou veja um Espírito, sente a sua presença pelas reações em seu organismo. Do teor dessas reações, pode o médium deduzir a condição do Espírito: Rebelde, perseguidor, evoluído, dócil, etc. Com o exercício, o médium chega a identificar, individualmente, os Espíritos, à sua simples aproximação.

c) Auditivos: O médium audiente ouve vozes proferidas pelos Espíritos ou sons por eles produzidos, bem como, sons da própria natureza, que escapam à percepção da audição normal. Por ser fenômeno de natureza

psíquica, é fácil compreender-se que a audição se verifica no órgão perispíritico do médium, por isso, independe de sua audição física.

d) Vidência: Faculdade mediante a qual o médium percebe, pela visão hiperfísica, os Espíritos desencarnados ou não, bem como situações ou paisagens do plano espiritual. Pode-se classificar em:

- ❖ **Vidência Ambiente ou Local** - quando o médium percebe o ambiente espiritual em que se encontra, registrando fatos que ali mesmo se desdobram ou então, quadros, sinais e símbolos projetados mentalmente por Espíritos com os quais esteja em sintonia.
- ❖ **Vidência no Espaço** - O médium vê cenas, sinais ou símbolos em pontos distantes do local em que se encontra.
- ❖ **Vidência no Tempo** - O médium vê cenas, representando fatos a ocorrer (visão profética) ou fatos passados em outros tempos (visão rememorativa).
- ❖ **Psicomетria** - Forma especial de vidência que se caracteriza pelo desenvolvimento, no campo mediúnico, de uma série de visões de coisas passadas, desde que, posto em presença do médium um objeto qualquer ligado àquelas cenas. Essa percepção se verifica em vista de tais objetos se acharem impregnados de influências pessoais dos seus possuidores ou dos locais onde se encontravam.

e) Falantes ou Psicofônicos: Os médiuns falantes ou psicofônicos transmitem, pela palavra falada, a comunicação do Espírito. É uma das formas de mediunidade mais comuns no intercâmbio mediúnico e é freqüentemente denominada de “incorporação”.

O médium psicofônico pode ser:

- ❖ **Consciente** - O Espírito comunicante transmite telepaticamente, às vezes de grandes distâncias, as suas idéias ao médium, que as retrata aos encarnados com as suas próprias expressões.
- ❖ **Semiconsciente** - Estabelecida a sintonia, ou equilíbrio vibratório, o Espírito comunicante, através do perispírito do médium, entra em contato com este, passando a atuar sobre o campo da fala e outros centros motores do médium.

Não há afastamento acentuado do Espírito do médium e este não perde a consciência ou conhecimento do que se passa. Sujeita-se, espontaneamente, à influência do Espírito comunicante, mas o controla devidamente, podendo reagir a qualquer momento a essa influência, pela própria vontade.

O Espírito, apesar de não ter domínio completo sobre o médium, pode expressar com mais fidelidade as suas idéias, do que no caso anterior. Na psicofonia semiconsciente, o comunicante é a ação, mas o médium personifica a vontade.

- ❖ **Inconsciente** - Também denominada psicofonia sonambúlica, se processa com o afastamento do Espírito do médium de seu corpo.

O comunicante utiliza-se mais livremente dos implementos físicos do mediano, pelo que a sua comunicação é mais fiel e isenta de “interpretações” por parte do médium. É comum, nesse caso, observada a afinidade, o Espírito retratar também, com maior ou menor nitidez, o tom de voz, as maneiras e até mesmo o seu aspecto físico característico.

Se o comunicante é um Espírito de inteira confiança do médium, este se afasta, tranqüilamente, cedendo-lhe o campo somático, como que entrega um instrumento valioso às mãos de um artista emérito que o valoriza.

Quando, no entanto, o irmão que se manifesta se entrega à rebeldia ou perversidade, o médium, embora afastado do corpo, age na condição de um enfermeiro vigilante que cuida do doente necessitado. Esse controle é pacífico, porque a mente superior subordina as que lhe situam à retaguarda nos domínios do Espírito.

Quando se trata de uma entidade intelectualmente superior ao médium, porém, degenerada ou perversa, a fiscalização corre por conta dos mentores espirituais do trabalho mediúnico.

Se a psicofonia inconsciente ou sonambúlica se manifesta em um médium desequilibrado - sem méritos morais - ou irresponsável, pode conduzi-lo à subjugação (possessão), sempre nociva e que, por isso, apenas se evidencia integral nos obsessos que renderam às forças vampirizantes.

f) **Sonambúlicos:** No sonambulismo vemos duas ordens de fenômenos:

- ❖ O sonâmbulo, propriamente dito, que age sob a influência de seu próprio Espírito.

É a sua alma que, nos momentos de emancipação, vê, ouve e percebe fora dos limites dos sentidos. Suas idéias são, em geral, mais justas do que no estado normal, seus conhecimentos mais dilatados, porque tem livre a alma.

- ❖ O médium sonambúlico, ao contrário, é um instrumento passivo e o que diz não vem de si mesmo. Enquanto o sonâmbulo exprime o seu próprio pensamento, o médium exprime o de outrem; confabula com os Espíritos e nos transmite os seus pensamentos.

Médium sonambúlico, portanto, é aquele que, em estado de transe, se desprende do corpo e, nessa condição de “liberdade”, nos descreve o que vê, o que sente e ouve no plano Espiritual.

g) **Curadores:** A mediunidade de cura é a capacidade que certos médiuns possuem de provocar reações reparadoras de tecidos e órgãos de corpo humano, inclusive os oriundos de influência Espiritual.



Nesse campo é muito difundida a prática de “passes” individuais ou coletivos, existindo dois tipos, assim discriminados:

- ❖ Passe ministrado com os recursos magnéticos do próprio médium;
- ❖ Passe ministrado com recursos magnéticos hauridos, no momento, do Plano Espiritual.

No primeiro caso, o médium transmite ao doente suas próprias energias fluídicas, operando assim, um simples trabalho de magnetização. No segundo, com a presença do médium servindo de polarizador, um Espírito desencarnado faz sobre o doente a aplicação, canalizando para ele os fluidos reparadores.

Para Divaldo P. Franco, no livro “Diretrizes de Segurança”, “a mediunidade, sendo o campo, a porta por meio da qual os Espíritos Superiores semeiam e agem, a faculdade curadora é o veículo da

Misericórdia para atender a quem padece, despertando-o para as realidades da Vida Maior, a Vida Verdadeira. Após a recuperação da saúde, o paciente já não tem o direito de manter dúvidas nem suposições negativas ante a realidade do que experimentou.

O médium curador é o intermediário para o chamamento aos que sofrem, para que mudem a direção do pensamento e do comportamento, integrando-se na esfera do bem.”

- √ **Efeitos Físicos** - Também no campo de Efeitos Físicos, comumente, encontramos médiuns que se dedicam às curas, realizando alguns, inclusive, operações de natureza extrafísica, em doentes tidos como incuráveis, cujos resultados benéficos são imediatos, contrariando, desse modo, todo o prognóstico da ciência terrena.

h) **Psicografia:** Faculdade mediúnica, através da qual os Espíritos se comunicam pela escrita manual. Os médiuns psicógrafos se classificam em:

- ❖ **Médium Mecânico** - Quando o Espírito atua sobre os centros motores do médium, impulsionando diretamente a sua mão. Esta se move sem interrupção e sem embargo do médium, enquanto o Espírito tem alguma coisa que dizer. Nesta circunstância, o que caracteriza o fenômeno é que o médium não tem a menor consciência de que escreve.
- ❖ **Médium Intuitivo** - O Espírito não atua sobre a mão para fazê-la escrever; atua sobre o Espírito do médium que, percebendo seu pensamento, transcreve-o no papel.

Nessa circunstância, não há inteira passividade; o médium recebe o pensamento do Espírito e o transmite. Tendo, portanto, consciência do que escreve, embora não exprima o seu próprio pensamento.

A idéia nasce à medida que a escrita vai sendo traçada e essa pode estar mesmo fora dos limites dos conhecimentos e da capacidade do médium.

Enquanto o papel do médium mecânico é o de uma máquina, o médium intuitivo age como um intérprete. Para transmitir o pensamento, precisa compreendê-lo, apropriar-se dele, para traduzi-lo fielmente.

❖ **Médium Semi-Mecânico** - No médium mecânico o movimento da mão independe da vontade; no médium intuitivo esse movimento é voluntário. O médium semi-mecânico participa dos dois gêneros: sente que a sua mão é dada uma impulsão, mas, ao mesmo tempo, tem consciência do que escreve, à medida que as palavras se formam.

Assim, no médium mecânico, o pensamento vem depois do ato da escrita; no intuitivo o pensamento precede a escrita e no semi-mecânico o pensamento acompanha a escrita.

i) Políglotas: Médiuns que, no estado de transe, possuem a capacidade de se exprimirem em línguas estranhas às suas próprias, embora no estado normal não conheçam estas línguas.

Essa mediunidade é denominada **Xenoglossia** e tem causa no recolhimento de valores intelectuais do passado, os quais repousam na subconsciência do médium. Só pode ser o médium políglota aquele que já conheceu, noutros tempos, o idioma pelo qual se expressa durante o transe.

j) Pressentimentos: Os médiuns de pressentimentos ou proféticos são pessoas que, em dadas circunstâncias, têm uma intuição vaga de coisas vulgares que ocorrerão ou, permitindo-o a Espiritualidade, têm a revelação de coisas futuras de interesse geral e são incumbidos de dá-las a conhecer aos homens, para sua instrução.

As profecias se circunscrevem às linhas mestras da evolução humana, pelo que é fácil de ser entendida por nós o seu mecanismo, pois, quem já percorreu o caminho, pode retornar atrás e alertar aos da retaguarda sobre seus percalços.

No que diz respeito ao campo individual, pode um Espírito falar a respeito de determinadas provas programadas pela própria pessoa antes da reencarnação.

Seja, no entanto, no plano geral ou no plano individual, as profecias são sempre relativas, já que, detendo a criatura o “livre-arbítrio” poderá em qualquer época, consoante a sua vontade, modificar as circunstâncias de sua vida, imprimindo-lhe novos rumos e, portanto, alterar os prognósticos que naturalmente se cumpririam se não fosse a sua deliberação.

k) Intuição: Faculdade que permite ao homem receber, no seu íntimo, as inspirações e sugestões da Espiritualidade.

León Denis, em “O Problema do Ser, do Destino e da Dor” instrui: “*A intuição não é, pois, na maioria das vezes, senão uma das formas empregadas pelos habitantes do mundo invisível para nos transmitirem seus avisos, suas instruções. Outras vezes será a revelação da consciência profunda à consciência normal. No primeiro caso pode ser considerada como **inspiração**. Pela mediunidade o Espírito infunde suas idéias no entendimento do transmissor. Este fornecerá a expressão, a forma, a linguagem e, na medida de seu desenvolvimento cerebral, o Espírito achará meios mais ou menos seguros e abundantes para comunicar seu pensamento com todo o desenvolvimento e relevo.*”

Desenvolve-se por não ter caráter fenomênico, à medida que a criatura se espiritualiza.

Para a intuição pura, portanto, todos nós caminhamos, constituindo a sua conquista um patrimônio da criatura espiritualizada.

4.9 – Médium espírita e médium de Umbanda

Os trabalhos mediúnicos de Umbanda ajudam a atenuar as violências das entidades cruéis e vingativas que se aglomeram sobre a crosta terráquea.

As equipes de caboclos, índios e pretos velhos experimentados constituem-se na corajosa defensiva, segregando as entidades demasiadamente perversa quem não sabem viver entre as outras criaturas. O Espiritismo, como a Umbanda, apesar do seu labor mediúnico diferente, ambos cumprem determinações do

Alto e tendem para o mesmo objetivo em comum. O Espiritismo atua no Umbral menos denso. Já o Umbral mais denso é o campo de atuação da Umbanda. Por esta razão, ao corpo etérico dos médiuns de Umbanda é dado um reforço energético e de proteção para que possam resistir às densas energias com que lidam.

Enquanto a Umbanda aperfeiçoa a prática mediúnica no campo da fenomenologia mais densa do astral inferior; O Espiritismo doutrina os homens para a sua libertação definitiva das formas do mundo transitório da carne! Malgrado a aparência de ambos se contradizerem, a Umbanda ajusta o vaso e o Espiritismo asseia o líquido; a Umbanda aprimora a lâmpada e o Espiritismo apura a chama!

4.10 – Mediunidade e Obsessão

Os médiuns estão especialmente sujeitos a obsessões, por sua sensibilidade aumentada para as energias e por sua capacidade de entrar facilmente em contato com o mundo espiritual. Por esta razão, devem estar sempre atentos a mudanças de humor e disposição, para não serem pegos de surpresa por um assédio ou influência espiritual nociva.

Além disso, médiuns costumam também ser alvos muito visados por entidades que não têm interesse em que se esclareçam e ajudem as pessoas por meio da mediunidade. Assim, são sempre assediados e atacados por espíritos de má índole ou perturbados, na tentativa de fazê-los desistir de sua tarefa, amedrontando-os, cansando-os, provocando doenças e desgastes variados.

Como diz Maria Aparecida Martins, em afirmação já transcrita de seu livro “Conexão, Uma nova visão da Mediunidade”, não há mediunidade desequilibrada, mas médium desequilibrado. Desta forma, é necessário que, além de se falar de mediunidade, cuide-se dos médiuns, ajudando-os a se equilibrarem, ajudando-os a entenderem o que se passa com ele, acalmando-os, tirando-lhes o medo e dando-lhes conforto e segurança para o cumprimento de sua tarefa.

4.11 – Exercícios de Revisão e Aprofundamento

a) Cite três tipos de mediunidade e analise suas principais características.

b) Quais as características da mediunidade consciente? Por que ela é importante para o médium?

c) Pesquise sobre o Efeito Poltergeist e a relação, se houver, com a mediunidade de efeitos físicos.

d) Cite duas características relacionadas as mediunidades abaixo:

❖ Natural

❖ De Prova

❖ De Expição

❖ Missionária

e) Encontre no quadro abaixo 7 sintomas da mediunidade

A	T	A	Q	U	O	I	M	A	T	A	S	S
B	L	A	E	X	M	N	N	O	U	B	A	L
D	E	P	Q	C	K	S	A	Ç	J	A	H	U
D	I	L	P	U	I	N	S	O	N	I	A	C
M	E	J	K	L	I	O	V	X	Z	Y	U	I
E	E	P	G	E	A	C	E	T	N	M	O	U
D	C	G	R	O	U	S	A	C	H	O	R	T
A	I	U	M	E	G	I	T	R	E	V	E	R
S	U	L	I	A	S	A	O	C	D	B	I	D
S	Q	U	A	O	T	S	A	P	O	I	C	A
S	A	I	B	O	F	E	A	A	L	E	A	D
O	T	N	E	M	E	N	N	O	L	L	A	B

4.12 - Bibliografia:

- 1 - Kardec, Allan - O Livro dos Médiuns.
- 2 - Luiz, André - Nos Domínios da Mediunidade.
- 3 - Armond, Edgard – Mediunidade.
- 4 - Peralva, José Martins - Estudando a Mediunidade.
- 5 - Luiz, André - Os Mensageiros.
- 6 – Denis, León - Depois da Morte.
- 7 – Doyle, Arthur Conan - História do Espiritismo.
- 8 – Wantuil, Zeus e Thiesen, Francisco - Allan Kardec.

CAPÍTULO 5 – DESDOBRAMENTO ASTRAL

“Condenado à prisão perpétua em San Quentín, sob falsa acusação, Ed Morrell sofreu horríveis torturas, sob camisa de força. Porém, depois conseguiu superá-las desligando-se do seu corpo por projeções perispirituais. Assim, nem as grades da prisão nem as atrozes torturas não mais o importunavam, pois seu espírito vagava livre por onde quisesse.”

(The Twenty – Fifth Man)



5.1 - Conceito

Desdobramento é um processo de exteriorização do perispírito e dele decorrem vários outros fenômenos, de nomes bizarros, mais para diante enumerados, que os investigadores do psiquismo indevidamente entronizam em separado e de forma independente. É denominada, nos círculos esotéricos e espiritualistas, de Projeção Astral ou Viagem Astral.

No desdobramento o Espírito, no veículo menos denso do perispírito, abandona o corpo carnal ao qual, todavia, como sempre sucede nestes casos, permanece ligado pelo cordão umbilical fluídico – Cordão de Prata. Nesse

estado de relativa liberdade, análogo ao sono, passa a agir de certa forma e pode afastar-se a consideráveis distâncias.

O sono fisiológico, mui propriamente denominado como "um estado de morte", por propiciar o torpor das faculdades pensantes e fazer desaparecer a parente realidade do mundo objetivo, faculta ao Espírito um parcial desdobramento, no qual se movimenta além dos limites corporais.

Por se tratar de um desligamento de corpos é que incluímos o desdobramento na categoria dos efeitos físicos, na qual poderiam também ser incluídos os estados de sono e de morte, que são também efeitos físicos.

O desdobramento pode ser consciente, semiconsciente ou inconsciente, natural ou provocado (magnético). O desdobramento tanto pode ser provocado por encarnados como por desencarnados que, comumente, se utilizam de processos hipnóticos, mergulhando o paciente em sono sonambúlico. Podem também ocorrer em casos de morbidez psíquica como emoções profundas, depressões graves, misticismo exagerado, desejo de desencarne, etc., quando o indivíduo, por efeito desses estados anormais, fica sujeito a forças estranhas e imprevistas. Podemos estimular o desdobramento, conscientemente ou não, através da meditação, da prece, quando entramos num estado de relaxamento profundo, pelo afrouxamento dos laços fluídicos que unem nosso corpo físico ao corpo astral.

A faculdade sonambúlica, lembra Kardec *"é uma faculdade que depende do organismo e nada tem a ver com a elevação, o adiantamento e a condição moral do sujeito."*

No entanto, os esforços que o mediano empreende em sua melhoria pessoal deverão ser responsáveis pelo tipo de atividade que irá desenvolver em "suas viagens".

“Conforme as suas inclinações, desejos e hábitos, tão logo sente afrouxarem-se os liames perispirituais, o Espírito desloca-se para os lugares onde encontra respostas para as necessidades cultivadas. Mediante automatismo de sintonia da faixa vibratória na qual se localiza durante o estado de lucidez física, transfere-se sem qualquer esforço para outra equivalente, graças ao clima psíquico no qual se compraz.

Normalmente, nesse estado, encontra-se com Entidades que fazem parte do seu conúbio habitual, com elas se comprazendo, ou temendo-as, de acordo com o estado evolutivo que lhes seja peculiar. Da mesma forma, vai conduzido por esses comensais da sua simpatia às regiões nas quais se homiziam com

outras semelhantes, ou agem no bem, afeiçoadas ao programa da solidariedade e do progresso da Humanidade, conforme a evolução das mesmas.

Ao retornar ao corpo, nos neurônios cerebrais, na área da memória, são impressas as cenas vividas ou vistas, decorrentes dos pesadelos, sonhos e fenômenos mediúnicos transcendentais, podendo ou não recordar-se, de acordo com o estado de desprendimento em que vive.

Sem qualquer dúvida, durante o sono fisiológico, natural ou provocado, especialmente na ocorrência do primeiro, o ser espiritual participa da vida estuante e causal, de onde todos procedemos e para a qual todos retornamos.

A vivência diária, geradora da psicofera própria a cada um, faculta a sintonia equivalente, graças à qual o desprendimento ocorre com naturalidade, submisso ao mecanismo das ocorrências afins.

O apóstolo Paulo, em decorrência dos seus extraordinários sacrifícios pela causa do Cristo, não poucas vezes foi arrebatado ao Terceiro Céu, região superior de onde hauria a inspiração e as forças para o ministério e apostolado.

Maomé, em parcial desprendimento, foi conduzido a uma Esfera Superior, a fim de confirmar a imortalidade da alma, de onde retornou, transformado.

Afonso de Liguori, enquanto dormia, em Arienzo, deslocou-se em espírito até Roma, assistindo à desencarnação do Papa Clemente XIV.

Dante Alighieri conheceu regiões inferiores conduzido por Virgílio e vislumbrou as paisagens célicas sob o amparo de Beatriz, donde hauriu inspiração para sua obra mais conhecida, “A Divina Comédia”.

Voltaire, em momento de lúcido desdobramento pelo sono fisiológico, compôs todo um canto de sua obra Henriade.

Tartini, igualmente desdobramento parcial do corpo, escreveu a emocionante Sinfonia do Diabo.

Eurípedes Barsanulfo, o apóstolo sacramentano, deslocando-se com facilidade enquanto o organismo repousava, socorria doentes, gestantes e necessitados.

É expressivo o número dos médiuns que, em desdobramento espiritual, atuam conscientemente, participando de experiências extracorpóreas, ou cooperando com os Mentores em tarefas socorristas, ou aprendendo comportamento, ou iluminando-se pelo conhecimento, de cujas experiências volvem com plena lucidez.

Não é indispensável que a consciência do fenômeno permaneça, como condição essencial para a ocorrência.

O conhecimento dos mecanismos da vida espiritual, o exercício do desapego às paixões mais grosseiras, a preparação mental antes do repouso através da oração, a irrestritas confiança no amor de Deus e a entrega tranqüila aos próprios Guias Espirituais, permitem que as horas do sono se transformem em realizações edificantes para si mesmo e para o seu próximo.

Cultivada, mediante os recursos da moral salutar, da dedicação ao bem, esta faculdade psíquica enseja abençoado intercâmbio mediúnico, graças ao qual se ampliam os horizontes da vida, embora a permanência na roupagem carnal.” (Joanna de Ângelis/Divaldo Pereira Franco – Momentos de Esperança)

Uma análise mais séria, nos indica que se tivéssemos o hábito de treinar o desdobramento viveríamos de forma muito mais tranqüila. Uma oração antes de dormir, com um pedido sincero de proteção, nos livraria de muitas dificuldades que nós mesmos criamos.

A nossa saída do corpo durante a noite pode ser direcionada pela ação da nossa vontade sincera, dessa forma podemos participar de aulas, cursos, tratamentos espirituais, aproveitando também nossas noites para nosso desenvolvimento espiritual.

É o nosso livre arbítrio operando novamente. Basta escolhermos o caminho mais curto.

Abaixo segue trecho do grande escritor **Victor Hugo**, retirado do livro “Os trabalhadores do mar”, onde ele fala sobre o desdobramento de forma maravilhosamente poética :

“...O sono está em contato com o possível, que também chamamos o inverossímil. O mundo noturno é um mundo. A noite é um universo. O organismo material humano, sobre o qual pesa uma coluna atmosférica de 15 léguas de altura, chega a noite fatigado, cai de fraqueza, deita-se, repousa; fecham-se os olhos da carne; então, naquela cabeça adormecida, menos inerte do que se crê, abrem-se outros

olhos, aparece o desconhecido. As coisas sombrias do mundo ignorado tornam-se vizinhas do homem ou porque haja verdadeira comunicação, ou porque as distâncias do abismo tenham crescimento visionário; parece que as criaturas invisíveis do espaço vem contemplar-nos curiosas a respeito da criatura da terra; uma criação fantasma sobe ou desce para nós, no meio de um crepúsculo; ante a nossa contemplação espectral, a vida que não é a nossa agrega-se e dissolve-se, composta de nós mesmos e de um elemento estranho; e aquele que dorme, nem completo vidente, nem completo inconsciente, entrevê as animalidades estranhas, as vegetações extraordinárias, as cores lívidas... todo esse mistério a que chamamos sonho e que não é mais do que a aproximação de uma realidade invisível. O sonho é o aquário da noite.”

5.2 – Sintomas provenientes do desdobramento astral (projeção astral)

- ❖ **Sensação de falsa queda durante o sono ou cochilo:** Um sintoma extremamente comum, e que todo mundo já deve ter experimentado é a sensação de que se está escorregando ou caindo da cama enquanto estávamos apenas cochilando. Isso é normal e ocorre devido ao nosso corpo astral (perispírito) ter voltado bruscamente ao corpo físico. Quando estamos caindo no sono, nosso corpo astral se desprende suavemente do corpo físico e normalmente permanece na mesma posição flutuante no ar. Um pequeno barulho ou incomodo no corpo físico “puxa” rapidamente o corpo astral para baixo, transmitindo a falsa sensação de que o corpo físico esta caindo.
- ❖ **Estado vibracional:** Você está deitado quase adormecendo ou logo após ter dormido, mas ainda na cama começa a sentir suaves vibrações percorrendo todo o seu corpo físico ou somente determinadas áreas. São tremores involuntários seguidos de formigamentos. Estes sintomas são puramente energéticos e evidenciam que suas energias estão se movimentando e acelerando para que seu corpo astral possa desprender-se do seu corpo físico. É um sintoma inofensivo.
- ❖ **Barulhos intracranianos:** Como na situação acima você esta adormecendo e começa a escutar estalos, zunidos, chiados dentro da cabeça (glândula pineal). Estes barulhos normalmente acontecem quando você sente as vibrações pelo corpo. E quando intensificado o sintoma das vibrações, os barulhos intracranianos poderão também tornarem-se fortíssimos e assustadores. Talvez você se surpreenda, mas tudo isso é completamente inofensivo e ocorre todas as noites conosco quando estamos inconsciente.
- ❖ **Ballonement:** A pessoa acorda e sente a sensação de estar inflando (semelhante a um balão inflando). Na verdade, é sua aura que está dilatando, mas como ela não sabe disso, pensa que é o corpo que está crescendo e inchando em todas as direções. Se a pessoa ficar quieta e deixar a sensação continuar, ela se projetará suavemente para fora do corpo. Não há perigo algum. Inclusive, essa sensação é muito familiar a sensitivos e médiuns em geral, pois eles têm forte tendência de soltura energética.
- ❖ **Balanço ou Giro:** Um outro sintoma que pouco se fala é a sensação de balanço ou giro. Você deita para dormir e quando está bem sonolento sente-se balançando de um lado para o outro. Esta sensação vem do corpo astral, já ligeiramente desprendido do físico, que flutua acima deste, ainda sem orientação espacial.
- ❖ **Catalepsia projetiva:** Você acorda e percebe que não consegue mexer o seu corpo físico. É como se uma força poderosa tomasse controle do seu corpo. Às vezes sente-se sufoco e falta de ar. Você se sente extremamente pesado, tolhido. Tenta gritar pedindo socorro e sua boca não obedece ao seu comando. Esta situação dura alguns segundos, mas devido ao medo que ela causa parece demorar horas. Isso ocorre porque o seu corpo astral está parcialmente deslocado (fora, desencaixado) do corpo físico. É como uma gaveta mal encaixada que emperra.

Quando ocorrer com você fique calmo e pense em flutuar, ou se quiser retornar completamente ao seu corpo físico tente mexer o seu dedinho, a ponta da língua ou as pálpebras, que você recobrará o controle completo do corpo físico tranquilamente. Apesar da sensação ser assustadora para os iniciantes ou aos leigos, não há perigo algum. Se você sentir medo durante a sensação vai acabar criando fantasias subconscientes e vai se assustar muito acreditando que algum espírito o enforcou (sufocou), entre outras coisas que seu subconsciente poderá criar para te assustar.

- ❖ **Imagens Hipnagógicas (clarividência viajora):** naquele estado limiar entre o sono e a vigília é comum a formação de imagens por detrás das pálpebras cerradas. Pontos de luz, névoas coloridas, imagens desconexas, quadros ou figuras, e verdadeiras paisagens. Este é um momento excelente para induzir uma viagem astral. As imagens hipnagógicas ocorrem porque o corpo astral está começando a se soltar do corpo denso (físico) e já buscando conexão com os ambientes astrais com os quais se afiniza vibratoriamente. Se

você um dia se encontrar nessa situação, mantenha a calma e concentre-se nas imagens. Estas irão se fortalecer e após isso você poderá literalmente “entrar” nelas através da vontade.

- ❖ **Deslocamento na reentrada:** sensação de acordar com referência equivocada da posição das janelas e portas do quarto, como se reencaixado inadequadamente no corpo ao "acordar" – corrigindo a posição" relativa a seguir.

Há outras sensações decorrentes da soltura do corpo espiritual em relação ao físico, mas estas são as mais comuns.

5.3 - Bilocação

Fenômeno mediante o qual se constata a presença de um mesmo Espírito encarnado em dois lugares, aparentemente ao mesmo tempo.

Aparentemente, porque os Espíritos, conquanto possam irradiar seus pensamentos para muitos lugares ao mesmo tempo — os superiores, bem entendido — não possuem realmente o dom de ubiqüidade.

A bilocação não é uma faculdade mediúnica mas um fato que se verifica em determinadas circunstâncias e que decorre do desdobramento, porque para encarnados não se pode dar bilocação sem exteriorização do Espírito.

Um exemplo clássico: Apolônio de Tiana estando em Éfeso, falando em uma reunião calou-se repentinamente e logo em seguida passou a anunciar o assassinato do imperador, que nesse mesmo momento estava presenciando em Roma e no qual intervinha gritando: morte ao tirano!

Portanto, o fenômeno, do ponto de vista mediúnico, é sempre passageiro e tem dois aspectos consecutivos e complementares: desdobramento no primeiro e incorporação, vidência ou materialização, no segundo.

Incorporação quando o Espírito, abandonando seu corpo carnal no local onde se encontra, dá uma comunicação, falada ou escrita, em local diferente; vidência quando, exteriorizado do corpo em dado local, se manifesta astralmente em outro; e, finalmente, materialização quando, desdobrado num local, condensa-se de forma a poder ser visto em outro, por uma ou mais pessoas, mesmo não dotadas da capacidade de vidência.

5.4 - Bicorporeidade

É fenômeno da mesma natureza que bilocação, com a diferença que esta mostra o acontecimento em seu aspecto de local de manifestação enquanto que a bicorporeidade o mostra em relação ao veículo de manifestação; bilocação significando dois lugares e bicorporeidade significando dois corpos. Mas o fenômeno, em si mesmo, é semelhante: o Espírito exterioriza-se no local onde está e mostra-se no local para onde se locomoveu.

Há, todavia, modalidades diferentes do fenômeno, fato este que, justamente, motivou a série de classificações e explicações complicadas e confusas formuladas por alguns escritores espiritualistas.

Uma destas modalidades é o caso dos “doublés”; indivíduos que deparam com um corpo físico duplo do seu, dotado ainda mais, em algumas vezes, da faculdade de falar. Não negamos estes fatos, dos quais há inúmeras referências na literatura espiritualista e, segundo sabemos, a duplicata tanto pode ser uma projeção ideoplástica do indivíduo-base, criada consciente ou inconscientemente (caso em que ela seria muda), ou se trataria de uma caracterização, uma simulação feita por um Espírito desencarnado, manifestando-se em aspecto físico, indumentária, etc., semelhantemente ao indivíduo-base, caso em que, então, o doublé poderia falar.

Em se tratando, porém, de Espíritos desencarnados, de certo grau hierárquico, estes podem fazer-se visíveis em lugares diferentes, como já dissemos; essa forma visível, nestes casos é animada e possui o aspecto e os característicos que o Espírito atuante deseja imprimir-lhe. Estes casos, entretanto, não devem ser considerados fenômenos de bilocação ou bicorporeidade, do setor mediúnico, visto que representam o exercício normal de um poder inerente a esses Espíritos.

Não é possível a um mesmo Espírito animar ao mesmo tempo a dois corpos, quando mais não seja pela simples razão de que se a personalidade é variável, a individualidade é indivisível.

Para tal seria necessário que o Espírito se bipartisse o que, fundamentalmente, não é possível, porque as ligações perispirituais da encarnação só se dão com um corpo material determinado e são tão profundas e especificamente individualizadas que somente com a morte se rompem.

De tudo se conclui, como regra geral, que em todos esses casos, o Espírito se exterioriza do seu corpo carnal no local onde se encontra e assim desdobrado manifesta-se em outros lugares em variadíssimas condições e circunstâncias, mas nunca ao mesmo tempo e jamais em dupla individualidade.

5.5 - Dupla Personalidade

Há, por último, os casos de dupla personalidade, que consistem em um mesmo indivíduo apresentar profundas alterações de sua personalidade comum ou costumeira, no temperamento, no caráter, na cultura, na educação, na voz, nos hábitos, etc.; alternando as diferentes personalidades às vezes durante meses e anos, como se tem de há muito tempo verificado. Citam-se mesmo casos de tripla e quádrupla personalidade, alternando-se sucessivamente meses e anos, no mesmo indivíduo.

Aqui não se trata de desdobramento que, como vimos, é a base comum dos fenômenos anteriormente citados. Na dupla personalidade, se ficar provado que não se trata de incorporações de entidades estranhas, e se for demonstrado que tudo se passa no campo íntimo do médium, a explicação do fenômeno, segundo pensamos, pode ser a seguinte: Por motivos diversos, internos ou externos, que não é necessário enumerar, dilata-se para o médium o campo da mente menor (a usualmente utilizada) e o indivíduo passa a viver, temporariamente, com uma consciência diferente, que corresponde a um setor diferente da mente maior no qual, pelos motivos diversos a que nos referimos, temporariamente se integrou.

E como esse diferente setor consciencial corresponde a fatos relacionados a uma outra encarnação, o indivíduo, dessa encarnação, manifesta uma personalidade diferente da pertencente ao mesmo indivíduo na presente encarnação, porque, como já dissemos, a personalidade é variável enquanto que a individualidade é indivisível.

André Luiz cita um caso que pode ser considerado de puro animismo: o de uma mulher que, a aproximação de um desafeto desencarnado que a persegue, deixa-se dominar por reflexos da vida anterior, quando foi apunhalada por ele, revive em si mesmo os antigos sofrimentos e representa a personalidade do passado.

É um caso interessante na forma curiosa a confundir-se com a dupla personalidade, vão por reingressão na mente maior, mas por reativações momentâneas das reminiscências guardadas no subconsciente e que perduram mesmo através o desencarne e o renascimento.

Ela supõe encarnar uma personalidade diferente, mas na realidade somente exterioriza o mundo de si mesma. Um caso forte de animismo, pois. E assim como o médium pode manifestar personalidade dupla vivendo em dois setores da mente maior, pela mesma razão e pelas mesmas leis poderá aparentar personalidade tripla ou quádrupla, se bem que, isto agora, só se possa dar em circunstâncias mais raras e mais difíceis.

Mas, em todos os casos, como a mente total é uma só, (conquanto possa entrar em atividade parcelada), e igualmente como sucede nas exteriorizações, nunca se dá divisão do Eu, que é sempre uno, indivisível, integral.

5.6 - Êxtase

Allan Kardec dá o nome de "êxtase" a um tipo de desdobramento mais apurado, onde a alma do médium tem maior grau de independência e pode deslocar-se para locais muito distantes.

Êxtase é uma experiência espiritual comum aos videntes. Um estado psíquico-espiritual pelo qual a pessoa fica, parcial ou totalmente, voltada para o mundo espiritual; não tem conhecimento pleno da dimensão em que se encontra; Não há perda de consciência e sim transição dimensional, pois a mente fica entre o estado físico-psíquico e a realidade psíquico-espiritual.

“No sonho e no sonambulismo, o Espírito anda em giro pelos mundos terrestres. No êxtase, penetra em um mundo desconhecido, o dos Espíritos etéreos, com os quais entra em comunicação, sem que, todavia, lhe seja lícito ultrapassar certos limites, porque, se os transpusesse, totalmente se partiriam os laços que o prendem ao corpo. Cerca-o então resplendente e desusado fulgor, inebriam-no harmonias que na Terra se desconhecem,

indefinível bem-estar o invade: goza antecipadamente da beatitude celeste e bem se pode dizer que pousa um pé no limiar da eternidade.

No estado de êxtase, o aniquilamento do corpo é quase completo. Fica-lhe somente, pode-se dizer, a vida orgânica. Sente-se que a alma se lhe acha presa unicamente por um fio, que mais um pequenino esforço quebraria sem remissão.

Nesse estado, desaparecem todos os pensamentos terrestres, cedendo lugar ao sentimento apurado, que constitui a essência mesma do nosso ser imaterial. Inteiramente entregue a tão sublime contemplação, o extático encara a vida apenas como paragem momentânea. Considera os bens e os males, as alegrias grosseiras e as misérias deste mundo quais incidentes fúteis de uma viagem, cujo termo tem a dita de avistar.

Dá-se com os extáticos o que se dá com os sonâmbulos: mais ou menos perfeita podem ter a lucidez e o Espírito mais ou menos apto a conhecer e compreender as coisas, conforme seja mais ou menos elevado. Muitas vezes, porém, há neles mais excitação do que verdadeira lucidez, ou, melhor, muitas vezes a exaltação lhes prejudica a lucidez. Daí o serem, freqüentemente, suas revelações um misto de verdades e erros, de coisas grandiosas e coisas absurdas, até ridículas. Dessa exaltação, que é sempre uma causa de fraqueza, quando o indivíduo não sabe reprimi-la, Espíritos inferiores costumam aproveitar-se para dominar o extático, tomando, com tal intuito, aos seus olhos, aparências que mais o aferram às idéias que nutre no estado de vigília. Há nisso um escolho, mas nem todos são assim. Cabe-nos tudo julgar friamente e pesar-lhes as revelações na balança da razão.” (Allan Kardec, O Livro dos Espíritos, 2ª Parte, Cap. VIII, q. 455)

5.7 - Catalepsia e Letargia

A catalepsia e a letargia derivam do mesmo princípio, que é a perda temporária da sensibilidade e do movimento do corpo físico, diante de um estado de emancipação profunda da alma (desdobramento). Não são enfermidades físicas, mas uma faculdade que, como qualquer outra faculdade mediúnica insipiente ou incompreendida, ou ainda descurada e mal orientada, torna-se prejudicial ao seu possuidor.

Caracteriza-se a catalepsia pela suspensão parcial ou total da sensibilidade e dos movimentos voluntários, acompanhada de extrema rigidez dos músculos, acarretando a conservação passiva das atitudes dadas aos membros, ao tronco ou à face. Assim, se lhe for erguido um braço, nesta posição ficará indefinidamente. Nesse estado, os olhos permanecem grandemente abertos, fixos, com semblante imobilizado, apresentando o paciente uma fisionomia impassível, sem emoção e sem fadiga.

A **catalepsia** pode ocorrer naturalmente, sem uma causa aparente, ou pode ser provocada (hipnotismo ou obsessão). Neste último estado, embora o paciente não possa ter atividade alguma voluntária, age, no entanto, sob a sugestão do operador.

A **letargia** é uma apresentação mais profunda que a catalepsia. O letárgico nada ouve, nada sente, não vê o mundo exterior, a própria consciência se lhe apaga, fica num estado que se assemelha à morte. O paciente jaz imóvel, os membros pendentes, moles e flácidos, sem rigidez alguma e, se erguidos, quando novamente soltos recaem pesadamente; sua respiração e o pulso são quase imperceptíveis, as pupilas mais ou menos dilatadas, não reagem mais à luz; o sensorio está totalmente adormecido e a inércia da mente parece absoluta. É exatamente dentro da letargia que se incluem os casos de mortes aparentes registradas no Novo Testamento (ressurreição de Lázaro, da filha de Jairo e do filho da viúva de Naim).

Entre os casos que constituem exemplos clássicos de letargia cita-se o do Cardeal de Donnet, que quase foi enterrado vivo em virtude de estado letárgico que nele se manifestou, conforme relata José Laponi [Hipnotismo e Espiritismo]:

"Em 1826 um jovem padre, quando pregava no púlpito de uma igreja, cheia de devotos, foi imprevistamente acometido de um desmaio. Um médico o declarou morto e deu licença para as horas fúnebres no dia imediato.

O bispo da catedral, onde se verificara o caso, já tinha recitado as últimas orações ao pé do morto, já haviam sido tomadas as medidas do ataúde e se aproximava a noite, no começo da qual se devia consumir o enterramento. São fáceis de imaginar as angústias do jovem padre, que, estando vivo, recebia nos ouvidos os rumores de todos esses preparativos.

Afinal, ouviu a voz comovida de um seu amigo de infância, e essa voz, provocando nele uma crise sobre humana, produziu maravilhoso resultado. No dia seguinte, o jovem padre voltava ao seu púlpito."

Vejamos agora o que disseram os Espíritos, respondendo às perguntas formuladas por Allan Kardec sobre esse interessante assunto:

❖ *"Os letárgicos e os catalépticos, em geral, vêem e ouvem o que em derredor se diz e faz, sem que possam exprimir o que estão vendo ou ouvindo. É pelos olhos e pelos ouvido que têm essas percepções?"*

R. Não. É pelo Espírito. O Espírito tem consciência de si, mas não pode comunicar-se." [LE - Q. 422]

❖ *"Na letargia pode o Espírito separar-se inteiramente do corpo, de modo a imprimir-lhe todas as aparências da morte e voltar a habitá-lo?"*

R. Na letargia o corpo não está morto, porquanto há funções que continuam a executar-se. Sua vitalidade se encontra em estado latente, porém, não aniquilada. Ora, enquanto o corpo vive, o Espírito se lhe acha ligado. Em se rompendo, por efeito da morte real e pela desagregação dos órgãos, os laços que prendem um ao outro. integral se torna a separação e o Espírito não volta mais ao seu envoltório. Desde que um homem, aparentemente morto, volve à vida, é que não era completa a morte." [LE- Q 423]

Sendo a catalepsia e a letargia uma faculdade, patrimônio psíquico da criatura e não propriamente uma enfermidade, compreender-se-á que nem sempre a sua ação comprova inferioridade do seu possuidor, pois que uma vez adestrados, ambos poderão prestar excelentes serviços à causa do bem, tais como as demais faculdades mediúnicas que, não adestradas, servem de pasto a terríveis obsessões.

Um Espírito encarnado, por exemplo, já evoluído, ou apenas de boa vontade, poderá cair em transe letárgico ou cataléptico voluntariamente, alçar-se ao espaço para desfrutar o convívio dos amigos espirituais, dedicar-se a estudos profundos, colaborar com o bem e depois retornar à carne, reanimado e apto a excelentes realizações.

5.8 - Desdobramento em Serviço

Abaixo, sintetizamos um exemplo de desdobramento em sessão mediúnica descrito por André Luiz no livro *Nos domínios da Mediunidade*, psicografado por Chico Xavier.

Personagens do texto abaixo:

Áulus..... Espírito orientador de **André Luiz**, no plano espiritual.

André Luiz..... Espírito que ditou o texto abaixo, por intermédio de [Chico Xavier](#).

Hilário..... Espírito, companheiro de **André Luiz**.

Clementino..... Espírito - supervisor (mentor) espiritual - responsável pela reunião mediúnica.

Antônio Castro O médium

“Chegara a vez do médium Antônio Castro. Profundamente concentrado, denotava a confiança com que se oferecia aos objetivos de serviço.

Aproximou-se dele o irmão Clementino e, à maneira do magnetizador comum, impôs-lhe as mãos aplicando-lhe passes de longo circuito. Castro como que adormeceu devagarinho, inteiriçando-se-lhe os membros.

Do tórax emanava com abundância um vapor esbranquiçado que, em se acumulando à feição de uma nuvem, depressa se transformou, à esquerda do corpo denso, numa duplicata do médium, em tamanho ligeiramente maior. Nosso amigo como que se revelava mais desenvolvido, apresentando todas as particularidades de sua forma física, apreciavelmente dilatadas.

O diretor espiritual da casa submetia o medianeiro a delicada intervenção magnética que não seria lícito perturbar ou interromper. O médium, assim desligado do veículo carnal, afastou-se dois passos, deixando ver o cordão vaporoso que o prendia ao campo somático.

Enquanto o equipamento fisiológico descansava, imóvel, Castro, tateante e assombrado, surgia, junto de nós, numa cópia estranha de si mesmo, porquanto, além de maior em sua configuração exterior, apresentava-se azulada à direita e alaranjada à esquerda. Tentou movimentar-se, contudo, parecia sentir-se pesado e inquieto...

Clementino renovou as operações magnéticas e Castro, desdobrado, recuou, como que se justapondo novamente ao corpo físico. Verifiquei, então, que desse contato resultou singular diferença. O corpo carnal engolira, instintivamente, certas faixas de força que imprimiam manifesta irregularidade ao perispírito, absorvendo-as de maneira incompreensível para mim.

Desde esse instante, o companheiro, fora do vaso de matéria densa, guardou o porte que lhe era característico.

Era, agora, bem ele mesmo, sem qualquer deformidade, leve e ágil, embora prosseguisse encadeado ao envoltório físico pelo laço aeriforme, que parecia mais adelgado e mais luminoso, à medida que Castro-Espírito se movimentava em nosso meio.

Observei atentamente o médium **projetado** ao nosso círculo de trabalho.

Não envergava o costume azul e cinza de que se vestia no recinto, mas sim um roupão esbranquiçado e inteiriço que descia dos ombros até o solo, ocultando-lhe os pés, e dentro do qual se movia, deslizante.

Áulus registrou-me as anotações íntimas e esclareceu: Nosso irmão, com a ajuda de Clementino, está usando as forças ectoplásmicas que lhe são próprias, acrescidas com os recursos de cooperação do ambiente em que nos achamos. Semelhantes energias transudam de nossa alma, conforme a densidade específica de nossa própria organização, variando desde a sublime fluidez da irradiação luminescente até a substância pastosa com que se operam nas crisálidas os variados fenômenos de metamorfose.

Nosso amigo, então, se pudesse pensar com firmeza fora do campo físico, se já tivesse conquistado uma boa posição de autogoverno, com facilidade imprimiria sobre as forças plásticas de que se reveste a imagem que preferisse, aparecendo ao nosso olhar como melhor lhe aprouvesse, porque é possível estampar em nós mesmos o desenho que nos agrade.”

5.9 - Sono e Sonhos

5.9.1 - Sono

É um fenômeno fisiológico pelo qual o corpo entra em repouso para recomposição física. Nele se dá uma suspensão da vida ativa e de relação, o que possibilita se afrouxarem os laços fluídicos que prendem o espírito à matéria.

Estando folgados os cordões fluídicos, o espírito pode afastar-se do corpo adormecido e:

- recuperar suas faculdades espirituais (cuja ação a influência da matéria impedia ou limitava);
- reconhecer-se como ser imortal e ver com clareza a finalidade de sua existência atual;
- lembrar-se do passado (inclusive vidas anteriores) e antever ou deduzir acontecimentos que se estão encaminhando para acontecer.

Observação: A amplitude ou não dessas possibilidades é relativa ao grau de evolução do espírito.

5.9.2 - Sono e morte

O sono parece um pouco com a morte (desencarnação). Só que, nesta, o desligamento dos laços fluídicos é total, enquanto que, no sono, a emancipação é parcial.

No sono, os cordões fluídicos, mesmo lassos, continuam a possibilitar perfeita comunicação com o corpo; se for necessário o pronto retorno, o espírito tomará imediato conhecimento e regressará incontinente.

5.9.3 - Vivência do espírito durante o sono

O espírito nunca está inativo. O sono, que repousa o corpo, é para o espírito, oportunidade de entrar em relação com o mundo espiritual, a fim de haurir orientação, conforto e forças para prosseguir com acerto em sua jornada terrena.

Emancipando-se parcialmente do corpo, cada espírito vai agir segundo seu estado evolutivo. Assim, varia a vivência do espírito durante o sono.

- ❖ **Inferiores** – Presos que estão por interesses egoístas, materialistas, pouco se afastam do corpo ou do ambiente terreno; dão expansão aos seus instintos e tendências inferiores, junto aos espíritos com os quais se afinam.
- ❖ **Benévolos ou evoluídos** – Vão a ambientes espirituais elevados, onde se instruem e trabalham, junto a entidades superiores, e reencontram amigos e parentes desencarnados.

Não somente com os desencarnados podemos nos relacionar espiritualmente, enquanto o corpo dorme. Também podemos visitar criaturas encarnadas e com elas convivermos, de maneira superior ou inferior, conforme sejam o grau de evolução, propósitos e anseios, nossos e delas.

5.9.4 - O sonho

Há sonhos que são apenas um processo físico-psíquico e outros que são sonhos espíritos. No primeiro caso, o sonho:

- ❖ retrata condições orgânicas (perturbações circulatórias, digestivas, ruídos ambientes, calor, frio etc.). Às vezes, ajudam a detectar enfermidades de que conscientemente não nos apercebemos;
- ❖ ou revela criações mentais nossas (subconsciente), com base no que houver afetado a nossa mente na vigília (pensamentos, impressões, anseios, temores etc.). Podem ajudar a interpretar nosso mundo psíquico.

Já o Sonho Espírita é o resultado da vivência do espírito no mundo espiritual, enquanto o corpo dormia; é a lembrança do que ele viu, sentiu ou fez a emancipação parcial.

Às vezes, nada lembramos dessa vivência espiritual, porque durante ela o cérebro físico não foi utilizado e depois, no retorno ao corpo, a matéria deste, pesada e grosseira, também não permitiu o registro das impressões trazidas pelo espírito.

Outras vezes lembramos apenas a impressão do que nosso espírito experimentou à saída ou no retorno ao corpo. Se essas lembranças se misturarem aos problemas físico-psíquicos, tornam-se confusas, incoerentes.

Quando necessário, os bons espíritos atuam de modo especial sobre nós para que, ao acordar, lembremos algo de maior importância tratado no mundo espiritual. Mesmo que não lembremos tudo perfeitamente, do que foi vivido durante o sono do corpo, ficará uma intuição, que nos sugere idéias, ações.

Os espíritos maus também podem fazer o mesmo se, pelo nosso modo de viver, tivermos concedido a eles essa ascendência sobre nós.

5.9.5 - Importância do sono e da preparação antes de dormir

O fato de passarmos um terço de nossa existência dormindo (8 das 24 horas do dia) indica a importância:

- ❖ **Do sono físico:** ensejando repouso orgânico, liberação de toxinas etc.
- ❖ **Do sonho:**

Para o equilíbrio:

a) Psíquico - pessoas impedidas de sonhar sofrem perturbações graves;

b) Espiritual - a vivência espiritual que desfrutamos enquanto o corpo dorme é como hora de visitas ou de tomar sol no pátio para o detento numa prisão. Sem contar com o aprendizado espiritual que haurimos se assim buscarmos com sinceridade os bons espíritos e os lugares salutarmente energeticamente.

Façamos, pois, um preparo para o nosso repouso diário:

- Orgânico (refeições leves, higiene, silêncio etc.);
- Mental (leituras, conversas edificantes, filmes e atividades comedidas, não afligentes ou desgastantes);
- Espiritual (leitura edificante, meditação, serenidade, perdão, prece).

Assim, nosso corpo e mente repousarão, adequadamente e, em espírito, teremos melhor oportunidade de alcançarmos a convivência com os espíritos bons e amigos.

5.10 - Concentração e desdobramento

Quantos se entregam ao labor da arte, atraem, durante o sono, as inspirações para a obra que realizam, compreendendo-se que os Espíritos enobrecidos assimilam do contato com as Inteligências superiores os motivos corretos e brilhantes que lhes palpitam nas criações, ao passo que as mentes sarcásticas ou criminosas, pelo mesmo processo, apropriam-se dos temas infelizes com que se acomodam, acordando a ironia e a irresponsabilidade naqueles que se lhes ajustam aos pensamentos, pelo trabalho a que se dedicam.

Desdobrando-se no sono vulgar, a criatura segue o rumo da própria concentração, procurando, automaticamente, fora do corpo de carne, os objetivos que se casam com os seus interesses evidentes ou escusos.

Desse modo, mencionando apenas um exemplo dos contatos a que aludimos, determinado escritor exporá idéias edificantes e originais no que tange ao serviço do bem, induzindo os leitores à elevação de nível moral, ao passo que outro exhibirá elementos aviltantes, alinhando escárnio ou lodo sutil com que corrompe as emoções de quantos se lhe entrosam à maneira de ser.

5.11 - Inspiração e desdobramento

Dormindo o corpo denso, continua vigilante a onda mental de cada um – presidindo ao sono ativo, quando registra no cérebro dormente as impressões do Espírito desligado das células físicas, e ao sono passivo, quando a mente, nessa condição, se desinteressa, de todo, da esfera carnal.

Nessa posição, sintoniza-se com as oscilações de companheiros desencarnados ou não, com as quais se harmonize, trazendo para a vigília no carro de matéria densa, em forma de inspiração, os resultados do intercâmbio que levou a efeito, porquanto raramente consegue **conscientizar** as atividades que empreendeu no tempo de sono.

Muitos apelos do plano terrestre são atendidos, integralmente ou em parte, nessa fase de tempo. Formulado esse ou aquele pedido ao companheiro desencarnado, habitualmente surge a resposta quando o solicitante se acha desligado do vaso físico. Entretanto, como nem sempre o cérebro físico está em posição de fixar o encontro realizado ou a informação recebida, os remanescentes da ação espiritual, entre encarnados e desencarnados, permanecem, naqueles Espíritos que ainda se demorem chumbados à Terra, à feição de quadros simbólicos ou de fragmentárias reminiscências, quando não sejam na forma de súbita intuição, a expressarem, de certa forma, o socorro parcial ou total que se mostrem capazes de receber.

5.12 - Desdobramento e Mediunidade

O médium de desdobramento é aquele cujo Espírito tem a propriedade ou faculdade de desprender-se do corpo, geralmente em reuniões mediúnicas. Desprende-se e excursiona por vários lugares, na Terra ou no Espaço, a fim de colaborar nos serviços, consolando ou curando.

Com relação ao grau de consciência, os médiuns de desdobramento podem ser classificados em três tipos: conscientes, semiconscientes e inconscientes. Os primeiros lembram-se perfeitamente de tudo o que realizaram durante o desdobramento, os segundos têm uma recordação relativa, mas os terceiros nada recordam.

É imperioso notar, porém, que considerável número de pessoas, principalmente as que se adestraram para esse fim, efetuam incursões nos planos do Espírito, transformando-se, muitas vezes, em preciosos instrumentos dos Benfeitores da Espiritualidade, como oficiais de ligação entre a esfera física e a esfera extrafísica.

Entre os médiuns dessa categoria, surpreenderemos todos os grandes místicos da fé, portadores de valiosas observações e revelações para quantos se decidam marchar ao encontro da Verdade e do Bem.

Cumprir destacar, entretanto, a importância do estudo para quantos se vejam chamados a semelhante gênero de serviço, porque, segundo a Lei do Campo Mental, cada Espírito somente logrará chegar, do ponto de vista da compreensão necessária, até onde se lhe paire o discernimento.

5.13– Exercícios de Revisão e Aprofundamento

a) O que é o desdobramento astral? E desdobramento mental?

b) É possível haver desdobramentos múltiplos?

c) O que é o cordão de prata? Há perigo do mesmo romper-se durante um desdobramento maior ?

d) O que é o cordão de Ouro?

e) Qual a diferença entre catalepsia e letargia?

f) Que sintomas podemos perceber durante o processo de desdobramento astral? Você já sentiu algum deles em momentos de relaxamento ou quando estava adormecendo/despertando?

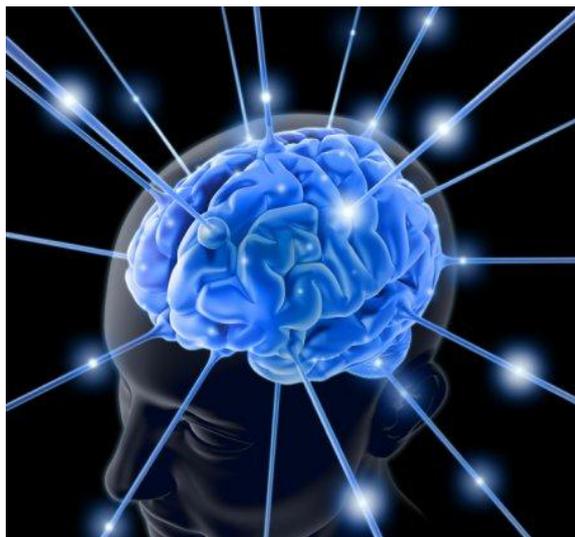
5.14 - Bibliografia

- 1 - Mecanismos da mediunidade – André Luiz/ Chico Xavier.
- 2 - Mediunidade – Edgar Armond.
- 3 - Estudando a mediunidade – Martins Peralva.
- 4 - Apometria vista do além – Diversos autores.
- 5 - Livro dos médiuns – Allan Kardec.
- 6 – Nos Domínios da Mediunidade – André Luiz/Chico Xavier.
- 7 - Livro dos Espíritos - Allan Kardec.
- 8 - Magnetismo Espiritual – Michaelus.
- 9 - Hipnotismo e Espiritismo - José Lapponi.
- 10 - Recordações da Mediunidade - Yvonne A. Pereira.

CAPÍTULO 6 - ANIMISMO E MISTIFICAÇÃO

“Acendamos a luz, onde as trevas se adensem; articulemos tolerância, ao pé da agressividade; envolvamos as farpas da cólera em algodão de brandura; conduzamos a paz por fonte viva sobre a discórdia, toda vez que a discórdia se faça incêndio destruidor...”

(André Luiz - Ideal Espírita)



6.1 - Definição de animismo

A palavra ANIMISMO vem do latim *ANIMA* que significa alma e foi usada, pela primeira vez, por Alexander Aksakov em seu livro “Animismo e Espiritismo” para designar “*todos os fenômenos intelectuais e físicos que deixam supor uma atividade extracorpórea ou à distância do organismo humano e, mais especialmente, os fenômenos mediúnicos que podem ser explicados por uma ação que o homem vivo exerce além dos limites do corpo.*”

André Luiz em seu livro “Mecanismos da Mediunidade”, pela psicografia de Francisco Cândido Xavier, define animismo como sendo “*o conjunto dos fenômenos psíquicos produzidos com a cooperação consciente ou inconsciente dos médiuns em ação.*” Já Richard Simonetti em seu livro “Mediunidade – Tudo o que

you precisa saber”, diz que animismo, “*na prática mediúnica, é algo da alma do próprio médium, interferindo no intercâmbio.*”

Ramatis no livro “Mediunismo”, pela psicografia de Hercílio Maes, diz que “*animismo, conforme explica o dicionário do vosso mundo, é o sistema fisiológico que considera a alma como a causa primária de todos os fatos intelectivos e vitais. (...) O fenômeno anímico, portanto, na esfera de atividades espíritas, significa a intervenção da própria personalidade do médium nas comunicações dos espíritos desencarnados, quando ele impõe algo de si mesmo à conta de mensagens transmitidas do Além-Túmulo.*”

Assim, quando se afirma que determinada comunicação mediúnica foi “puro animismo”, quer-se explicar que a alma do médium ali interveio com exclusividade, tendo ele manifestado inconscientemente apenas os seus próprios conhecimentos e conceitos pessoais, embora depois os rotulasse com o nome de algum espírito desencarnado.

Partindo de definições como estas o termo passou a ser usado de forma negativa e pejorativa para tudo aquilo que fosse produzido por um médium, mas que não tivesse qualquer contribuição ou participação de espíritos desencarnados. Com essa definição o animismo tornou-se o pesadelo de todos os médiuns, especialmente os iniciantes, por ser usado como sinônimo de mistificação e fraude.

Contudo, os espíritos comunicantes, realmente gratos ao Pai pelo ensejo de poderem inspirar médiuns anímicos em favor da ventura, do bem e da alegria dos seres humanos, não desprezam a oportunidade, mesmo que sejam interpretados ao modo pessoal do médium, desde que este conserve a idéia central e autêntica daquilo que lhes foi inculcado na alma.

A comunicação do médium completamente anímica não pode ser interpretada como mera mistificação inconsciente quando ele não tem o intuito de enganar deliberadamente aqueles que o ouvem.

6.2 - Animismo não é defeito mediúnico

O animismo não é, portanto, defeito mediúnico e nem deve ser tratado como distúrbio ou desequilíbrio da mediunidade ou do médium. Na verdade, como parte dos fenômenos psíquicos humanos, deve ser considerado também parte do fenômeno mediúnico já que, como diz Richard Simonetti *“o médium não é um telefone. Ele capta o fluxo mental da entidade e o transmite, utilizando-se de seus próprios recursos”*. *“Se o animismo faz parte do processo mediúnico sempre haverá um percentual a ser considerado, não fixo, mas variável, envolvendo o grau de desenvolvimento do médium.”*

Hermínio Miranda no livro *“Diversidade dos Carismas”* diz que, *“em verdade, não há fenômeno espírita puro, de vez que a manifestação de seres desencarnados, em nosso contexto terreno, precisa do médium encarnado, ou seja, precisa do veículo das faculdades da alma (espírito encarnado) e, portanto, anímicas”*.

Interessante também vemos algumas anotações de Kardec referentes a instruções dos espíritos, em *“O Livro dos Médiuns”*: *“A alma do médium pode comunicar-se como qualquer outra.”* (...) *“O espírito do médium é o intérprete porque está ligado ao corpo que serve para a comunicação e porque é necessária essa cadeia entre vós e os espíritos comunicantes, como é necessário um fio elétrico para transmitir uma notícia à distância e, na ponta do fio, uma pessoa inteligente que a receba e comunique.”*

Em nota de rodapé, José Herculano Pires que traduziu a 2ª edição francesa de *“O Livro dos Médiuns”* diz que *“o papel do médium nas comunicações é sempre ativo. Seja o médium consciente ou inconsciente, intuitivo ou mecânico, dele sempre depende a transmissão e sua pureza”*.

Quando Kardec, ainda no mesmo livro, pergunta se *“o espírito do médium não é jamais completamente passivo”*, os espíritos lhe respondem dizendo que *“ele é passivo quando não mistura suas próprias idéias com as do espírito comunicante, mas nunca se anula por completo. Seu concurso é indispensável como intermediário, mesmo quando se trata dos chamados médiuns mecânicos”*.

Hermínio Miranda, citando ensinamento dos espíritos no livro de Kardec, diz ainda que *“assim como o espírito manifestante precisa utilizar-se de certa parcela de energia que vai colher no médium para movimentar um objeto, também para uma comunicação inteligente ele precisa de um intermediário inteligente, ou seja, do espírito do próprio médium. (...) O bom médium, portanto, é aquele que transmite, tão fielmente quanto possível, o pensamento do comunicante, interferindo o mínimo que possa no que este tem a dizer. Reiteramos, portanto, que não há fenômeno mediúnico sem participação anímica. O cuidado que se torna necessário ter na dinâmica do fenômeno não é colocar o médium sob suspeita de animismo, como se o animismo fosse um estigma e sim, ajudá-lo a ser um instrumento fiel traduzindo, em palavras adequadas, o pensamento que lhe está sendo transmitido sem palavras pelos espíritos comunicantes.*

6.3 - Animismo como coadjuvante no fenômeno mediúnico

Quando Kardec, ainda no *“O Livro dos Médiuns”*, pergunta aos espíritos se *“o espírito do médium influi nas comunicações de outros espíritos que ele deve transmitir”*, recebe a seguinte resposta: *“Sim, pois se não há afinidade entre eles, o espírito do médium pode alterar as respostas, adaptando-as às suas próprias idéias e às suas tendências.”* Em seguida, Kardec lhes pergunta se *“é essa a causa da preferência dos espíritos por certos médiuns”*, ao que os espíritos respondem: *“Não existe outro motivo. Procuram intérprete que melhor simpatize com eles e transmita com maior exatidão o seu pensamento.”*

Vemos, portanto, que mais que parte integrante, o animismo é, até certo ponto, condição necessária para o fenômeno mediúnico, garantindo a sintonia adequada para que a transmissão seja o mais fiel possível às idéias do comunicante. Sem o conteúdo do médium é muito mais difícil para o espírito transmitir-lhe suas idéias e o que pretende com elas. De posse do conteúdo mental e até emocional do médium, no entanto, torna-se muito mais fácil para o espírito fazer-se entendido podendo, assim, transmitir com mais naturalidade e desenvoltura o seu raciocínio.

No livro *“Mediunismo”*, Ramatis nos diz que *“mesmo na vida física é necessário ajustar-se cada profissional à tarefa ou responsabilidade que favoreça o melhor êxito ou eficiência para alcance dos objetivos em foco. (...) Da mesma forma, o espírito do médico desencarnado logrará mais êxito ao se comunicar com o mundo material, se dispuser de um médium que também seja médico. Quando o médium e o espírito manifestante afinizam-se pelos mesmos laços intelectivos e morais, ou coincide semelhança profissional, as comunicações mediúnicas tornam-se flexíveis, eloqüentes e nítidas. (...) Os espíritos não se preocupam em eliminar radicalmente o animismo nas comunicações espíritas porque o seu escopo principal é o de orientar os*

médiuns, aos poucos, para as maiores aquisições espirituais, morais e intelectivas, a ponto de poderem endossar-lhes, depois, as comunicações anímicas, como se fossem de autoria dos desencarnados.”

Não se pode endossar os abusos de imaginação, os exotismos e as excentricidades dos médiuns avessos ao estudo, presunçosos, interesseiros ou exibicionistas, mas deve-se reconhecer, no entanto, a interferência ou associação de idéias no caso do médium consciente porque, no seu esforço para lograr a passividade no transe, ele toma o conteúdo de sua alma como sendo manifestação alheia.

Nem todos abusam do animismo sob propósitos condenáveis ou para fins vaidosos, por cujo motivo não se deve acolher a desistência do desenvolvimento mediúnico, só porque a interferência do médium perturba a transparência cristalina das comunicações dos espíritos desencarnados.

Sabe-se de muitos médiuns experientes e com vários anos de serviço mediúnico que ainda alimentam dúvidas a respeito de suas próprias comunicações mediúnicas, certos de que tudo aquilo que transmitem provém apenas de sua própria alma.

Quando se trata de médium consciente ou semiconsciente, só lhes resta a tarefa de vestir e ajustar honesta e sinceramente as idéias e as frases que melhor correspondem ao pensamento que lhes é manifesto pelos espíritos desencarnados através do seu contato perispiritual.

Deste modo, os comunicantes ficam circunscritos quase que totalmente à vontade e às diretrizes intelectuais e emotivas do seu intérprete encarnado, que fiscaliza, observa e até modifica conscientemente aquilo que foi incumbido de dizer.

Lembra o mensageiro terrestre que ouve o recado para transmitir verbalmente a outrem, mas na hora de cumprir sua tarefa, tem de usar de suas próprias palavras para comunicá-lo. No caso, tanto o mensageiro como o médium são intérpretes do pensamento alheio e, por isso, influem com o seu temperamento, engenho e cultura nas mensagens que traduzem, resultando disso textos lacônicos ou prolixos, precisos ou truncados.

Só o médium com propósitos condenáveis é que poderia ter remorsos de sua interferência anímica, pois nesse caso tratar-se-ia realmente de uma burla à conta de animismo.

Entretanto, não é passível de censura aquele que impregna as mensagens dos espíritos com forte dose de sua personalidade, mas o faz sem poder dominar o fenômeno, ou mesmo distingui-lo da realidade mediúnica. Só depois de:

- ❖ alguns anos de trabalho assíduo na seara mediúnica,
- ❖ estudos profícuos,
- ❖ afinada sensibilidade mediúnica,
- ❖ muita capacidade de autocrítica e introspecção freudiana ...

... é que o médium logra dominar e distinguir com êxito o fenômeno anímico, recepcionando mensagens sem destruir a autenticidade do pensamento do espírito comunicante.

Não é aconselhável que se procure eliminar deliberadamente o fenômeno anímico nas comunicações mediúnicas, pois isso ainda dificultaria mais o desenvolvimento mediúnico e as comunicações doutrinárias aos próprios médiuns, uma vez que os guias não objetivam a criação de autômatos mediúnicos, espécie de robôs acionáveis à distância.

O que os bons guias preferem em seus médiuns ainda é o serviço cristão incondicional, aliado ao estudo sincero da espiritualidade; satisfazem-nos a revelação da ternura, a prática da benevolência e da tolerância, a cultura da honestidade e a manifestação da humildade, pois, malgrado possam ser anímicos para as mensagens dos desencarnados, ser-lhe-ão os mais louváveis intérpretes, em incessante comunicação benfeitora à luz do dia.

Não se deve exaltar o médium sonambúlico e absolutamente inconsciente do que transmite que é incapaz até mesmo de interferir animicamente, se ele é profundamente desperto para a prática dos vícios degradantes e para o trato das paixões perigosas, pois, se quando dorme em transe sonambúlico é servidor inconsciente, uma vez acordado pode ser a manifestação anímica do mal.

Os espíritos não se preocupam em eliminar radicalmente o animismo nas comunicações mediúnicas, porque o seu escopo principal é o de orientar os médiuns aos poucos, para as maiores aquisições espirituais, morais e intelectivas, a ponto de poderem endossar-lhes depois as comunicações anímicas como se fossem de autoria dos desencarnados.

Em “O Livro dos Médiuns”, Kardec questiona os Espíritos Superiores do porquê de se permitir que bons médiuns sejam às vezes enganados. Em resposta, asseveram: *“Para que exercitem o seu julgamento e aprendam a discernir o verdadeiro do falso. Além disso, por melhor que seja um médium, jamais é tão perfeito que não tenha um lado fraco, pelo qual possa ser atacado. Isso deve servir-lhe de lição. As comunicações falsas que recebe de quando em quando são advertências para evitar que se julgue infalível e se torne orgulhoso. Porque o médium que recebe as mais notáveis comunicações não pode se vangloriar mais do que o tocador de realejo, que basta virar a manivela do seu instrumento para obter belas árias.”*

Notamos, assim, que a preocupação com o animismo é muito mais de médiuns e dirigentes, do que dos espíritos que se comunicam nas reuniões mediúnicas.

6.4 - O médium anímico-puro ou pseudo-médium

Algumas vezes o médium anímico transmite fatos mórbidos que o impressionaram na infância, ou mesmo as cenas trágicas vividas em existência pregressa, como se fossem histórias de espíritos infelizes desencarnados.

As incursões do inconsciente, estudadas na psicanálise, são também responsáveis por algumas dessas supostas manifestações intempestivas e conturbadas, em que os médiuns excessivamente anímicos e sugestionáveis pressupõem manifestações do Além- túmulo.

Certos neófitos enfermos, histéricos, exaltados, esquizofrênicos ou neurovegetativos ainda confundem o fenômeno mediúnicamente com as suas próprias manifestações mórbidas, e transferem facilmente para a atividade mediúnica os fatos ou simpatias que mais o impressionaram na existência.

Sem dúvida, há médiuns de "mesa" ou de "terreiro" que requerem uma drenagem terapêutica a fim de melhorarem o seu contato com o mundo psíquico e distinguirem a sua interferência anímica nas comunicações com os desencarnados, pois há muitos que confundem mediunidade com certos recalques e complexos psicanalíticos.

Tanto na seara espírita, como nos terreiros de Umbanda, ainda pontificam criaturas neuróticas, esquizofrênicas, exaltadas, neurovegetativas e histéricas que, em contato empobrecido com o Além-túmulo, ainda confundem seus próprios recalques, impulsos enfermiços, complexos e alucinações à guisa de manifestações de espíritos.

Não há dúvida de que o médium, em geral, veste as idéias dos desencarnados com algo de sua natureza anímica, podendo deformar parte dos pensamentos deles pela sua própria maneira de sentir e pensar!

Evidentemente, uma boa garimpagem psicanalítica talvez pudesse sanear a mente complicada de muitos médiuns, ajustando-os na sua função de intérpretes do Além. Sob tais condições, então predominam as idéias fixas, os falsos messianismos, auto- exaltações, recalques, fobias e sublimações enganosas.

Embora esses médiuns sejam vítimas de sua própria exaltação psíquica, agindo sem má intenção, tornam-se improdutivos e até semeiam prejuízos por confundirem o sensato com o ridículo, e o verdadeiro com o falso! Sem dúvida, o método de psicanálise freudiano poderia ajudar esses médiuns quanto à drenagem de suas próprias contradições e complexos, levados à conta de mediunidade.

É um pseudo-médium, aquele que não participa de fenômenos psíquicos, mas apenas os imagina, dominado pela autoilusão, histeria, automatismo psicológico ou fantasia da mente deseducada; isto é, ele mesmo é o autor exclusivo da comunicação, que atribui a um espírito desencarnado. Ele sugestiona-se para o transe anímico já no ingresso à atmosfera tradicional do ambiente spiritista e o seu subconsciente excita-se à meia-luz, pela abertura dos trabalhos, sob a leitura do Evangelho ou dos temas mediúnicos.

As instruções do doutrinador, o convite para os médiuns se concentrarem e receberem o guia ou os sofredores, tudo isso funciona a guisa de um clima catalisador, que aciona inadvertidamente a maquinaria psíquica da criatura ansiosa por ser médium e desafogar seus dramas e angústias íntimas, que erroneamente a fizeram crer como sendo fruto da influência de espíritos sofredores.

Além das condições que aceleram a mente do médium anímico, ele pode dar largas à sua imaginação desenfreada, até pela presença de algum espírito desencarnado, às vezes seu comparsa do passado, que por isso também se ligou às próprias aflições morais e dores que o dominam durante o transe mediúnicamente.

A aproximação dos espíritos junto aos seres encarnados assinala-se por várias formas de pressentimento, modificação do campo magnético ou sensações psíquicas estranhas, que também podem se

enlear facilmente com outros fenômenos próprios da vida física, confundindo-se a criatura anímica com o médium.

Além disso, ele precisa evitar a cristalização da mente nos quadros familiares que costumava comunicar animicamente, e isso só é possível pelo estudo, pesquisa e consulta aos mais experimentados.

O médium totalmente anímico é sempre a vítima passiva do seu próprio espírito, que pensa e expõe sua mensagem particular sem qualquer interferência exterior; já o médium propriamente dito, mesmo quando obsediado, ainda é um medianeiro, um instrumento das intenções ou dos desejos de outrem.

O médium totalmente anímico pode enquadrar-se em duas classificações:

- ❖ **Anímico passivo:** é vítima absoluta de suas próprias idéias e impressões.
- ❖ **Anímico ativo:** capaz de perquirir os acontecimentos e os fenômenos da vida oculta, para depois expô-los em nome de terceiros.

Entre os fatores mais responsáveis pela cristalização do "animismo puro" de alguns médiuns, que só transmitem mensagens sugeridas pelos acontecimentos da vida cotidiana, está o automatismo psicológico, em particular, um dos estados de alma bastante influente nas manifestações anímicas, em que o subconsciente comanda as idéias ou os fatos que afloram ao cérebro do médium, impondo-os à conta de manifestação de espíritos do Além.

Em tal condição, o médium assume a personalidade alheia e passa a viver facilmente o temperamento, os sentimentos ou o caráter das criaturas que ele conheceu e pessoalmente ou pelos relatos históricos, deixando-se empolgar pelo desejo de imitá-los.

Alguns médiuns, embora não sejam completamente anímicos, deixam-se empolgar em demasia, por exemplo, pela vida dos apóstolos ou dos seguidores do Mestre Jesus, vivendo impressões íntimas que, mais tarde, passam a comunicar à guisa de manifestações mediúnicas daqueles que tanto admiram.

Os grandes líderes, profetas, santos, escritores, artistas, governadores, ministros e demais personalidades que se destacam no cenário do mundo material, exercem profunda impressão nos médiuns muito anímicos, fazendo-os rotular os seus próprios guias com esses nomes tão em evidência na história religiosa ou literatura profana.

Outros, devido à sua excessiva imaginação, muito ativada na sua mocidade quando se deixavam arrebatar pelos romances de aventuras decalcados da história, vivem no transe mediúnico essas impressões excitantes e que se sobrepõem, às vezes, à identidade e ao assunto dos espíritos comunicantes.

Então o médium anímico, muito indisciplinado em suas emoções e entontecido pelo excesso de fantasia motivado pelas imagens que bailam na sua mente descontrolada, não tarda em transferir para o ambiente espírico as personalidades que mais o impressionam na existência, dando-lhes vida triste, heróica ou desafortunada.

Através de supostas comunicações mediúnicas do Além, os personagens exaltados nos romances aventurecos e de fundo histórico, ou grandes vultos da ciência, ainda continuam a se manifestar com insistência em certos trabalhos mediúnicos, impondo as mesmas características que há séculos deveriam ter possuído em vida.

Assim, aqueles que a história romanceada os descreveu heróicos, benfazejos ou desprendidos, "baixam" nas sessões espíricas a cumprir missões elevadas e que condizem perfeitamente com o seu caráter e temperamento tradicionais.

Já os que a pena do escritor os retratou tiranos, cruéis, falsos, maquiavélicos ou cúpidos, também se apresentam nas sessões espíricas corroídos pelo remorso ou pelas dores, ou então jurando vingança e prorrompendo em ameaças contra os que pretendem doutriná-los.

Os vultos trágicos de revoluções, guerras e episódios históricos já foram doutrinados dezenas de vezes, pois determinado número de médiuns ainda não conseguiu libertar-se completamente da fascinação exercida na sua mente pelas leituras românticas e históricas, cujos personagens excitam-lhes a memória e interferem animicamente nas comunicações dos espíritos, impondo-se, por vezes, com foros de profunda realidade.

Embora esses médiuns muito anímicos sejam vítimas de sua própria exaltação psíquica, agindo sem má intenção, é óbvio que nem todas as comunicações em nome desses personagens históricos são apócrifas, pois alguns espíritos, que a história destacou pela sua turbulência, crueldade ou maquiavelismo, ainda curtem o

remorso de suas aventuras ignóbeis ou dos crimes exercidos, comparecendo eventualmente a certos trabalhos espíritas sem qualquer modificação espiritual.

Entretanto convém advertir quanto aos prejuízos da imaginação indisciplinada dos médiuns anímicos, que revivem nas sessões mediúnicas a figura de certos personagens históricos e aventureiros, cuja índole e temperamento, quase sempre são apenas a suposição daquilo que os autores, que os descreveram em seus romances, imaginaram terem eles sido na realidade.

6.5 - O médium anímico-mediúnico

O médium que é ao mesmo tempo anímico e mediúnico abandona o seu corpo físico, mas não o cede a ninguém; ele mesmo é quem toma conhecimento dos fenômenos do mundo astral e depois os relata, convicto de que esteve sob a incorporação ou influência de um desencarnado.

Trata-se de um médium cujo espírito e perispírito se afastam realmente do corpo carnal durante o sono hipnótico ou por qualquer acontecimento emocional incomum, ficando preso unicamente pelo cordão fluídico ou ectoplásmico, também conhecido por "cordão prateado".

Esse tipo de médium, enquanto dorme, pode ausentar-se facilmente do seu organismo físico e até manifestar-se à longa distancia, em cuja liberdade astral às vezes emerge a sua memória etérica do passado, e ele passa a descrever cenas e fatos de suas vidas precedentes, embora os confunda por vezes com acontecimentos próprios de sua atual existência.

Atuado pela influência regressiva da memória sideral, pode reassumir nas sessões espíritas a sua própria personalidade, vivida em existência anterior, crente de que é agora um espírito desencarnado em comunicação.

Em geral, é criatura facilmente hipnotizável; cede também às sugestões alheias e às vontades mais fortes, entrando rapidamente no transe sonambúlico natural, durante o qual revela sonhos premonitórios, descreve paisagens distantes e reflete com clareza os acontecimentos submersos ou estratificados na sua memória sideral etérica.

Quando hipnotizado, divulga os mínimos detalhes de suas existências passadas e impregna os seus relatos de fortes emoções que impressionam pelo aspecto comovente. A sensibilidade e, ao mesmo tempo, a destreza com que opera fora do seu corpo, faz do médium anímico-mediúnico um tipo eletivo à hipnose, porque os seus relatos são vivos, nítidos e impressionantes.

Situa-se na categoria dos médiuns de desdobramento ou deslocação, que podem exteriorizar o seu "corpo astral" a consideráveis distâncias e que, em certos casos oportunos, chegam a ser vistos e ouvidos como se estivessem no seu próprio corpo físico.

6.6 - Animismo e mistificação

No entanto, mistificação é outra coisa completamente diferente, caracterizada pela fraude consciente do médium e a simulação premeditada do fenômeno mediúnico, com intenção de enganar os outros. **Médium mistificador, portanto, é aquele que finge, premeditada e conscientemente, estar em transe mediúnico,** recebendo comunicação de espíritos desencarnados quando, na verdade, está apenas inventando a mensagem para impressionar ou agradar as pessoas que estão à sua volta.

A atuação anímica do médium, por sua vez, acontece de forma quase sempre inconsciente, de modo que o próprio médium dificilmente consegue perceber a sua própria interferência ou participação no fenômeno que manifesta, não conseguindo separar o que é seu do que é criação mental do comunicante, mesmo quando o fenômeno, em si, é consciente.

É o que nos diz Hermínio C. Miranda em seu livro "Diversidade dos Carismas", quando afirma que "*o fenômeno fraudulento nada tem a ver com animismo mesmo quando inconsciente. Não é o espírito do médium que o está produzindo através de seu corpo mediunizado, para usar uma expressão dos próprios espíritos, mas o médium como ser encarnado, como pessoa humana, que não está sendo honesto nem com os assistentes nem consigo mesmo. O médium que produz uma página por psicografia automática, com os recursos do seu próprio inconsciente não está, necessariamente, fraudando e sim, gerando um fenômeno anímico. É seu espírito que se manifesta. Só estará sendo desonesto e fraudando se desejar fazer passar sua comunicação por outra, acrescentando-lhe uma assinatura que não for a sua ou atribuindo-a, deliberadamente, a algum espírito desencarnado.*"

6.7 – Exercícios de Revisão e Aprofundamento

a) O que é animismo?

b) Qual a diferença entre animismo e mistificação?

c) É possível eliminar totalmente o animismo? Por quê?

d) O que é o pseudo-médium?

e) Por que os Espíritos Superiores permitem que bons médiuns sejam às vezes enganados?

6.8 – Bibliografia:

- 1 - Mediunismo – Hercílio Maes/Ramatis.
- 2 - Elucidações do Além – Hercílio Maes/Ramatis.
- 3 - Mecanismos da Mediunidade – Francisco Cândido Xavier/André Luiz.
- 4 - Animismo e Espiritismo – Alexandre Aksakov.
- 5 - Diversidade dos Carismas – Hermínio C. Miranda.
- 6 - Livro dos Médiuns – Allan Kardec.
- 7 - Mediunidade – Tudo o que você precisa saber - Richard Simonetti.

CAPÍTULO 7 - MECANISMOS DA MEDIUNIDADE

“Quanto mais se lhe acentuem o aperfeiçoamento e a abnegação, a cultura e o desinteresse, mais se lhe sutilizam os pensamentos e, com isso, mais se lhe aguçam as percepções mediúnicas, que se elevam a maior demonstração de serviço, de acordo com as suas disposições individuais.”

(André Luiz – Mecanismos da Mediunidade)



7.1 - Acoplamento áurico

Chamamos de acoplamento áurico ou envolvimento (denominação criada por Edgard Armond) à completa interação entre médium e comunicante, por meio de suas auras.

A entidade se aproxima do médium e o “abraça” com a sua aura. Estabelecida a sintonia, a aura do médium se mescla à da entidade, formando um único campo energético, por onde são transmitidas as ondas mentais e as energias entre ambos.

Quanto maior a sintonia, mais homogêneo e estável será este campo e, portanto, mais eficiente o acoplamento, permitindo maior fluidez na comunicação e no trabalho a ser desenvolvido.

León Denis em “O Problema do Ser, do Destino e da Dor” esclarece: “*A mediunidade, em suas formas tão variadas, é também a resultante de uma exaltação psíquica, que permite entrem os sentidos da alma em ação, substituíam por um momento os sentidos físicos e percebam o que é imperceptível para os outros homens. Caracteriza-se e desenvolve-se segundo as aptidões que tem o sentido íntimo para predominar, de uma forma ou de outra, e manifestar-se por uma das vias habituais da sensação. O Espírito que deseja fazer uma comunicação reconhece, à primeira vista, o sentido orgânico que, no médium, lhe servirá de intermediário e atua sobre esse ponto. Umhas vezes é a palavra ou também a escrita pela ação mecânica da mão; outras, é o cérebro, quando se trata da mediunidade intuitiva. Nas incorporações temporárias é a posse plena e a adaptação dos sentidos espirituais do manifestante aos sentidos físicos do sujet.*”

7.2 - Radiações

Todos os Espíritos, encarnados ou desencarnados, possuem a faculdade de emitir e projetar radiações a quaisquer distâncias, por maiores que sejam; entre os desencarnados, como é óbvio, tal faculdade é exercida livremente e em sentido amplo, por ausência do entrave natural, que é o corpo físico.

Tais projeções, como também ocorre com os pensamentos, são tão rápidas que ultrapassam mesmo a velocidade da luz e essa condição é que faz supor possuírem os Espíritos o dom de ubiqüidade, isto é, o de estarem, ao mesmo tempo, em dois lugares diferentes, coisa que, na realidade, jamais ocorre.

As radiações podem ser **mentais** e **fluídicas**.

7.2.1 - Radiações Mentais

A radiação mental é um processo intelectual mediante o qual se emite e projeta a determinado alvo pensamentos concordantes com o motivo que determinou a projeção.

Um indivíduo colocado em “A”, mentalmente visualiza outro indivíduo colocado em “B” e sobre ele projeta, por exemplo, pensamentos de força, coragem e confiança.

O indivíduo alvo, colocado em “B”, mesmo não possuindo a sensibilidade necessária para sentir as radiações que lhe estão sendo enviadas, recebe-as em sua mente e se beneficia dos efeitos correspondentes. Se estava enfraquecido, desencorajado, desanimado, sente-se agora estimulado, dotado de nova energia e confiança.

Esta radiação, como se vê, no fundo não passa de uma transmissão telepática e o processo se realiza de mente para mente, uma funcionando como emissora, outra como receptora.

7.2.2 - Radiações Fluídicas

Radiação fluídica é uma ação que consiste em se emitir, pelo coração, vibrações amoráveis destinadas, normalmente, a beneficiar necessitados.

Numa se emitem pensamentos e, noutra, sentimentos, coisas qualitativamente bastante diferentes.

Um indivíduo em “A” acha-se doente, perturbado e pede auxílio.

O operador em “B” concentra-se, formula uma prece, mentalmente focaliza o necessitado em “A”, estabelece em seu próprio íntimo o desejo sincero de auxiliá-lo e, em seguida, deixa que de seu coração fluam as ondulações vibratórias de reconforto.

7.2.3 - Coração e Mente

Se se trata de moléstias, essas ondulações serão fluidos de equilíbrio, vida e saúde; se são perturbações psíquicas, esses fluidos serão luz e pureza capazes de destruir as vibrações pesadas, provindas de obsessores ou vampiros; se se trata, enfim, de depressão física ou moral, esses fluidos serão forças e otimismo, capazes de restabelecer a tonalidade vital do necessitado.

Em todos os casos, o coração age como uma emissor de ondas, cuja potência fundamental é o sentimento amorável, o desejo sincero de servir, auxiliar, socorrer.

Nos casos de radiações mentais, a eficiência depende do poder de vontade do emissor, de sua capacidade de projetar ondas telepáticas mais ou menos poderosas; mas, nos casos das radiações fluídicas, a força está no sentimento, na capacidade do emissor em sentir a necessidade do próximo, no desejo ardente de beneficiá-lo e na capacidade de produzir em si mesmo e, em seguida, projetar ao alvo ondas de luz, de vida e de amor.

Nas sessões de curas, por meio de radiações à distância, o processo é sempre engrandecido, avolumado, pela força das vibrações em conjunto e pela formação de uma poderosa corrente emissora de base.

7.3 - Circuito mediúnico

Chamamos de circuito mediúnico a corrente energética formada entre os médiuns durante um trabalho mediúnico.

Segundo Carlos Torres Pastorino, em seu livro Técnica da Mediunidade, *“a mediunidade pode ser medida e considerada com todos esses termos (vibração, período, frequência, onda e corrente). A diferença reside nisto: a corrente elétrica é produzida por um gerador, e a corrente mental é produzida pela nossa mente e transmitida por nosso cérebro. No cérebro temos uma válvula que transmite e que recebe, tal como um aparelho de rádio”*.

Vejamos, então, alguns termos de eletricidade aplicada à mediunidade, na explicação do autor:

a) Vibração, onda e corrente

As vibrações, as ondas, as correntes utilizadas na mediunidade são as ondas e correntes de pensamento. Quanto mais fortes e elevados os pensamentos, maior a frequência vibratória e menor o comprimento de onda, e vice-versa.

b) Frequência

Cada cérebro pode emitir em vibrações ou frequência alta ou baixa, de acordo com o teor dos pensamentos mais constantes. O amor vibra em alta frequência; o ódio, em baixa frequência. São pólos opostos. Quanto mais elevados os pensamentos, em amor, mais alta a frequência e mais elevada a ciclagem. O que eleva a frequência vibratória do pensamento é o amor desinteressado; abaixam as vibrações tudo o que seja contrario ao amor: raiva, ressentimento, mágoa, tristeza, indiferença, egoísmo, vaidade, enfim qualquer coisa que exprima separação e isolamento.

c) Ondas amortecidas

Atingem rapidamente um valor máximo de amplitude, mas também rapidamente decrescem, não se firmando em determinado setor vibratório. Na mediunidade, ondas amortecidas são as produzidas por cérebros não acostumados à elevação, mas que, em momentos de aflição, proferem preces fervorosas. A onda se eleva rapidamente, mas também decresce logo a seguir, pois não têm condição para manter-se constantemente em nível elevado, por não estarem a ele habituados. São pessoas que, geralmente, se queixam de que suas preces não são atendidas. De fato, produzem ruídos, mas não conseguem sustentar-se em alto nível, não atingindo, pois, o objetivo buscado.

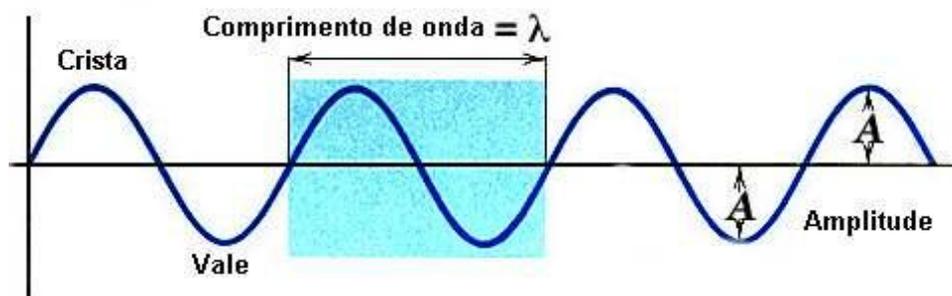
d) Indutância

Chama-se assim a inércia da eletricidade, na mudança de uma direção para outra, na vibração. Em outras palavras, quando a oscilação chega ao ponto máximo, ela para, para voltar ao lado oposto. Essa é a “indutância”, que é medida em “henrys”.

Na mediunidade observamos também o fenômeno da indutância, que provoca muitas vezes “momentos de silêncio”. O médium “treinado” permanece calado, nesses momentos. O não desenvolvido intromete aí pensamentos seus, colaborando na manifestação externa. Se a indutância é muito grande, a comunicação torna-se imperfeita e falha. Isso pode ser causado por defeito do aparelho receptor (médium) ou do aparelho transmissor (espírito). Qualquer dos dois, sendo “humanos”, pode ser fraco e apresentar indutâncias muito fortes, hiatos longos.

e) Onda Eletromagnética

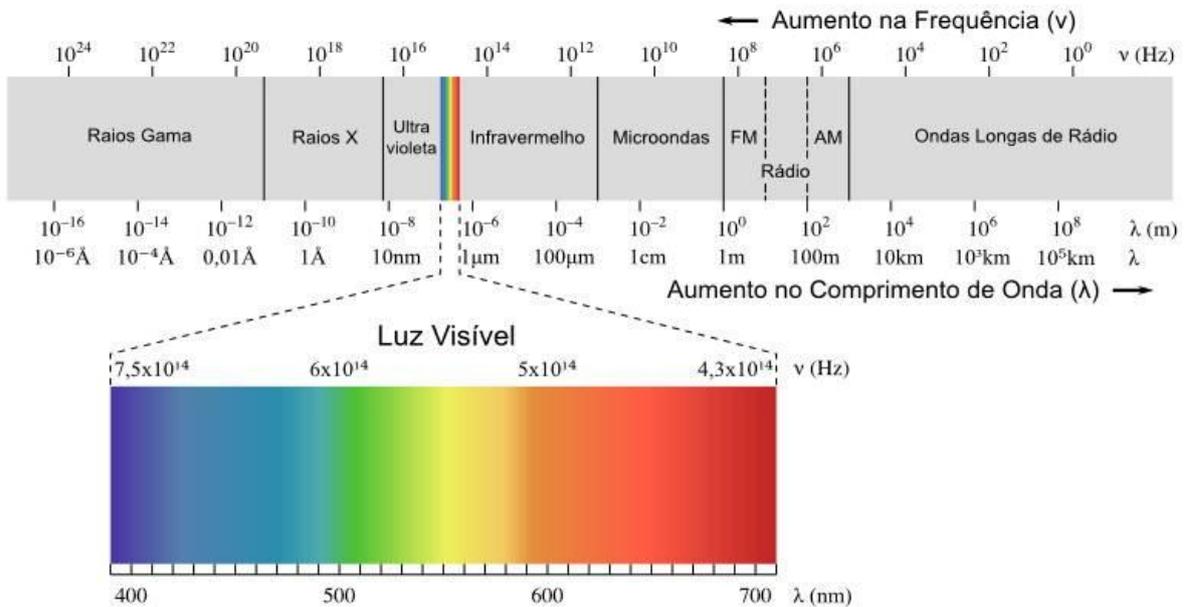
Vemos, então, que ONDA é uma partícula que se desloca com movimento oscilatório. Acontece, porém, que ao deslocar-se, provoca um “campo magnético”. Esse “campo magnético” particular acompanha a onda que o criou.



Vejamos, agora, as diversas espécies de ondas:

- ❖ **ONDAS LONGAS** - são todas as superiores a 600 metros de comprimento. Caminham ao longo da superfície terrestre e têm pequeno alcance.
- ❖ **ONDAS MÉDIAS** - são as de comprimento entre 150 e 600 metros. Caminham em parte ao longo da superfície, mas também se projetam para as camadas superiores da atmosfera. Têm alcance maior que as anteriores, embora não muito grande.
- ❖ **ONDAS CURTAS** - são as que variam entre 1,0 e 150 metros. Rumam todas para a atmosfera superior, e são captadas de “ricochete”. Têm alcance muito grande, podendo ser captadas com facilidade.
- ❖ **ONDAS ULTRA-CURTAS** - são todas as que forem menores que 10 metros. Muito maior alcance e força, ecoando nas camadas superiores da atmosfera.

Observe o quadro, onde além dessas, figuram outras ondas e raios.



Tudo isso faz-nos compreender a necessidade absoluta de mantermos a mente em “ondas” curtas, isto é, com pensamentos elevados, para que nossas preces e emissões possam atingir os espíritos que se encontram nas altas camadas.

As ondas longas, de pensamentos terrenos e baixos, circulam apenas pela superfície da Terra, atingindo somente os sofreadores e involuídos, ou as próprias criaturas terrenas. Qualquer pensamento de tristeza ou ressentimento ou crítica abaixa as vibrações, não deixando que nossas preces cheguem ao alvo desejado.

f) Corrente Elétrica

Chamamos “corrente elétrica”, o deslocamento da massa elétrica, através de um fio condutor. Temos então dois sentidos:



- de A para B, chama-se **sentido positivo**.
- de B para A, chama-se **sentido negativo**.

- ❖ **Pensamento positivo e negativo** - Na manifestação de nossos pensamentos também temos duas direções: o pensamento positivo, em que a corrente caminha de baixo para cima, do mais longo para o mais curto, e o pensamento negativo, quando se desloca em sentido contrário, do alto para baixo, do mais curto para o mais longo.

A corrente é de suma importância. Se os pensamentos bons (elevados) e de amor são apenas “momentâneos”, não conseguem formar uma “corrente”, mas somente “ondas amortecidas”, isto é, ruídos interrompidos. Ao passo que a “corrente” dirige continuamente a onda pensamento em determinada direção.

Assim como a corrente positiva precisa ser constante para atingir o alvo e a “onda amortecida” não chega à meta, aquele que está permanentemente com sua corrente positiva não é prejudicado pelas “ondas amortecidas” de pensamentos “maus” que lhe chegam e são logo expulsos. O permanecer nos pensamentos negativos formando “corrente” é que prejudica.

A corrente pode ser:

- ◆ **Contínua ou Direta** - quando a intensidade e o sentido da propagação são invariáveis, de A para B.
- ◆ **Alternada** - quando a intensidade e o sentido variam periodicamente, isto é, obedecem ao movimento de vai-e-vem. A corrente alternada está sujeita à lei Senoidal, embora nem sempre apresente curvas em senóide.
- ❖ **Pensamento firme ou inseguro** - Assim nossos pensamentos. Podem permanecer em “corrente direta”, quando concentrados em dado objetivo permanentemente: emitimos, apenas. Mas podem passar a “corrente alternada”, quando emitimos e recebemos alternadamente; isto é, lançamos o pensamento e obtemos a resposta.

Também a mediunidade pode consistir numa corrente direta, quando caminha numa só direção (do espírito para o médium) numa passividade absoluta, ou pode ser executada em corrente alternada, quando o médium age, com seu pensamento, sobre o espírito, isso é necessário, é imprescindível que ocorra, quando o espírito manifestante é sofredor: o médium deve receber as idéias do espírito, manifestando-as; e logo influir com sua própria mente sobre o espírito, doutrinando-o em conexão com o doutrinador. Mais ainda, quando, fora de sessão, se vê acossado por espíritos que atrapalham mentalmente, pode estabelecer com eles um diálogo, procurando doutrina-los.

Na prece, a corrente pode ser direta (geralmente o é), quando apenas nós falamos, e pode ser alternada quando, na prece verdadeira, pouco falamos e depois silenciemos para “ouvir” a resposta silenciosa em nosso coração.

Verificamos, pois, que, sendo as leis as mesmas em todos os planos, aplica-se ao espírito idêntico princípio que encontramos na física.

f.1) Corrente Parasita

A “corrente parasita” ou corrente de Foucault, ocorre quando o núcleo de metal do rotor (gerador) é construído de uma só peça sólida e inteira. Sendo os condutores enrolados em torno desse núcleo de metal, este pode desenvolver uma “corrente parasita”, que interfere nas linhas do campo magnético. Essas correntes, além de não terem utilidade, produzem calor no núcleo, baixando o rendimento da máquina. Para diminuir a intensidade da corrente parasita, ao invés de um bloco inteiro, são usadas finas chapas separadas por matéria isolante. Assim, em lugar de corrente parasita única de intensidade forte, teremos uma série de pequenas e inofensivas correntes, que só circulam individualmente em cada lâmina.

❖ **Formação da mesa mediúnica** - O conhecimento desse efeito é de grande utilidade para constituição da mesa mediúnica; e explica por que, desde os primórdios, os bons dirigentes de sessões fazem sentar os médiuns intercalando-os com não médiuns. A razão dada é que os não médiuns servem para “sustentar a corrente”. Perfeitamente lógico e verdadeiro. Mas agora, pela comparação com a “corrente de Foucault”, podemos perceber o motivo científico: se os médiuns se sentam todos de seguida na mesa, forma-se a “corrente parasita”, que pode provocar interferências no campo magnético da mesa, fazendo que a vibração recebida por um médium repercuta nos que lhe estão ao lado, perturbando-os. Além disso, ao envolver outro médium essa vibração, pode levá-lo a enganar-se: supondo tratar-se dos fluidos de um desencarnado, talvez force a manifestação, resultando daí mistificação involuntária e inconsciente. Mais ainda: formando o bloco monolítico de médiuns um grupo inteiro, a intensidade da manifestação é maior, enfraquecendo as resistências dos médiuns (pela corrente parasita) e a ação dos espíritos se fará com muito mais violência.

Se os médiuns (sensitivos) forem intercalados com não-médiuns (não-sensitivos = isolantes), cada um deles dará sua manifestação com a intensidade normal, sem perigo de influenciar os vizinhos e com maior possibilidade de conter a violência dos manifestantes. Formar-se-á, dessa forma, uma corrente normal, sem perigo de parasitismo, de influências mútuas, de violências acrescidas. Dentro do possível, pois, formem os

dirigentes a mesa com essa alternância de médiuns e não-médiuns. Além da intensidade da corrente, e da resistência que a ela opõe o condutor, encontramos outras especialidades a estudar.

g) Campo Elétrico

Denominamos assim a porção do ESPAÇO onde se realizam fenômenos elétricos, pela existência de uma corrente. A direção e a intensidade de um campo elétrico são dadas pelas “linhas de força” do campo.

h) Linha de Força

Linha de força representa um campo elétrico (ou magnético) cuja direção, em qualquer ponto é tangente à direção da força elétrica (ou do campo magnético) nesse ponto.

A linha de força é tangente em todos os pontos, à direção do campo. Mas o campo é percorrido por uma infinidade de linhas de força. Então, o número de linhas de força que atravessam uma superfície é dado, convencionalmente, pela intensidade do campo.

Aqui novamente encontramos aplicações interessantes.

❖ **A sala de reunião** - Uma reunião mediúnica forma, inegavelmente, um “campo elétrico” ou magnético. Quanto mais estiver o ambiente carregado de eletricidade ou magnetismo positivo, mais eficiente será a reunião. Quanto mais esse ambiente estiver permeado de forças negativas, mais perturbada a reunião. Essa a razão por que se pede que não haja movimento de gente na sala mediúnica, especialmente algumas horas antes das reuniões: é para evitar que o campo elétrico seja desfavoravelmente carregado de energias negativas, interferindo nas “linhas de força” estabelecidas pelos espíritos, como “pólos norte” ideais no campo. A conversação fútil, as discussões políticas ou de outra espécie, as críticas ou palavras deprimentes, “invertem” a corrente elétrica do campo.

Ora, as “linhas de força” dependem da intensidade de pensamentos bons e amáveis. Quanto mais numerosas e fortes essas linhas de força, tanto mais propício o “campo elétrico” para as comunicações eletromagnéticas entre desencarnados e encarnados. Não se trata de religião nem de pieguismo: é um fenômeno puramente físico, de natureza elétrica. Quem pretende fazer reuniões espíritas (eletromagnéticas) sem preparar antes o “campo eletromagnético”, sujeita-se a decepções de toda ordem, a interferências, a fracassos.

Note-se, porém, que o campo elétrico pode também ser perturbado por entidades desencarnadas, que vivam no ambiente (por não ser calmo e amoroso) ou que sejam trazidos pelos frequentadores (que tenham tido discussões ou raivas durante o dia). As entidades desencarnadas têm a mesma capacidade que as encarnadas de emitir ondas eletromagnéticas de pensamento. O que evita esses aborrecimentos é uma corrente **mais forte** que a tudo se superponha. E o melhor gerador de forças eletricamente superiores é a **Prece**.

i) Condensador

Chamam-se “condensadores” (ou “capacitores”) os aparelhos constados de tal maneira, que tenham, intercalados, corpos “bons condutores” de eletricidade e material “isolante” (dielétrico). O fato de não se tocarem entre si os “condutores”, faz que a corrente, mesmo não passando de um a outro, provoque a criação, entre eles, de um “campo elétrico”. Assim, um CONDENSADOR cria um campo elétrico entre cada chapa, no espaço ocupado pelo material isolante.

Os condensadores quando em circuito sintonizado podem ser:

i) fixos, quando recebem e emitem energia num só comprimento de onda, sem selecioná-las.

ii) variáveis, quando têm possibilidade de selecionar os diversos comprimentos de onda, de acordo com a maior ou menor superfície do campo, estabelecido pelas “placas”. Todos conhecem os condensadores variáveis em nossos radioreceptores.

❖ **Os médiuns** - No ambiente mediúnico, os assistentes e médiuns são verdadeiros condensadores, que formam o “campo eletromagnético”. Entre cada criatura existe o material isolante (o ar atmosférico). E por isso o campo se tornará mais forte quando houver mais de uma pessoa.

Aqueles que não são médiuns funcionam como os condensadores fixos, que recebem e emitem energias num só comprimento de onda, não sendo capazes de distinguir as diversas “estações” transmissoras (os diversos espíritos) e não podem por isso receber e transmitir as mensagens deles. As idéias ficam confusas e indistintas.

Já os médiuns são verdadeiros condensadores variáveis, com capacidade para selecionar os espíritos que chegam. Então recebem e transmitem cada comprimento de onda por sua vez, dando as comunicações de cada um de per si.

Quanto maior a capacidade do médium de aumentar e diminuir a superfície do campo estabelecido pelas “placas”, tanto maior a capacidade de receber espíritos de sintonia diversa, elevados e sofredores. Há médiuns, porém, que parecem fixos em determinada onda: só recebem e transmitem determinada espécie de espíritos, provando com isso a falta de maleabilidade de sua sintonia.

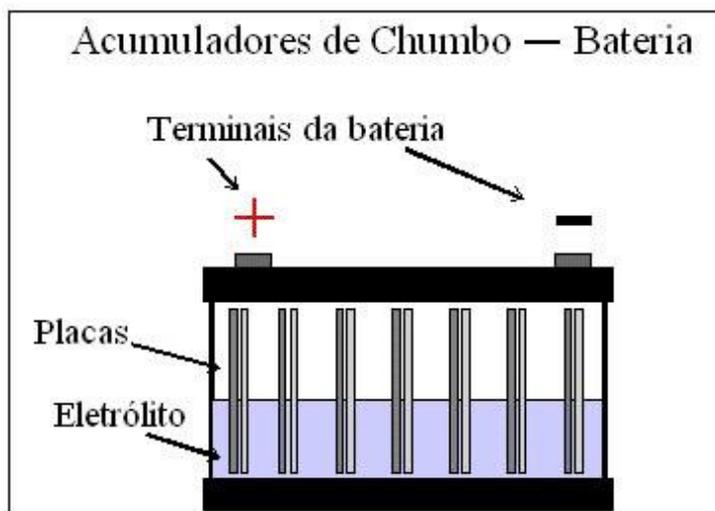
Para modificar a sintonia, o condensador variável movimentava as placas, aumentando ou diminuindo a superfície do campo. Os médiuns podem obter esse resultado por meio da PRECE, modificando com ela o campo elétrico, e conseguindo assim captar e retransmitir as estações mais elevadas, os espíritos superiores.

j) Acumulador

Chamamos acumulador o aparelho que ARMAZENA energia química. Essa energia, uma vez armazenada, é fornecida e distribuída sob a forma de corrente elétrica, até que o acumulador se esgota. Entretanto, é possível recarregar o acumulador, forçando-se através dele uma corrente em sentido oposto.

j.1) Bateria

Denomina-se BATERIA uma série de acumuladores ligados entre si, aumentando, com isso, a capacidade de armazenamento e também o tempo em que consegue permanecer sem esgotar-se. Grande semelhança com a mediunidade.



❖ **A mesa da reunião** - Cada criatura constitui um acumulador, capaz de armazenar a energia espiritual (eletromagnética). Entretanto, essa energia pode esgotar-se. E se esgotará com facilidade, se houver “perdas” ou “saídas” dessa energia com explosões de raiva, ou com ressentimentos e mágoas prolongadas, embora não violentas. Cada vez que uma pessoa se aborrece ou irrita, dá “saída” à energia que mantinha acumulada, “descarrega” o acumulador de força (ou fluidos), diminui a carga e, portanto, se enfraquece. O segredo, então, é tentar manter-se inalterado e calmo em qualquer circunstância, mesmo nas tempestades morais e materiais mais atroz.

Todavia, se por acaso o acumulador se descarrega, pode ser novamente carregado por meio de exercícios de mentalização positiva e da prece desinteressada. Portanto, é realmente carregado com uma energia em direção oposta: se ficou negativo, carregar-se-á com energia positiva.

Os acumuladores nem sempre possuem carga suficiente de energia para determinado fim. São então reunidos “em série”, formando uma bateria. Na mediunidade, muitas vezes um médium não é capaz de fornecer energia suficiente a sós, por isso costuma reunir-se com outros, formando uma “reunião”. Esta é constituída “em série”, (não em paralelo), e por isso é que todos se sentam em redor de uma mesa (na Umbanda se forma o anel mediúnic). A bateria assim formada conserva em si a energia e pode utilizar uma energia eletromagnética muito maior. Daí as comunicações em reuniões serem mais eficientes do que com um médium isolado, por melhor que seja ele.

Também a bateria pode esgotar-se. Mas a vibração das ondas de pensamento e a prece podem carregar novamente a bateria. Esse processo é com frequência utilizado nas reuniões, durante ou após a manifestação de espíritos muito rebeldes, que descarregam a energia: uma prece repõe as coisas em seu lugar, infunde novas energias à “bateria” e permite a continuação dos trabalhos.

k) Eletricidade Estática

Assim é chamada aquela eletricidade que existe permanentemente na atmosfera e nos corpos.

O átomo, constituído de núcleo (prótons, nêutrons) e elétrons, além de partículas efêmeras como mésons, pósitrons e neutrinos possui, além disso, a capacidade de revestir-se de elétrons.

A ciência oficial, neste particular, ainda se encontra meio tonta: basta dizer que considera “negativos” os elétrons, que são tipicamente POSITIVOS. Vem o erro da denominação errônea inicial, quando se chamou “negativa” a fonte que despedia energia, e “positiva” a que recebia essa energia. Exatamente o contrário da realidade e da verdade.

Para a ciência oficial, ainda hoje, positivo é o pólo “passivo”, e negativo é o pólo ativo...

Em vista disso, os elementos positivos, os elétrons, são chamados negativos. Entretanto, procurando corrigir essa falha lamentável, vamos denominar certo, neste estudo: os elétrons, para nós, são positivos (embora a ciência os denomine erradamente negativos)

Feita esta ressalva inicial, para podermos entender-nos, verifiquemos o comportamento do átomo e, portanto dos corpos.

k.1) Equilíbrio - Quando um átomo está com seus elementos equilibrados (número normal de prótons, elétrons, etc.), dizemos que está “descarregado” eletricamente; ou seja, “não tem carga elétrica”.

l) Carga Elétrica - Quando conseguimos colocar mais elétrons no corpo, dizemos que o corpo está “carregado positivamente”. Quando, ao contrário, há carência ou falta de elétrons, dizemos que está “carregado negativamente”.

O que acabamos de expor pode ser verificado facilmente. Se encostarmos um pente de ebonite, ou uma caneta tinteiro a pedacinhos de papel, nada acontece: o pente e a caneta estão “descarregados”. Mas se esfregarmos o pente ou a caneta num pedaço de lã ou flanela, e os aproximarmos dos pedacinhos de papel, veremos que estes pulam e aderem à caneta ou ao pente: então dizemos que estão “carregados”.

Essa eletricidade estática existe no corpo humano, que consiste num eletrólito (isto é, 66% dele é solução salina que contém e conduz elétrons: essa solução salina tem o nome de “soro fisiológico”). Então, também o corpo humano, para ter saúde, necessita estar equilibrado quanto ao número de elétrons. Quando estes se escoam (por exemplo, pelos pés molhados) o corpo se torna “deficiente” de elétrons, e surgem as doenças como reumatismo, nefrite, flebite, infecções, etc., etc., pelas exaltações de germens.

Assim, as enfermidades exprimem falta de elétrons; a saúde é o equilíbrio; o excesso de vitalidade é um “superávit” de elétrons.

❖ **O corpo humano** - O que ocorre com o corpo físico (ou melhor, com o corpo astral ou perispírito), ocorre também com os desencarnados, que continuam revestidos de corpo astral.

Se o “espírito” está bem, seus elétrons estão em equilíbrio; se estes são deficientes, o “espírito” está enfermo, física ou moralmente.

Por isso, se o aparelho (médiu) se liga a um espírito bom, carregado positivamente de elétrons, se sente bem e continua com esse bem estar mesmo depois da “incorporação”, porque permanece com os elétrons em equilíbrio ou em “superávit”.

Mas ao invés, quando é ligado a um “espírito” sofredor ou obsessor, com deficiência de elétrons, o aparelho se sente mal, e o mal-estar continua após a “incorporação” porque os elétrons que tinha, passam para o “espírito” que sai aliviado.

Neste segundo caso, para reequilibrar o aparelho, é mister:

- a) ou de um passe de “reequilíbrio”, para fornecer-lhe os elétrons que perdeu em benefício do “espírito”;
- b) ou de “receber” o mentor ou amigo espiritual que, com sua ligação, restabeleça o equilíbrio, fornecendo-lhe os elétrons necessários.

m) Indução - Sabemos que, sem necessidade de tocar um corpo em outro, podemos eletrizá-lo (carregá-lo de elétrons) por aproximação ou mergulho num “campo elétrico” ou num “Campo magnético”. A isso chamamos indução.

❖ **O “encosto”** - Muitas vezes, mesmo sem “incorporação”, pode um “espírito” aproximar-se (encostar-se) a um aparelho (médium), “sugando-lhe” os elétrons e deixando-o com mal-estar, por vezes com dores, embora o desencarnado dali se afaste aliviado. Isso ocorre com todos. Mas os médiuns, por serem mais sensíveis, percebem essas diferenças de elétrons.

Para o médium, bastará um passe de recuperação, que é inclusive uma das caridades mais meritórias, porque feita sem interesse e até sem conhecimento do que se está passando. Há também ervas que possuem e produzem grande número de elétrons. E, sendo a água um bom condutor de energia, essas ervas são empregadas com muito êxito em banhos chamados “de descarga”, porque retemperam e reequilibram o organismo do aparelho. Já os antigos conheciam essas ervas. Daí se colocarem certas plantas (arrudas, “espada de S. Jorge”, etc.), no ambiente: a produção de elétrons protege os habitantes. E quando a sucção dos elétrons é grande no ambiente, a planta chega a murchar: é quando se diz que “o ambiente não está bom”. Eis porque os velhos, desvitalizados (pobres em elétrons) gostam da companhia de jovens, que lhes fornecem elétrons por indução. Por isso não devem dormir no mesmo leito crianças e velhos.

A sensibilidade dos médiuns faz que eles percebam a aproximação de um espírito como uma descarga elétrica, manifestado por vezes por um “arrepio” violento que lhes percorre a espinha, ou por um eriçar-se dos pelos dos braços, imitando a “pele de galinha”: representa isso a entrada ou a saída de elétrons. Daí haver duas espécies desses arrepios: um desagradável, quando o espírito “suga” elétrons que saem de nosso corpo, exprimindo a presença de um “espírito” enfermo ou perturbado; outro agradável, de bem estar, significando um “banho” de elétrons que nos penetram, quando o “espírito” é benéfico, e, portanto nos fornece energia. (Essas sensações estão a cargo do sistema simpático-parassimpático).

n) As Pontas – A eletricidade positiva ou negativa se agrega mais nas pontas ou extremidades pontuadas. Daí terem nascido os pararraios. Essa é a razão pela qual as mãos, os pés e, sobretudo os dedos, são as partes mais carregadas em nosso corpo. Por esse motivo os passes são dados com as mãos abertas (o que em o Novo Testamento se diz “impor as mãos”), para que os elétrons fluam através dos dedos.

❖ **Os Passes** -Qualquer dor que sentimos é imediatamente socorrida pela nossa mão que vai ao local, para restabelecer o equilíbrio dos elétrons: é o passe instintivo e natural. Por isso as pessoas fracas gostam de ficar segurando as mãos das pessoas fortes: os enfermos assim fazem com os sadios. Os passes, portanto, são um “derramamento” de elétrons, através das pontas dos dedos, para reestabelecer o equilíbrio daquele que recebe o passe, e que deles está carente. Todavia, da mesma forma que o pente de ebonite depois de certo tempo perde os elétrons em excesso que recebeu ao ser atritado com lã, assim também ocorre com o corpo humano. Daí a necessidade de os passes serem periódicos. Bem assim os obsedados (permanentemente “sugados” por amigos invisíveis), os fracas de saúde, os que lidam com multidões, precisam periodicamente de passes reequilibrantes, recebendo um acréscimo de elétrons. Por essa razão, as pessoas doentes (a quem faltam elétrons) não devem dar passes: ao invés de dá-los, tirariam os poucos do paciente, depauperando-o ainda mais. Além disso, existem os que, sem elétrons positivos, possuem um excesso de carga negativa. Com esses, é mister primeiro dar passes “de descarga”, tirando as cargas negativas, para depois dar-lhes elétrons. Essa é a razão por que alguns, ao dar passes sem técnica, absorvem a carga negativa dos enfermos, ficando eles mesmos doentes: então, em, primeiro lugar, passes “dispersivos” para limpar de cargas negativas; depois então, passes de fornecimento de energias.

o) Abastecimento

Para que haja uma corrente, de qualquer tipo, é indispensável que os fios estejam ligados a um abastecedor, seja ele um acumulador, uma bateria ou um gerador de eletricidade.

❖ **Ligação com o Alto** - Todas as criaturas humanas têm uma capacidade elétrica, como vimos, porque o próprio corpo é um eletrólito. Essa eletricidade estática pode ser transformada em “corrente”, seja ela direta ou alternada, se o indivíduo se ligar a um abastecedor de força. Temos assim que a corrente elétrica poderá ter curso se a pessoa se ligar a um acumulador (unir-se a outra pessoa com vibração suficientemente forte), a uma bateria (reunir-se a uma corrente de pessoas) ou a um gerador (à Força Cósmica, por meio da prece). Uma vez excitada a corrente na criatura (quando esta “entra em estado de transe”) com seus elétrons em forte vibração, sua sensibilidade fica aumentada de muito, e suas válvulas (certas glândulas) conseguem fazer passar as comunicações telepáticas de outros “espíritos”, encarnados ou desencarnados. A ligação, que comparamos a um acumulador, é feita de dois modos: ou direta por contato, ligando-se os “fios” a uma pessoa (encarnada ou desencarnada), ou “por indução”, quando a criatura (encarnada ou desencarnada), sendo possuidora de forte campo elétrico e magnético, envolve o médium nesse campo, excitando-lhe os elétrons e produzindo a corrente. Evidentemente, a ligação será muito fraca quando se tratar de um simples acumulador; mais forte quando for uma bateria, e fortíssima quando se tratar de um gerador. Daí haver necessidade, nas reuniões desse gênero, de que a “corrente mediúnica da mesa” seja firme, segura, que haja, como se diz vulgarmente “concentração”, ou seja, que todos ajudem, com um pensamento uníssono, a formação do campo elétrico que permita, àquele aparelho que deverá registrar os sinais telepáticos enviados de fora, uma sensibilidade apurada e uma “seleção de sinais” (evitando assim interferências).

p) Intensidade

Logicamente, a corrente poderá ter maior ou menor intensidade, dependendo esta, portanto, da fonte alimentadora. Medimos a intensidade em “ampères”. Assim, a quantidade da corrente que percorre um fio será tanto maior, quanto mais “ampères” tiver. E o “ampère” é medido pelo aquecimento do fio. Certos fios não resistem a amperagem alta; outros resistem melhor e permitem um acréscimo de quantidade de corrente.

❖ **Ligação com os espíritos** - Assim medimos a capacidade mediúnica de uma pessoa; algumas possuem capacidade para receber “espíritos” de alta energia; outras só podem receber comunicações de “espíritos” afins em força. Raros são os aparelhos que suportam quantidades grandes de “fluidos” elétricos, sem lhes opor resistência.

q) Resistência

Qualquer condutor de eletricidade, por melhor que seja, opõe uma resistência (faz uma oposição) à passagem da corrente. Essa resistência é medida em “ohms”, e há leis estabelecidas para medi-la: o comprimento do fio, sua grossura, a temperatura e o material de que é construído. Assim, a resistência será maior:

- ❖ se o fio for mais comprido;
- ❖ se o fio for mais fino;
- ❖ se a temperatura for mais elevada, e vice-versa.

r) Impedância

Na corrente alternada, a resistência da bobina tem um nome especial, é a impedância. O fio se opõe muito mais à corrente alternada que à corrente direta. Isto porque, na corrente direta os elétrons simplesmente atravessam o fio de um lado para outro, então a resistência é uma constante. Já na corrente alternada, os próprios elétrons do fio são agitados, num campo magnético que varia continuamente; e essa variação do campo magnético “sufoca” e diminui a corrente, em sua intensidade.

❖ **Resistência dos médiuns** - No fato mediúnico observamos com frequência tanto a resistência quanto a impedância dos aparelhos (médiuns). A resistência é oposta às comunicações telepáticas que lhes chegam. Sentado a uma mesa de trabalhos, com a “bateria” boa, o médium sente os sinais elétricos que lhe chegam à mente, e resiste, nada manifestando, por causa do temor de que esses sinais não venham de fora, mas de dentro

dele mesmo. Isto é, que não seja a comunicação de um espírito desencarnado, mas apenas de seu espírito encarnado. Em outras palavras: teme, que não seja uma comunicação, mas simplesmente um caso de animismo.

Numa sessão bem orientada, o que se quer é “coisa boa”, não importando a fonte de onde provenha. Se a comunicação é boa, sensata, lógica, construtiva, que importa se vem de um espírito encarnado ou desencarnado? Se nada vale a comunicação, deve ser rejeitada, venha ela de uma ou de outra fonte. A razão é que deve ter a última palavra. Mas além dessa resistência à corrente direta, e que geralmente é consciente, existe também a “impedância”, ou seja, a resistência quase sempre inconsciente à passagem da corrente. O médium não faz de propósito: ao contrário, conscientemente se coloca “à disposição”. Mas sem querer e sem saber, não deixa que seus órgãos especializados vibrem suficientemente para permitir a eletrificação do fio, e a comunicação não se dá. Pode ser que essa resistência (ou melhor, impedância) seja resultado de fatores estranhos: a questão do material que lhe constitui o corpo físico e que torna difícil a eletrificação. Se, por exemplo, se trata de uma pessoa frígida e indiferente, haverá muito mais dificuldade do que com uma pessoa sensível e amorosa, sobretudo se estiver “apaixonada”. Assim o comprimento do fio: se a comunicação é feita de longa distância, é mais dificilmente recebida. Se a temperatura da sala é quente, a comunicabilidade é mais imperfeita. E também a temperatura do corpo do médium influi. Tanto assim que os melhores aparelhos registram baixa temperatura do corpo, além de baixa pressão sanguínea: é típica do médium a hipotensão.

Outro fator de impedância é a “variação do campo magnético”, isto é, quando a corrente mediúnica está fraca ou insegura; quando seus componentes se distraem com facilidade; quando há elementos fracos, diminuindo a capacidade da bateria. Um acumulador pifado inutiliza a bateria; uma pessoa distraída “quebra” a corrente.

Conforme estamos vendo, um curso de eletrônica, mesmo simples e elementar, esclarece e explica os fenômenos cientificamente, sem necessidade de recorrer a “sobrenaturalismo” para os fenômenos mediúnicos, que são naturais e se efetuam em diversos planos: no plano material (eletricidade), no plano emocional (arte), no plano intelectual (mediunidade), no plano espiritual (inspiração).

i) As resistências, ligadas de seguida, se somam. Por isso, quanto mais numerosos forem os descrentes de má vontade, numa reunião, menos possibilidade há de se obterem comunicações.

ii) Ao resistir à corrente, o fio pode ficar “ao rubro” (por exemplo, no ferro de engomar). É a razão de o médium que resiste à comunicação quase sempre sentir mal-estar, que persiste mesmo depois da reunião.

iii) Quanto mais aquecido o fio, maior sua resistência à corrente. Daí serem mais difíceis as comunicações em ambientes quentes e abafados.

iv) A resistência depende do material de que o fio é construído. Por exemplo, o ferro é seis vezes mais resistente que o cobre.

Em vista disso é que se aconselha aos médiuns não se alimentarem excessivamente, nem ingerirem álcool, nem carne em demasia, para que oponham menor resistência às comunicações.

7.4 - Mecanismo da Cura espiritual

“A mediunidade é coisa santa, que deve ser praticada santamente, religiosamente. Se há um gênero de mediunidade que requeira essa condição de modo ainda mais absoluto é a mediunidade curadora.”

(Allan Kardec)

Ramatis, em “Fisiologia da Alma” dá explicações claras sobre o mecanismo de atuação das energias irradiadas no passe e demais curas energéticas dizendo que:

“A matéria, como energia condensada, é força disciplinada pela coesão cósmica e submetida às leis que regulam as polarizações e o intercâmbio recíproco de nutrição energética. O homem, como um organismo eletrobiológico, também obedece a uma polaridade, que se equilibra pelas cargas negativas e positivas, para atuar em perfeita sincronia com os movimentos cardíacos e da respiração. Deste modo, as lesões que se processam no seu corpo físico, quer sejam as tumorações cancerosas ou o distúrbio leucêmico ocorrido na intimidade da medula óssea, na verdade, devem a sua origem a desarmonia dinâmica dessas correntes eletromagnéticas, que descompensam o potencial de sua sustentação celular.”

Não resta dúvida de que o corpo humano é um absorvente espontâneo de energias boas ou más; ele tanto pode-se tornar uma esponja ávida por embeber-se de forças superiores que o renovam e o ativam, como também se transforma no mata-borrão absorvente dos venenos deletérios, desde que o espírito sintonize-se às correntes baixas do mundo astral inferior.

Assim é que, no tratamento do câncer, o passista magnético deve, em primeiro lugar, cuidar de restabelecer o equilíbrio compensador do fluxo dinâmico das correntes negativas e positivas no todo-indivíduo, operando ao longo do sistema nervoso; depois que conseguir uma ação eficiente e energética do magnetismo circulando em todo o organismo, é que deverá concentrar as cotas de energias magnéticas, necessárias às zonas ou órgãos enfermos. Essa transfusão de energias magnéticas, de um pólo positivo para outro negativo, termina por auxiliar extraordinariamente o corpo físico a empreender as correções orgânicas para o seu restabelecimento.

(...) O espírito, como um eletroímã poderoso, tanto atrai como repele energias que palpitam livres no seio da vida cósmica. Ele é sempre um centro de atração magnética, onde quer que esteja e atue; condensa, liberta, expande ou agrupa as correntes magnéticas ou energéticas, que o ajudam mais breve a nivelar-se às regiões paradisíacas; ou então pode baixar vibratoriamente sob a lei dos pesos específicos, estagnando em sintonia com a vida degradada dos mundos deletérios do astral inferior. Deste modo, o principal papel do passista é o de interferir no campo dessas energias poderosas e canalizá-las para os enfermos na quantidade e qualidade capazes de renovarem-lhe as células doentes ou cansadas, operando as transformações benéficas nas coletividades microbianas que recompõem os tecidos e órgãos físicos.

Atingido o ponto de equilíbrio magnético do corpo humano, é este mesmo que opera, defendendo-se da invasão dos germes e elementos mórbidos, extinguindo qualquer mazela ou excrescência que perturbem a sua harmonia.”

7.5 – Exercícios de Aprofundamento e Revisão

a) O que é o acoplamento áurico? Qual sua importância para o fenômeno mediúnic?

b) Explique como se processa o fenômeno da “incorporação” de um guia no médium de trabalho.

c) Por que trabalhar mediunicamente em grupo é melhor do que sozinho?

d) Qual o motivo de muitos médiuns normalmente se sentirem mal no dia de trabalho mediúnic?

- e) Por que o médium que tem medo/dúvida e resiste a dar “passividade” mediúnica muitas vezes se sente mal durante os trabalhos?

- f) Por que o médium deve evitar comer carne vermelha e quaisquer alimentos pesados antes dos trabalhos espirituais?

7.6 – Bibliografia

- 1 – Técnica da Mediunidade – Edgard Armond.
- 2 – O Livro dos Médiuns – Allan Kardec.

CAPÍTULO 8 - O DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO

“Os candidatos ao trabalho mediúnico, junto das criaturas humanas, precisam refletir com segurança e discernimento, antes de abraçá-lo, conscientes de que se encontram diante de um dos mais sérios compromissos espirituais da vida.”

(Francisco Cândido Xavier)



8.1 – Oportunidade do Desenvolvimento

O simples fato de haver necessidade de desenvolvimento mediúnico demonstra que deve também haver uma época apropriada ao seu início.

“Tudo na Natureza tem sua hora certa para nascer, para crescer, para declinar, para extinguir-se.”

(Salomão – Eclesiastes)

Tudo está bem regulado não havendo nada de arbitrário. Há leis para tudo e elas se exercem com absoluta regularidade.

Assim como o fruto amadurece na sua época, devem também amadurecer no devido tempo, segundo leis irrecorríveis, todas as virtudes e faculdades do espírito.

Creemos que para a eclosão da mediunidade a época normal é a juventude, quando as forças orgânicas estão em plena expansão e o indivíduo ainda tem pela frente a maior parte de seu quinhão de vitalidade; eclodida assim a faculdade, sua consolidação só se vem a dar numa fase mais madura, quando obtém então maior fecundidade e segurança, porque só aí se definiram seus elementos, o espírito se enriqueceu com as experiências e o coração se dilatou com o sofrimento da luta.

No período de declínio orgânico, acreditamos que o campo das atividades se restringe e o espírito vai se recolhendo em si mesmo, fugindo aos embates exteriores, como um caminheiro cansado, que anseia pelo justo repouso.

Assim, pois, acreditamos que a mediunidade se desenvolve com a própria expansão da vida física individual e se amortece com o próprio declínio.

Há casos, porém, em que indivíduos idosos, aos primeiros contatos com a corrente, manifestam mediunidade franca e evoluída e isto é o que induz a muitos suporem que não há épocas preferenciais para o desenvolvimento.

Estes fatos, todavia, não invalidam mas, muito ao contrário, confirmam nosso ponto de vista: a faculdades amadureceram na sua época, porém só muito tardiamente se manifestaram, por falta de condições favoráveis, que um desenvolvimento metódico e regular proporcionaria; e, nestes casos, resultarão sempre em faculdades indisciplinadas ou eivadas de defeitos, vamos dizer, congênicos, que só muito dificilmente poderão ser corrigidos.

É perigoso provocar o desenvolvimento prematuro de faculdades psíquicas (naquilo em que elas podem ser forçadas) tentando sua eclosão por meio de hipnotismo, auto-esforço, ou interferência de Espíritos levianos desencarnados.

Aguarde-se o momento propício e, enquanto isso, instrua-se o candidato na doutrina, teoricamente; procure-se equilibrá-lo na prática das virtudes e na disposição para o bem porque, então, e assim sendo, as portas do que for oculto se abrirão em claridades e o médium, olhando, verá e ouvindo, discernirá.

Em todos os casos procurem os médiuns manter comunhão com os bons Espíritos, não exigindo que eles desçam a seu nível, mas esforçando-se para subirem até eles, purificando-se e vivendo com retidão.

8.2 – Iniciando o Desenvolvimento

Há uma corrente de pensadores espíritas que faz restrições ao trabalho de desenvolvimento mediúnicos. Acham que a mediunidade deve ficar entregue a si mesma, para manifestar-se quando for hora, não devendo o médium sujeitar – se a qualquer esforço, regras ou métodos, tendentes a regular essa manifestação. Discordamos em parte.

Se é verdade que não se pode forçar a eclosão de faculdades porque isso depende de amadurecimento espontâneo e oportuno, não é menos certo que se pode e se deve aperfeiçoar e disciplinar tais dotes para se obterem resultados mais favoráveis. Aqui calha o preceito: *“ao que não tem, pouco ou nada se pode dar, mas ao que tem muito se pode acrescentar”*.

Um curso d’água entregue a si mesmo pode se perder na planície, fazendo voltas inúteis, se estagnando e provocando malefícios mas, devidamente canalizado, vai diretamente à foz e em muito menos tempo.

No caso da mediunidade o que se procura é justamente canalizar a corrente, discipliná-la, para que haja maior harmonia no curso; afastar os obstáculos para que flua com mais desembaraço e rapidez. A falta de tais cuidados é que o mundo está cheio de médiuns obsidiados, fracassados, ou, na melhor das hipóteses, estagnados. Por isso somos pelo desenvolvimento metódico, regrado, bem conduzido.

André Luiz, falando de um caso de epilepsia, afirma a necessidade dos tratamentos prévios, dos reequilíbrio orgânico e psíquico e do reajuste moral antes de se iniciar o desenvolvimento mediúnico propriamente dito de “faculdades”. Diz ele: “Desenvolver, em boa sinonímia quer dizer “retirar do invólucro”, “fazer progredir” ou “produzir”. Assim compreendendo, é razoável que Pedro, antes de tudo, desenvolva recursos pessoais no próprio reajuste. Não se constroem paredes sólidas em bases inseguras. Necessitará, portanto, curar - se. Depois disso, então..

Mais adiante: *“Sobrevirá, então, um aperfeiçoamento de individualidades, a fim de que a fonte mediúnica surja mais tarde, tão cristalina quanto desejamos. Salutares e renovadores pensamentos assimilados pela dupla de sofrendores em foco, expressam melhorias e recuperação para ambos, porque, na imantação recíproca em que se vêem, as idéias de um reagem sobre o outro, determinando alterações radicais.”*

Passado, pois, o período preparatório; obedecidas todas as recomendações já expostas; estando o médium mais ou menos equilibrado física e psiquicamente; possuindo já, sobre si mesmo e sobre o ambiente que lhe for próprio, relativo domínio e, principalmente, apresentando-se o campo mediúnico em condições favoráveis de influência, poderão então ser iniciados os trabalhos do desenvolvimento propriamente dito.

Colocado na corrente o médium sentirá, desde os primeiros contatos, as influências ambientes, que tanto podem provir do magnético humano da base, como serem impressões telepáticas dos presentes, fluidos pesados de Espíritos inferiores que aproximem, radiações longínquas de Espíritos evoluídos, impressões de seu próprio subconsciente, como atuações, enfim, diversas e complexas, de outras forças e entidades astrais.

Ao toque dessas influências entrará ele imediatamente em um estado de tensão emotiva, mais ou menos intensa e mais ou menos consciente, segundo o grau de sua própria sensibilidade, da natureza das faculdades que possuir e, sobretudo, segundo a afinidade que demonstrar para umas ou outras.

Conforme a natureza ou grau dessas influências poderá ele ser por elas mais ou menos dominado, reagindo de maneiras muito variáveis, havendo casos em que o médium, nestes primeiros embates, se deixa dominar completamente, descontrolando-se, ou amedrontando-se.

Por isso uma das principais e mais urgentes necessidades é impedir que tal aconteça, de forma arbitrária, criando-se desde logo, no espírito do médium a idéia de que não deve ser escravo, mas senhor dessas forças, regular o ato da passividade, disciplinar suas emoções e só entregar-se passivamente quando tiver adquirido confiança em si mesmo e no ambiente em que se acha.

Deve-se-lhe proibir sujeitar-se cegamente, num grau todavia que não represente impedimento às próprias manifestações, porque em tal caso estaria dificultando, como é lógico, a espontaneidade e o curso natural do desenvolvimento.

8.3 - Adaptação Psíquica

Qualquer que seja, porém, a natureza da mediunidade o trabalho de desenvolvimento deve sempre começar por um período preparatório que denominamos, à falta de melhor termo — **adaptação psíquica**.

Todo médium de prova é, em regra geral, um indivíduo perturbado, nos primeiros tempos, porque ele, por si mesmo, é um Espírito faltoso e a prova a que se submete é de resistência e de combate a elementos espirituais inferiores, correspondentes às próprias faltas.

A encarnação, aliás, não se dá para que o indivíduo repouse, tenha bem estar, ou comodidades, mas unicamente para que lute, se renove e moralmente evolua.

A mediunidade, nestes casos, começa mesmo a se manifestar, desde o início, na forma de perturbações de variada natureza, tanto físicas como psíquicas.

Moléstias de toda ordem, que resistem aos mais acurados tratamentos; alterações físicas incompreensíveis, de causas impalpáveis, que desafiam a competência e a argúcia da medicina; complicações as mais variadas, com reflexos na vida subjetiva, que a medicina descarta impotente e uma sintomatologia complexa e indefinível de nervosidades, angústias, depressões; ou alterações, já do mundo mental, como temores, misantropia, alheamento à vida, manias, amnésias, etc.; ou ainda perturbações mais graves que requerem isolamento em sanatórios.

O certo é que no fundo de todas estas perturbações e numa ampla proporção existe sempre esse fator — mediunidade — como causa determinante e, portanto, passível de regularização.

E declare-se desde já que todas estas anormalidades, nesse estado inicial, são próprias das circunstâncias e justamente ocorrem para chamar a atenção do indivíduo para sua condição de médium e que, no caso em que as advertências não são levadas em conta, por ceticismos, ignorância, preconceitos sociais ou religiosos, vão crescendo de vulto e de intensidade, podendo levar o indivíduo a extremos realmente lamentáveis.

Os médiuns que chegam às casas espíritas/espiritualistas vêm muitas vezes perturbados, alguns procedendo de outras seitas ou ainda bastante céticos, necessitando de um período preparatório, durante o qual tomam contato com a nova situação, com os conhecimentos espirituais, etc., antes de passarem ao desenvolvimento propriamente dito. Daí a necessidade imperiosa dessa fase de adaptação psíquica.

Esse período preparatório visa justamente a promover o equilíbrio geral, orgânico e psíquico, disciplinar a causa perturbadora e dar ao médium certo autodomínio, harmonia e serenidade internas.

A mediunidade de prova, como já vimos, tem fundas reflexões no organismo físico e mesmo quando, pela violência das manifestações ou por sua antigüidade, tenha sido o organismo lesado, o tratamento beneficia o médium, restabelecendo a função dos órgãos ou no mínimo restringindo os **efeitos** das perturbações.

Mas, quais os **agentes** dessas perturbações?

Todos o sabemos: defeitos morais próprios e influências diretas e indiretas de forças e entidades espirituais inferiores, ligadas ao caso pessoal, e que assim cumprem também seu papel como elementos cooperadores que são, mesmo quando inconscientes, dos protetores individuais e das entidades responsáveis, que dirigem os homens e os mundos na sua elevada tarefa de executores das leis divinas.

8.4 - Passividade Mediúnica

Sabemos que há médiuns extremamente passivos e faculdades que, por si mesmas, obrigam a essa passividade como, por exemplo, a incorporação inconsciente e os efeitos físicos.

Estes são os casos em que os médiuns realmente representam para as forças e entidades do plano invisível, um “aparelho”, um “instrumento” como se costuma dizer, porque então, estão elas inteiramente à disposição dessas entidades e em quase nada intervêm, na ocorrência dos fenômenos.

O mesmo porém não se dá com as faculdades de lucidez, que permitem aos médiuns conservar sua consciência, liberdade de ação e personalidade, como também agir segundo a própria vontade, até mesmo deixando de ser “intermediários”, abstendo-se ou recusando-se a transmitir o que vêem ou ouvem, caso o desejem.

A passividade funcional, todavia, mesmo nos primeiros casos citados, somente deve ocorrer no período da ação mediúnica voluntária, fora da qual os médiuns devem conservar e utilizar seus atributos psíquicos normais, livres de qualquer influência exterior.

Natural, pois, e mesmo necessário, que haja passividade no ato funcional mediúnico e atividade e consciência plenas fora desse ato, não só para o selecionamento do ambiente do trabalho, como para a escolha de colaboradores, de processos, tudo visando a perfeita realização da tarefa individual.

A passividade cega entrega os médiuns à influência de forças e entidades de todas as classes e esferas, indiscriminadamente e isso é altamente nocivo: não só representa um abastardamento do fruto do seu trabalho como traz a possibilidade do desvirtuamento de suas faculdades, que podem ser desviadas para o mal, quando utilizadas por Espíritos ignorantes, inconscientes ou maldosos.

Sem espiritualização a mediunidade não evolui. Pode haver esforço e trabalho mediúnico, porém, diz André Luiz, “*sem acrisolada individualidade não existirá aperfeiçoamento mediúnico.*”

E quanto aos médiuns de lucidez, se agirem com passividade cega e desconhecem certos problemas da vida mediúnica, pode ocorrer que penetrem no campo hiperfísico inconscientes do que se passa ao seu redor e por isso não possam compreender ou classificar o que vêem ou ouvem, as entidades que lhes falam e o mais que suceder durante a ação mediúnica, expondo-se a perturbações diversas, mormente as do campo mental.

Além disso, como médiuns, intermediários, agentes de ligação entre os dois mundos, que confiança podem merecer se eles próprios ignoram, não só a natureza como o significado do que vêem ou ouvem?

Mas como, mesmo assim, quando estes casos ocorrem, fazem a transmissão — e não são poucos os médiuns passivos e ignorantes — calcule — se daí a extensão das informações, transmissões errôneas, absurdas e ilusórias que espalham pelo mundo! Nestes casos só haveria um meio de joeirar os erros transmitidos: possuírem os dirigentes de trabalhos, ou pessoas interessadas na transmissão, conhecimentos gerais e adequados dos aspectos e problemas da vida espiritual, eliminando uns e aceitando outros.

Isso, porém, como sabemos, muito raramente acontece e, a rigor, tudo quanto o médium diz ou transmite é aceito também cegamente, ou de boa-fé, pelos interessados.

Por aí se vê que esses primeiros trabalhos do desenvolvimento são delicados e difíceis de ser regulados convenientemente porém deles depende em grande parte a futura estruturação da mediunidade em curso.

Não basta, pois, adentrar a corrente mediúnica e concentrar-se: é preciso estudo, boa vontade, critério, inteligência e recíproco espírito de cooperação entre médiuns e instrutor.

O médium, nestas circunstâncias, é como um aluno que precisa acomodar-se às regras, às ordens, à disciplina, ao regimento da classe em que está; confiar e obedecer criteriosamente aos instrutores.

Por falta dessa educação inicial é que se vê comumente o número de médiuns, arbitrariamente influenciados, manifestarem-se antes mesmo que as sessões sejam declaradas abertas, e também casos em que os próprios protetores individuais de médiuns são causadores de irregularidades semelhantes, o que demonstra que ignoram, tanto quanto os próprios médiuns e diretores de trabalhos, as verdadeiras regras espirituais que devem ser seguidas nos trabalhos práticos.

Essas irregularidades prejudicam a todos os assistentes mas, sobretudo, aos médiuns em desenvolvimento já que estes, ao seu próprio e natural desgoverno, adicionam ainda o que lhes vêm de práticas tão mal conduzidas.

8.5 - O Ambiente

Referimo-nos tanto ao ambiente individual, à atmosfera digamos assim, em que vive o médium, como ao das reuniões que frequenta.

O ambiente individual deve ser criado e mantido pelo próprio interessado tanto quanto possível. Cada um de nós vive dentro de seu próprio mundo, carrega-o consigo e alimenta-o constantemente com seus próprios pensamentos e atos; e o conjunto desses mundos individuais forma o mundo exterior coletivo, que é o palco onde todos se movem e representam os mais variados papéis.

Cada um vê, sente e compreende esse mundo exterior de certa forma, segundo sua própria capacidade e segundo o modo por que reage às suas influências.

O médium tem de formar para si um mundo individual bem equilibrado e harmônico, claro e metódico, onde as coisas materiais e espirituais estejam inteligentemente reguladas, cada uma no seu devido lugar, exercendo sua ação no devido tempo, sem atropelo e sem predominâncias arbitrárias.

Por efeito de sua própria mediunidade, há nele forte tendência de se deixar empolgar pelas coisas do campo espiritual; porém, nesse período preparatório, é necessário o equilíbrio, lembrando que somos espíritos temporariamente vivenciando uma experiência material. Olhos no céu, mas pés no chão.

Esse equilíbrio ele tem que obtê-lo, tanto no seu íntimo como em sua vida doméstica e social e, por isso, desde o início, deve se traçar um programa de ação e se sujeitar a regras judiciosas que correspondam às suas próprias necessidades.

E são também indispensáveis, desde logo, a alternância criteriosa de esforço e de repouso, recreações de ordem elevada e contatos ameadados com a Natureza, que é fonte inesgotável de elementos recuperadores, harmonizadores. Somente quando adquirir harmonia em si mesmo poderá ele vibrar em concordância com as coisas divinas.

Percebe-se, pois, do que fica dito, que o médium deve fugir das coisas que ofendem a sensibilidade, deprimem e irritam o espírito; das frivolidades que relaxam as energias morais; dos espetáculos onde as paixões inferiores se desencadeiam freneticamente.

Precisa, por outro lado, criar um ambiente doméstico favorável, pacífico, fugindo a discussões estereis e desentendimentos e sofrer as contrariedades inevitáveis com paciência e tolerância evangélicas.

Seja como pais, irmãos, filhos ou cônjuges, devemos viver em nosso lar como um exemplo vivo de pacificação, paciência e boa vontade. Não esqueça que, em sua qualidade de médium de prova, ainda não desenvolvido ou, melhor, educado, representa sempre uma porta aberta a influências perniciosas de caráter inferior que, por seu intermédio, comumente atingem os indivíduos com quem convive.

E, quanto à sua vida social, deve exercer seus deveres com rigor e honestidade, guardando-se, porém de se deixar contaminar pelas influências malévolas naturais dos meios em que se põem em contato indivíduos de toda espécie, sem harmonia de pensamentos, educação e sentimentos.

É muito difícil, nos tempos que correm, conservar o equilíbrio, manter a harmonia na vida de relação com os semelhantes, porque o mundo passa por uma transição profunda, em que todos os valores morais estão sendo subvertidos, caindo em degradação; e porque o médium, além das perturbações exteriores, que deve enfrentar, ainda possui as do seu próprio espírito, carente sempre de virtudes sustentadoras.

Por isso tem que envidar maior esforço que o comum dos homens para viver com retidão e manter a comunhão com o invisível, porque sem essa comunhão, devidamente selecionada, purificada, não suportará o peso das coisas do mundo, nem superará seus obstáculos. **Entretanto, e por isso mesmo, recebem os médiuns maior ajuda; têm maior facilidade e assiduidade nos contatos com o invisível e, em ampla extensão, desce sobre eles a assistência do Alto desde que, bem entendido, se esforcem, orando e vigiando, para cumprir devotadamente seus deveres.**

Quanto às reuniões doutrinárias que freqüenta, deve fugir daquelas onde as práticas e os objetivos demonstram ignorância ou superstição, porque aí encontrará forçosamente forças negativas, que a todo transe convém evitar. Selecione, pois, as reuniões que freqüenta e naquela onde sentir-se melhor, mais amparado pelo invisível, mais sereno e confiante fortificado nos seus sentimentos bons; onde sentir bem-estar espiritual, durante e após os trabalhos; naquela, principalmente, que tiver caráter evangélico e for isenta de artifícios e de exterioridades grotescas e inúteis, aí permaneça e a considere merecedora do seu concurso.

Mesmo que não se dê a essas reuniões caráter de sessão espírita como se o entende, bastará que haja uma concentração e preces, para que o médium, apoiado nesses elementos de proteção e conforto receba desde logo a necessária assistência espiritual, que nunca lhe é negada do Alto. Em todos os casos um bom ambiente de trabalho espiritual é de capital importância.

8.6 - A Corrente

Chama-se “corrente” ao conjunto de forças magnéticas que se forma em dado local, quando indivíduos de pensamentos e objetivos idênticos se reúnem e vibram em comum, visando a sua realização. Nessa corrente, além da conjugação de forças mentais, estabelece-se o contato entre as auras, casam-se os fluidos harmonizam-se as vibrações individuais, ligam-se entre si os elementos psíquicos e forma-se uma estrutura espiritual da qual cada componente é um elo, mas elo vivo, vibrante, operante, integralizador do conjunto. Um pensamento ou sentimento discordante individual, afeta toda a estrutura, dissocia-a, desagrega-a e prejudica o trabalho, assim como o elo quebrado de uma corrente a torna fraca ou imprestável.

A marca, a característica de uma corrente perfeita é a serenidade, a calma, a harmonia, a beatitude do ambiente que então se forma; o bem-estar que todos sentem e a qualidade dos benefícios espirituais que todos recebem. Ambiente agitado, tumultuoso, é sinônimo de corrente imperfeita, mutilada, não harmonizada nos dois planos e em correntes dessa espécie não pode haver manifestação de Espíritos de hierarquia elevada, e nada de bom podemos dela receber. O problema é pois formar, antes de mais nada, uma boa corrente neste plano e estabelecer sua conexão com os operadores do plano invisível.

8.6.1 – A “Egrégora” da Casa Espiritual

O local onde são realizados os trabalhos espirituais não é somente uma casa, uma construção. Além da estrutura material existe uma estrutura espiritual que é mantida por todos aqueles espíritos (Caboclos, Pretos Velhos, Crianças, Exus, mentores diversos, etc...) e por todos os médiuns, camponos e participantes da Casa. Esta estrutura espiritual é um tipo de campo estrutural.

Nas práticas espirituais bem organizadas, as forças dos dois planos se conjugam formando então, momentaneamente, uma estrutura maior, mais resistente, melhor organizada, que representa de fato um poderoso e dinâmico conjunto de força espiritual.

Desse conjunto se beneficiam então todos os presentes encarnados e desencarnados e inúmeras realizações do campo espiritual se tornam possíveis, porque dessa forma se possibilita em franca expansão, a manifestação de entidades superiores do plano invisível.

A formação de uma boa corrente magnética é, pois, a condição primária para a realização de todo e qualquer bom trabalho espiritual, qualquer que seja o objetivo da reunião. Ofereçamos assim aos Espíritos invisíveis que têm tarefa a cumprir em nosso meio uma corrente perfeita, e tudo o que for justo se poderá esperar como resultado.

Quando uma pessoa vai até uma casa espiritual, seja de que religião for, e ao adentrar ao recinto se concentra em preces e respeita o lugar sagrado, ela está neste momento vibrando e alimentando o campo estrutural daquele lugar, fortalecendo com vibrações espirituais positivas a egrégora da casa.

Ao alimentar a egrégora, ela passa a se envolver naquele campo espiritual e imediatamente passa a receber as vibrações espirituais que aquela egrégora (Campo Estrutural) devolve a ela, existindo uma troca de energia espiritual. Havendo afinidade, poderemos entrar em **ressonância espiritual** com as vibrações espirituais daquele lugar e então a energia transferida será bem maior.

Devemos evitar Casas onde a egrégora não é salutar, pois o campo energético que nos envolverá poderá nos prejudicar profundamente.

Podemos ter uma idéia da Egrégora de uma Casa Espiritual a partir da sábia advertência de Jesus: *“Conhece a árvore por seus frutos.”*

O que consola, que alivia, que busca orientar para a luz, o que acalma e une, procede da luz. O que fomenta discórdia, que se distancia da caridade verdadeira, que busca seus próprios interesses, que maldiz e desune, não provém da luz.

8.7 - O Trabalho dos Guias



Nas sessões, como já vimos, há sempre uma dupla assistência:

A dos encarnados — que é sempre a menor — e a dos desencarnados, formada dos encarregados do trabalho no plano invisível, a saber: vigilantes, auxiliares e dirigentes, e dos Espíritos necessitados de esclarecimentos e auxílio (sofredores, obsessores, etc.), além de determinado público, mais ou menos numeroso, que os vigilantes mantêm a certa distância para que não perturbem os trabalhos. Todos têm seus lugares próprios e se separam por faixas fluídicas de diferentes vibrações segundo as condições pessoais em que se apresentam, ou as funções que exercem.

Em sessões bem organizadas e conduzidas, graças a esses cuidados preparatórios, imperam sempre ordem e disciplina nos dois planos, ao passo que naquelas em que se negligenciam tais arranjos, falha a assistência espiritual superior, estabelece-se sistematicamente confusão, o trabalho espiritualmente não progride, toma cunho pessoal e os resultados, quando não são propriamente maléficos, são medíocres.

A corrente magnética de base, feita pelos encarnados, começa a formar-se desde o momento em que se faz silêncio e se inicia a concentração, fase essa que, no outro plano, já foi antecedida, de alguns momentos pelas providências preparatórias dos trabalhadores invisíveis.

De cada indivíduo concentrado e desde que haja uniformidade mental, partem raios fluídicos luminosos, de cores que variam segundo as condições morais de cada um. Esses raios se vão ligando uns aos outros, a poucos centímetros dos corpos físicos, e terminam se fundindo numa corrente única que, a seu turno, se conjuga com a corrente formada pelos cooperadores invisíveis (de isolamento e proteção do ambiente geral), disso resultando um conjunto vibratório de grande força potencial que se estende em torno, numa certa área e que constitui o que se pode chamar “o campo espiritual do trabalho”.

Dentro dessa área há equilíbrio vibratório, estabilidade, harmonia, e grupos de trabalhos idênticos, reunidos na mesma ocasião, alguns, podem se permutar assistência e auxílio recíproco, utilizando essa caudal de energia salutar, em limites e condições mais ou menos amplas, segundo a intensidade e a elevação vibratória de cada grupo operante.

Estabelecida assim a corrente e verificada antecipadamente por eles próprios as afinidades psíquicas, os agentes invisíveis conduzem os Espíritos que se devem manifestar para junto dos médiuns em condições de trabalho, que passam então a ser influenciados, nos limites de suas próprias capacidades e condições de resistência fluídica, o que é também previamente determinado.

Essa capacidade ou resistência depende da força vital, equilíbrio psíquico, grau de desenvolvimento mediúnico, flexibilidade mediúnica e adiantamento moral de cada médium. Há médiuns que com um só trabalho ficam exaustos e outros que podem permanecer mediunizados durante tempo mais ou menos longo.

Somente depois de estabelecidas as afinidades fluídicas é que se podem dar as ligações mediúnicas. Antes que os médiuns sejam influenciados os cooperadores invisíveis atuam sobre eles preparando-os, mediunicamente, para o trabalho. Já vimos, no capítulo 11 da primeira parte, como se realiza essa preparação, segundo a descrição de André Luiz; os centros vitais são postos em equilíbrio; desembaraçados e regenerados os órgãos físicos; estimulados os centros de energia espiritual (glândulas, plexos), para que funcionem com mais intensidade, elevando a vibração fluídica de forma a se conseguir o necessário grau de sensibilização mediúnica, tudo feito com assistência do protetor individual do médium, que é sempre consultado e atendido nos conselhos e indicações que fornece em relação ao seu protegido.

Terminados os trabalhos a corrente se desfaz, mas seus efeitos perduram no espírito de cada um dos assistentes, na medida do que absorveu dos fluidos e radiações ambientes e na medida do quanto pôde se integrar e assimilar da essência espiritual do trabalho realizado; e o cabedal que pôde cada um incorporar a si mesmo irá em seguida realizando em seu íntimo um trabalho silencioso e profundo, de reabilitação e purificação espiritual, que se acentuará com a repetição, pela assiduidade a trabalhos semelhantes, operando-se por fim uma verdadeira transformação, material e moral, no corpo e no espírito de cada assistente.

Por isso julgamos que são altamente benéficos e necessários os trabalhos práticos em comum, quando realizados em boas condições e nisto discordamos de alguns confrades abstêmios, que se limitam a estudos teóricos de gabinete, privando-se de ação e contatos salutares, com o que retardam de muito não só a eclosão de faculdades mediúnicas que porventura possuam em germe, como a oportunidade de um caminhar mais rápido na estrada evolutiva; nos trabalhos práticos encararão os fatos, viverão as realidades objetivas da vida espiritual, em seu dinamismo, multiforme, ao invés de permanecerem comodisticamente no terreno platônico das especulações intelectivas.

8.7.1 - Auxiliares Invisíveis

Sob o nome de guias, em geral nos referimos às entidades que assistem cada indivíduo, em sua passagem pela Terra. Convém distinguir, nesse conjunto, uma entidade de outra, segundo as funções que exercem.

A assistência individual é feita por entidades ligadas de uma forma ou de outra, ao destino dos encarnados e o nome mais apropriado a lhes dar seria: protetores, assistentes espirituais ou guias, conforme a função e responsabilidade da entidade em relação ao indivíduo.

Na Umbanda muitos desses guias e protetores, além da própria função de orientação e segurança do indivíduo no dia-a-dia, possuem outorga de trabalho dentro de uma ou mais linhas conhecidas desta religião, em consonância com a programação reencarnatória do próprio médium. Assim temos nossos pretos-velhos, crianças, caboclos, guardiões, ciganos, etc. que se manifestam gradativamente no desenvolvimento mediúnico da Umbanda, segundo nosso esforço pessoal e merecimento.

Esses protetores e assistentes comuns mantêm com o indivíduo ligações mais estreitas, mais íntimas e permanentes e atuam em todos os casos, interferem mesmo em detalhes da vida comum, ao passo que os Guias propriamente ditos somente interferem em situações de importância, agem nas grandes linhas dos acontecimentos) manifestam-se somente em ocasiões ou assuntos ligados à missão que o indivíduo deve cumprir.

E entre os guias ainda se estabelece diferenciação, havendo “guias de encarnação” — ligados ao indivíduo somente em relação aos acontecimentos de uma vida no plano material — e “guias de evolução” — ligados a períodos mais ou menos longos de suas vidas anteriores.

O médium bem formado, tanto do ponto de vista técnico como moral e que realiza sua tarefa com nobreza e desprendimento, terá oportunidade de entrar em contato com essas diferentes categorias de entidades, e nesses contatos conseguirá identificá-las, distinguindo-as umas das outras, o que aliás é de grande utilidade e conveniência, entre outras razões pelo fato de ficar sabendo a quem deve recorrer, num ou noutro caso, segundo a natureza do problema para o qual necessita de assistência ou conselho espiritual.

Para um assunto comum, da vida doméstica, por exemplo, apelará para um protetor familiar, ao passo que para uma decisão ligada à vida pública, dirigir-se-á ao guia de encarnação, e assim por diante.

Nos casos, por exemplo, de moléstias ou de dificuldades domésticas são os assistentes familiares que intervêm, esclarecendo que apontando o que convém fazer.

Nos casos de curas à distância ou trabalhos de consultas espirituais, realizadas em sessões mediúnicas, o operador invisível, responsável pelo trabalho, nem sempre examina direta ou pessoalmente o doente, mas simplesmente lança a interrogação ao protetor familiar, que imediatamente responde dando os esclarecimentos necessários; aliás é este a melhor autoridade para fazê-lo porque está em contínuo e perfeito contato com o protegido, conhece todos os detalhes da questão e pode dar uma informação segura e precisa.

Somente nos casos em que a interrogação feita ou a decisão a tomar escape de sua alçada ou dos limites de suas atribuições é que eles mesmos, os protetores familiares, recorrem aos guias de encarnação, que possuem maior autoridade e saber e que conhecem além disso as ligações cármicas da vida atual do protegido que quase nunca são do conhecimento do assistente familiar.

Os familiares, protetores e guias, estão ligados à vida do indivíduo encarnado ou porque o pediram, em virtude de razões afetivas, ou porque receberam tais tarefas, para efeito de resgates cármicos. Têm portanto todo interesse em levar a bom termo suas missões se bem que, na maioria dos casos, encontrem grandes dificuldades em realizá-las por falta de compreensão, conhecimentos espirituais, possibilidades de ligação, entendimento, sensibilidade e fé, da parte dos assistidos.

É preciso, pois, por todos os meios, procurar contatos com os protetores e guias espirituais, já que representam eles para todos nós preciosa fonte de esclarecimento, conselho e ajuda. Pensando neles constantemente estamos nos ligando; pedindo seu auxílio nos casos que escapam de nossas forças, estamos nos ligando; englobando essas entidades nas preces que diariamente fazemos, estamos também nos ligando; mas é necessário além de tudo isso reservar, de nossos labores quotidianos, alguns momentos para meditações diárias durante as quais os procuramos com nossos pensamentos, ajustamos com eles, em sincero e franco entendimento mental os assuntos mais graves de nossa vida e, com auxílio das inspirações que então recebemos, retificamos nossos rumos.

É sabido, como já dissemos, que os assistentes não fazem o nosso trabalho, não carregam o nosso fardo, pois que isso seria contrário às leis da vida espiritual, entre outras razões porque nos tiraria o mérito da obra e destruiria o livre arbítrio individual, que é coisa sagrada; mas simplesmente nos orientam, nos aconselham, estimulam e inspiram o procedimento mais acertado e conveniente. Ouvi-los é, pois, ter prudência; obedecê-los, é demonstrar sabedoria.

**“O amor é ciência de sublimação para Deus e a felicidade para crescer deve dividir-se. Não há ruptura de laços entre os que se amam no infinito do espaço e na eternidade do tempo.
As almas afins se engrandecem constantemente repartindo as suas alegrias e os seus dons com a Humanidade inteira, não existindo limitações para o amor, embora seja ele também a luz divina a expressar-se em graus diferentes nas variadas esferas da vida.”**

(Chico Xavier)

8.8 – Exercícios de Revisão e Aprofundamento

a) Qual a importância do Desenvolvimento mediúnico para o médium? Ele deve ser imposto ao médium cujas faculdades estão afloradas? Justifique sua resposta.

b) O que é a Egrégora da Casa Espiritual?

c) Quais os percalços que podem surgir normalmente no período de adaptação psíquica do médium ao desenvolvimento mediúnico?

d) Disserte sobre qual a importância do médium manter um bom ambiente psíquico dentro e fora da Casa Espiritual.

e) Qual o papel dos guias e mentores espirituais nos trabalhos mediúnicos e nas nossas vidas?

f) Quais os benefícios que os médiuns podem haurir em desempenhando com dedicação e amor seu mandato mediúnico?

8.9 – Bibliografia

1 – Estudando a Mediunidade – Martins Peralva.

2 – O Livro dos Médiuns – Allan Kardec.

3 – Diretrizes de Segurança – Divaldo Pereira Franco/Joanna de Ângelis.

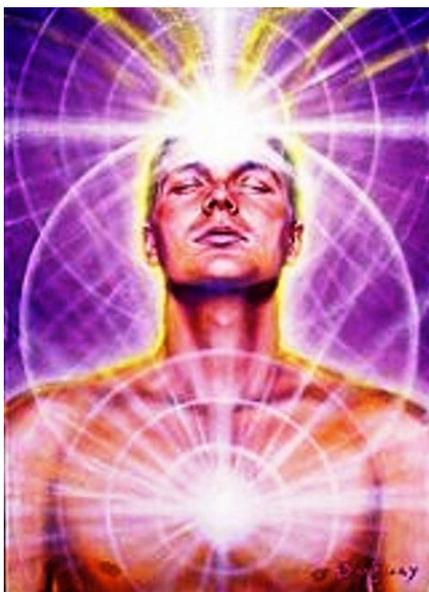
4 – Mediunidade sem Lágrimas – Eliseu Rigonatti.

5 – Mediunidade – Edgard Armond.

CAPÍTULO 9 – MEDIUNIDADE E REFORMA ÍNTIMA

"Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para dominar suas más inclinações."

(Allan Kardec - O Evangelho Segundo o Espiritismo)



9.1 - A Lei da Sintonia

O conhecimento e a aplicação da lei da afinidade moral fazem com que obtenhamos a proteção e a simpatia dos bons espíritos e evitemos a influência dos ignorantes.

Afinidade quer dizer semelhança. a lei da afinidade moral é a seguinte: - indivíduos de moral igual se atraem e de moral contrária se repelem. esta lei rege nossas relações sociais tanto para os encarnados como para os desencarnados. ela não só seleciona nossos amigos encarnados como também os espíritos que habitualmente nos assistem. uma pessoa estudiosa não tem por companheiros habituais pessoas que se comprazem na ignorância; quem tem o vício de beber não procura a companhia do que é temperante; um perverso se ajunta a outro perverso para praticarem o mal; um bom se ajunta a outro bom para espalharem o bem.

Por conseguinte, a lei da afinidade moral nos ensina que os bons se agrupam e repelem os maus; os maus se reúnem e evitam os bons.

Um espírito bondoso não procura um médium orgulhoso; um espírito estudioso nada tem a fazer ao lado de quem não gosta do estudo; um espírito puro afasta-se de um médium que tenha vícios.

Como pode um médium maldizente, invejoso e cheio de amor-próprio colaborar com os nobres espíritos que esclarecem a humanidade? É difícil para um espírito iluminado pregar o amor ao próximo por meio de um médium rancoroso e vingativo.

Concluímos, então, que para merecermos a assistência dos bons espíritos é preciso que nós também sejamos bons.

Para não sermos vítimas de espíritos orgulhosos, devemos extinguir o nosso orgulho e abafar o nosso excessivo amor-próprio. Para não sermos manejados por espíritos perversos, nem sequer pensemos no mal. Fugamos dos vícios para não ficarmos rodeados de espíritos viciosos.

Sejamos compassivos, fraternos, tolerantes, benevolentes e caridosos. Estabeleçamos afinidade moral com os espíritos virtuosos, porque este é o único meio de gozarmos de seus favores. Lembremo-nos de que onde está a Virtude não há lugar para os vícios. Onde reina o sincero desejo de praticar o bem não cabe nem um pouquinho do mal.

Desta forma, é preciso que os médiuns, principalmente, encarem suas tarefas com grande elevação de vistas, sobrepondo-se às suas próprias inferioridades e lutando por elevar ao maior grau possível de perfeição suas faculdades mediúnicas. Não se julguem em posição estacionária, nem permaneçam em situação de doentia passividade, mas se esforcem denodadamente por se tornarem melhores cada dia que passa, porque deles depende em grande escala a marcha da evolução humana em nossos dias.

9.2 – Orientações para tornar-se um bom médium

❖ Aprimorar suas virtudes e trabalhar para minimizar suas imperfeições

Rigorosamente falando, os bons médiuns são raros.

A maioria, geralmente, apresenta um ou outro defeito que lhes diminui a qualidade de bons. O defeito, por pequeno que seja, é sempre de origem moral. Entretanto, o médium que reunir as cinco virtudes seguintes pode ser qualificado de bom: **seriedade, modéstia, devotamento, abnegação e desinteresse.**

A **seriedade** é a virtude que um médium possui de utilizar sua mediunidade para fins verdadeiramente úteis, exercendo-a como um nobre sacerdócio.

A **modéstia** é a virtude pela qual um médium reconhece que é um simples instrumento da vontade do Senhor e, por isso, não se envaidece nem se orgulha de sua mediunidade.

Não faz alarde das comunicações que recebe, porque sabe que foi apenas um simples intermediário. Não se julga ao abrigo das mistificações e, quando é mistificado, compreende que isso aconteceu em virtude das falhas de seu caráter ou devido a algum erro de sua conduta; procura, então, corrigir-se para afastar de si os espíritos mistificadores.

O **devotamento** é a virtude pela qual um médium se dedica ardentemente ao benefício de seus irmãos que sofrem. O médium devotado considera-se um servo do Senhor e, por isso, não despreza nenhuma oportunidade de servi-Lo, auxiliando a todos quantos necessitam dos cuidados dos espíritos de Deus.

A **abnegação** é a virtude pela qual um médium leva seu devotamento até ao sacrifício. O médium abnegado não hesita em renunciar a seus prazeres, a seus hábitos, a seus gostos, quando se trata de prestar socorros mediúnicos a quem quer que seja.

O **desinteresse** é a virtude pela qual um médium dá de graça o que de graça recebeu. O médium desinteressado nem mesmo esperará um agradecimento dos homens.

Eis expostas as cinco virtudes que devemos cultivar, se quisermos merecer o qualificativo de bons médiuns. Além disso, é necessário:

Trazemos as palavras de André Luiz clareando a questão: *“Para atingir esse aprimoramento ideal é imprescindível que o detentor de faculdades psíquicas não se detenha no simples intercâmbio. Ser-lhe-á indispensável a consagração de suas forças às mais altas formas de vida, buscando na educação de si mesmo e no serviço desinteressado a favor do próximo o material de pavimentação de sua própria senda”.*

❖ Estudo contínuo

León Denis, em “O Problema do Ser, do Destino e da Dor” faz alusão a necessidade de aprimoramento intelectual e moral do médium para que este se torne instrumento mais eficaz dos espíritos na prática mediúnica:

“O pensamento do Espírito agente é uno em seu princípio de emissão, mas varia em suas manifestações, segundo o estado mais ou menos perfeito dos instrumentos que emprega. Cada médium marca com o cunho de sua personalidade a inspiração que lhe vem de mais alto. Quanto mais cultivado e espiritualizado é o intelecto do médium, tanto mais comprimidos são nele os instintos materiais e com tanto mais pureza e fidelidade será transmitido o pensamento superior.”

A dinâmica de incorporação é relativamente simples – através de finíssimos cordões energéticos, o espírito-guia liga-se aos centros de força (chacras) do médium, passando a “controlar” muitas de suas faculdades. Atualmente quase não se vêem médiuns inconscientes, ou seja, aqueles que perdem a personalidade durante o transe mediúnicos. A quase totalidade dos médiuns atuais é consciente, ou pelo menos semi-consciente. Nesse estado, o médium e o espírito-guia “dividem” o controle do corpo carnal, de seus pensamentos, da fala, etc. Se for de necessidade do espírito-guia, ele pode “apagar” a consciência do médium, deixando-o inconsciente, mas normalmente isso não é preciso.

A mediunidade consciente obriga justamente o médium a tomar consciência de uma série de questões. Por exemplo, se o médium não conhece nada sobre ervas, o espírito-guia dificilmente conseguirá passar a

receita de um banho, chá, ou qualquer outro “remédio” baseado na força da energia vegetal. Da mesma maneira, se o médium carece de informação sobre o poder energético dos minerais, o espírito-guia não conseguirá explicar ao consulente como proceder nesse sentido.

Para médiuns de Umbanda, portanto, o estudo, ao contrário do que muitos dirigentes de terreiros pregam, é imprescindível. Tudo, absolutamente tudo aquilo que o médium possui de conhecimento é utilizado pelo espírito-guia quando de sua incorporação.

Assim, se o médium, por exemplo, fala outro idioma, o espírito-guia poderá também comunicar-se utilizando-se dessa linguagem. Entendam – o comando vem do espírito guia, mas o filtro é o médium. Mais especificamente, este filtro dependerá do cérebro físico do médium, de seus valores morais, sua educação e vontade.

Por exemplo, se o orixá incorporado deseja girar para direita, mas o médium teima em permanecer parado, então parado ele ficará. Talvez o orixá até o derrube, tamanha a energia e o choque de vontades, mas provavelmente não acontecerá o giro. Se o médium tem algum tipo de preconceito contra um tipo de tratamento ou outro, o espírito-guia dificilmente conseguirá sugestioná-lo a falar sobre o assunto com o consulente, porque inconscientemente o médium barrará a mensagem. Percebem como é tênue, e firme, a linha que separa a ambos?

Da mesma forma a comunicação com o consulente é feita utilizando-se o vocabulário próprio do médium. Se o médium tem um vocabulário pobre, o espírito guia ficará tolhido em sua comunicação, muitas vezes tendo dificuldades em passar sua mensagem.

Portanto, um médium bem preparado é um médium que estuda, lê, e busca conhecimento a todo instante. É aquele que presta atenção aos seus guias não só durante os trabalhos espirituais, mas também no dia-a-dia, pedindo conselhos e orientações, aprendendo a aquietar a própria mente para “ouvi-los” melhor. Quanto mais houver esta sinergia, esta constância de troca de informações e inspiração, mais fácil se dará o processo de incorporação.

Também é importante atentar para o fato de que a necessidade de estudo constante auxilia principalmente o médium que, através do estudo, vai pouco a pouco transformando-se de dentro para fora, tornando-se mais tolerante, mais compreensivo, mais passivo e menos reativo, mais confiante porque compreende o trabalho de seu guia espiritual. E no meio disso tudo, a Fé em Deus e na sua Onisciência aumenta e se fortalece.

Complementando o assunto, trazemos a advertência de Emmanuel, no livro “O Consolador”, questão 392:

“O médium tem a obrigação de estudar muito, observar intensamente e trabalhar em todos os instantes pela sua própria iluminação. Somente desse modo poderá habilitar-se para o desempenho da tarefa que lhe foi confiada, cooperando eficazmente com os Espíritos sinceros e devotados ao bem e à verdade.

Se um médium espera muito dos seus guias, é lícito que os seus mentores espirituais muito esperem do seu esforço. E como todo progresso humano, para ser continuado, não pode prescindir de suas bases já edificadas no espaço e no tempo, o médium deve entregar-se ao estudo, sempre que possível, criando o hábito de conviver com o espírito luminoso e benéfico dos instrutores da Humanidade, sob a égide de Jesus, sempre vivos no mundo, através de seus livros e da sua exemplificação.”

❖ **Buscar sintonizar sempre com os Espíritos Superiores**

O fato de terem sido designados determinados Espíritos para realizarem ou dirigirem trabalhos na Crosta, junto aos encarnados, não significa que sejam eles Espíritos de hierarquia elevada; recebem determinada missão e se, em alguns casos possíveis, não a cumprem com a devida competência ou dedicação, ou se a desvirtuam estarão, como nós outros, sujeitos à mesma responsabilidade.

Muitos Espíritos pedem tais tarefas, ou porque desejam permanecer junto de encarnados para os quais sentem afinidade, prendem-se por laços efetivos, ou por simples desejo de cooperação na obra comum de esclarecimento das almas; mas assim também como acontece conosco aqui na Terra, podem fracassar ou desmerecer por várias circunstâncias.

Em todos os casos, ocorrendo tais coisas é necessário apelar para as Entidades superiores, a fim de que as falhas sejam sanadas e os trabalhos prossigam com nova orientação.

E, reversamente, quando tudo vai bem, quando há dedicação, desinteresse pessoal e amor ao trabalho, de parte a parte, os resultados vão sendo cada vez mais compensadores e aos primitivos trabalhadores novos elementos se associam, sempre de valor mais elevados ganhando então os trabalhos cada vez maior força e expressão.

São, pois, indispensáveis bons elementos individuais nos dois planos e somente assim as forças superiores podem descer sobre eles, assegurando o referido progresso; caso contrário, estabelece-se um ambiente refratário a essas forças e, além disso, surgem vibrações negativas que a todos prejudicam, abrindo as portas para forças e entidades de planos inferiores, sempre prontas a intervir, desde que se lhes forneça oportunidade.

❖ **Manter a concentração e o silêncio**

A concentração dos pensamentos e das mentes nos objetivos e o silêncio que deve ser mantido durante os trabalhos, permitem que o recinto e todos os que nele se encontram se isolem do mundo exterior, das preocupações e dos sofrimentos da vida material; vivam por momentos numa atmosfera de paz, de harmonia e de reconforto e comunguem durante esse tempo, de alma e pensamento, com as coisas elevadas e edificantes dos planos do espírito.

A concentração é o ato mental mediante o qual projetamos e mantemos nossos pensamentos sobre dado assunto ou objeto, e como isso requer um determinado esforço maior ou menor segundo a capacidade de concentração individual, não se pode exigir que a concentração seja mantida por tempo longo. Esse período, portanto, deve ser exigido alternativamente: para a formação da corrente (como já vimos atrás), ou seu restabelecimento em caso de rompimento; para projeção, em dado sentido, de um conjunto mais poderoso de vibrações, ou finalmente para o encerramento dos trabalhos.

Durante o tempo restante devem os presentes se manter em estado de recolhimento íntimo, com a atenção, sem esforço, voltada para o trabalho que está sendo realizado.

❖ **Buscar a devoção sincera e não curiosidade**

Ninguém deve comparecer a uma sessão como quem vai a um espetáculo recreativo, mas preparar previamente seu coração e sua mente, limpando-os de impurezas e preocupações mundanas, pois que é coisa que inspira respeito e reverência o contato a fazer com forças e entidades dos planos espirituais.

Salvo as de fundo científico, em que o coração cede lugar ao intelecto, as sessões são verdadeiros atos de prece, de recolhimento e de elevação de espírito.

Quem assim não procede, voluntariamente se priva dos altos benefícios que ali poderia recolher, como também concorre para que o mesmo talvez suceda aos demais assistentes.

Em resumo, as boas práticas e os bons ambientes constroem e os opostos destroem as possibilidades de um desenvolvimento natural, harmonioso e eficiente, de faculdades mediúnicas.

❖ **Desenvolver a autoconfiança e desinteresse**

Outra recomendação a fazer aos médiuns é falarem com desembaraço e confiança, desde o princípio. Os de incorporação consciente e semiconsciente, sobretudo, são os que mais recalcam em si mesmos essas possibilidades porque estão sempre mais ou menos despertos e usam palavras próprias para traduzir as idéias telepaticamente recebidas dos espíritos comunicantes; e isso lhes cria uma situação de verdadeiro constrangimento.

É grande o número de médiuns que fracassam só por causa disto ou no mínimo estacionam a ponto de estagnar completamente suas faculdades mediúnicas. Mas se compreenderem bem a natureza dessas faculdades e as limitações que lhes são próprias, sua confiança renascerá e se tornarão intérpretes fiéis e eficientes.

Há todavia outras causas que produzem recalques e prejudicam o desenvolvimento. Médiuns há que por possuírem pouca cultura e terem de transmitir com suas próprias palavras e recursos mentais as idéias recebidas dos Espíritos, se atemorizam da crítica alheia.

Outros que se julgam diminuir transmitindo idéias muitas vezes banais e fúteis, de Espíritos atrasados. Ou que se consideram humilhados por fazerem nas sessões as mesmas coisas, tomarem as mesmas atitudes de indivíduos de condição social inferior à sua.

Outros que se constroem por se sujeitarem a Espíritos atrasados e por terem de dizer coisas que em plena consciência não diriam e que muitas vezes são contrárias às suas próprias idéias e pensamentos.

Muitos, também, que se escrupulizam ou se envergonham de exercer suas faculdades na presença de pessoas amigas, ou da própria família, perante as quais, na vida comum, mantêm determinadas condições de superioridade, que seriam prejudicadas com qualquer intimidade ou promiscuidade.

Há também inúmeros casos de constrangimento provenientes de serem médiuns indivíduos professantes de religiões dogmáticas e ignorantes das coisas do espírito, se atemorizam com a posse de faculdades psíquicas, que consideram tentações maléficas ou obra demoníaca; assim, lutam para reprimi-las e muitas vezes caem vítimas pela própria ignorância ou recalcitrância.

Verdadeiros dramas ocorrem no seio de famílias católicas e protestantes, ou de materialistas, cujos responsáveis muitas vezes preferem sacrificar os entes queridos a admitirem neles a existência de faculdades espirituais.

A todos estes irmãos, detentores de faculdades mediúnicas recalçadas, devemos dizer que necessitam antes de mais nada, de humildade. O médium orgulhoso já está de início fracassado na tarefa que aceitou, porque coloca acima dela os pré-conceitos mundanos, que nada valem à face das coisas de Deus eternas e soberanas. Subestimam justamente aquilo que lhes pode servir de auxílio para se elevarem na escala evolutiva.

Mas todos terão oportunidade de se vencerem a si mesmos, porque se pedirem forças e auxílio do Alto, é certo que os receberão imediatamente.

Está pois em suas próprias mãos o triunfo ou a derrota, isto é: uma subida ou uma queda espiritual quando, após seu desencarne, tiverem de prestar suas contas às Entidades Superiores do Espaço e a sua própria consciência.

❖ Higiene Física e Mental

Não julguemos que a mediunidade nos torna diferentes das outras pessoas ou que, porque somos médiuns, devamos viver uma vida especial e privarmo-nos das coisas boas que a existência nos oferece. A par do exercício de nosso mediunato, temos também nossas obrigações para com a sociedade, para com nossa família e para conosco.

Precisamos, por conseguinte, satisfazer aos compromissos que a nossa situação de encarnados nos impõe. A nossa perfeição espiritual resultará do bom desempenho de nossas tarefas materiais e espirituais. Para o completo êxito de nossos trabalhos mediúnicos é mister que mantenhamos uma higiene física e mental. Um médium deverá ser saudável de corpo e de espírito; portanto, é necessário tratar dos dois: do corpo, porque é um instrumento de trabalho e somente um mau operário não cuida de suas ferramentas; e do espírito, porque é a nossa parte divina e imortal.

Cultivemos bons pensamentos. Os bons pensamentos trazem as boas palavras e presidem aos bons atos.

Sejamos amigos do estudo e da boa leitura, da leitura sadia e construtora dos elevados caracteres. Felizmente a literatura espírita já nos oferece ótimos livros cujos ensinamentos desenvolvem nossas virtudes e aumentam nossa cultura.

Adquiramos o hábito salutar de lermos diariamente um pequenino trecho do Evangelho. As lições do Evangelho nos ensinam a construir nossa felicidade aqui e no mundo espiritual para onde iremos mais tarde.

Sejamos moderados. A moderação em todas as coisas conserva-nos a saúde e nos proporciona a higiene física.

Cultivemos a oração. A oração diária, feita em recolhimento, é um poderoso fortificante espiritual e um benéfico exercício de higiene mental.

O que é preciso ter em vista em primeiro lugar, nos centros e grupos espíritas/espiritualistas, e o que mais importa não são as práticas em si mesmas, mas os resultados, as conseqüências que delas advêm para médiuns e assistentes; por isso deve ser abolido tudo aquilo que não for realmente útil a essa finalidade e, por outro lado, aceite e praticado tudo o que levar a atingi-la.

Que cada centro ou grupo conquiste um ambiente espiritualizado, em pleno entendimento com assistentes espirituais de identidade e autoridade moral comprovadas; promovam a instrução doutrinária e exijam a prática evangélica em todos os atos individuais e coletivos.

Sempre houve Espíritos inconscientes e sofredores nos planos etéreos e nem por isso deixaram de ser assistidos, antes que a doutrinação fosse implantada como sistema, após a codificação do Espiritismo; nenhum deles permanece na dependência direta ou exclusiva dos que vivem na carne e somente aqui são trazidos por efeito do intercâmbio que já se estabeleceu entre os dois planos, intercâmbio esse, contudo, que deve ser constantemente melhorado, exalçado, pela elevação moral e pureza dos grupos de trabalho que o realizam.

O que importa, pois, acima de tudo, dentro das sessões ou fora delas, é a conduta moral, o esforço pela evolução espiritual de cada um; e esse esforço e essa conduta serão grandemente favorecidos e estimulados quando cada indivíduo houver conquistado para si mesmo um ambiente espiritual pacífico, harmonioso, liberto de más influências. Somente assim poderemos manter a indispensável comunhão espiritual com o Alto.

9.3 - O que faz um médium fracassar

De "O Livro dos Médiuns", de Allan Kardec, retiramos as dez seguintes causas que levam um médium ao fracasso; são elas: **falta de análise das comunicações, leviandade, indiferença, presunção, orgulho, suscetibilidade, exploração, egoísmo, inveja e elogios.**

- ❖ A falta de rigorosa análise das comunicações dá margem a que espíritos mistificadores, através de ditados extravagantes, desviem o médium e esterilizem sua mediunidade, que nada mais produzirá de útil.
- ❖ A leviandade é própria dos médiuns que não tomam sério sua mediunidade e a utilizam para futilidades. Os médiuns levianos vivem constantemente rodeados de espíritos brincalhões e zombeteiros, dos quais nada de bom se pode esperar.
- ❖ A indiferença caracteriza os médiuns que não procuram melhorar seu procedimento e não tiram proveito dos conselhos que os espíritos protetores lhes dão. Os médiuns indiferentes acabam sendo abandonados por seus protetores, porque os espíritos de boa vontade só auxiliam médiuns que trabalham ativamente para sua própria reforma moral.
- ❖ A presunção é o traço distintivo dos médiuns que julgam que só recebem comunicações de espíritos elevados por isso, acreditam-se infalíveis. Os médiuns presunçosos arriscam-se a serem facilmente mistificados.
- ❖ O orgulho: Todas as imperfeições morais são portas abertas aos Espíritos maus, mas a que eles exploram com mais habilidade é o orgulhoso, porque é essa a que menos a gente se confessa a si mesmo. O orgulho tem posto a perder numerosos médiuns dotados das mais belas faculdades que, sem ele, seriam instrumentos excelentes e muito úteis.
- ❖ A suscetibilidade (melindre) demonstra que o médium possui excessivo amor-próprio. Lembremo-nos de que o amor-próprio é causador de inúmeras quedas. Os médiuns suscetíveis melindram-se com a menor discordância, com a mais leve observação crítica, e chegam às vezes a odiar até mesmo as pessoas que lhes prestaram serviços, se esquecendo de praticar a sublime virtude que se chama Tolerância.
- ❖ A exploração da mediunidade traz gravíssimo fracasso. O Espiritismo veio para destruir o egoísmo e não para reforçá-lo; por isso o médium que usa sua mediunidade para explorar seus irmãos desvirtua sua nobre finalidade.
- ❖ Os médiuns egoístas são aqueles que usam sua mediunidade somente em proveito próprio, esquecidos de servir ao próximo. É claro que os espíritos do bem evitam estes médiuns, os quais passarão a ser assistidos por espíritos ignorantes.
- ❖ A inveja é o defeito dos médiuns que ficam despeitados, quando outros médiuns produzem mais e melhor do que eles. Não há motivos para invejar ninguém; quem quiser ser alvo das atenções dos espíritos elevados que se esforce por merecê-las pela prática do bem e por um comportamento exemplar.
- ❖ Um médium nunca dará ouvidos a elogios, venham eles de onde vierem. O elogio desperta nosso amor-próprio e alimenta nosso orgulho. É conveniente sabermos que os homens e os espíritos verdadeiramente superiores dificilmente elogiam e, quando o fazem, é com palavras de estímulo que nos revelam o muito que ainda nos falta trabalhar para concluirmos o que nos propusemos realizar.

Como vemos, as causas do fracasso residem dentro do próprio médium; é necessária a máxima vigilância para não deixarmos que elas produzam seus maléficis efeitos.

No entanto, precisamos aceitar nossas possibilidades de quedas. Até que crescamos espiritualmente somos como crianças aprendendo a andar. São as quedas que fortalecem nossa vontade, e nos ensinam a ter persistência. Nós somos aquilo que conseguimos realizar e não aquilo que prometemos, através as quedas aprendemos mais sobre nós mesmos e podemos aperfeiçoar o modo de evitá-las. Mas se cairmos porque nos falta vontade de acertar estaremos no caminho descendente e de queda em queda nos enfraquecemos. Percebem a sutileza? A criança aprende a andar porque está determinada a fazê-lo. Não desanimemos, levantemos logo e sigamos em frente tranqüilamente, sem nos martirizarmos, com conhecimento de causa, na firme determinação de não mais errarmos.

9.4 - A Suspensão da Mediunidade

Pode acontecer que sejamos obrigados a suspender temporariamente o exercício de nossa mediunidade. Nesse caso devemos pedir a Deus que nos desobrigue dela, enquanto houver o empecilho.

É bom tomar nota deste ponto importantíssimo: **o motivo que levará um médium a solicitar uma licença deverá ser muito sério; do contrário, a petição não será atendida.** Cada um de nós julgará conscienciosamente se, de fato, há mesmo absoluta necessidade da suspensão temporária da mediunidade, levando em conta que um trabalho interrompido atrasa quem o interrompe. Citaremos algumas razões normais que autorizam um médium a licenciar-se:

- ❖ **Viagens:** Tendo de viajar ou de ausentar-se da cidade por algum tempo.
- ❖ **Serviços:** Os empregados dependem de seus patrões. É comum trabalharem em seus empregos em serviços extras que lhes roubam os instantes em que deveriam estar no Centro. É preciso rogar a Deus, em constantes orações, que os livre das obrigações materiais nas horas consagradas a suas obrigações espirituais, certos de que o Senhor tomará a si o cargo de lhes dar a recompensa extra.
- ❖ **Estudos:** Os estudantes, nas épocas das aulas, se o horário das aulas não lhes permitir uma freqüência assídua ao Centro.
- ❖ **A Gestaçãõ:** Durante o período da gestaçãõ é aconselhável que as gestantes se abstenham de praticar a mediunidade. Freqüentarãõ, porém, o mais possível, o Centro.
- ❖ **O Dever de Mãe:** As mães, cujos encargos para com os filhos sãõ tão numerosos, principalmente quando os filhos sãõ pequenos, podem solicitar, muito justamente, a suspensãõ provisória de sua mediunidade.

Embora com sua mediunidade suspensa, o médium não fica isento de certos deveres, de cujos cumprimentos depende sua tranqüilidade. Assim, diariamente, dedicará alguns minutos à prece para tributar aos que sofrem os benefícios da oraçãõ ao Pai; para isso escolherá um momento em que possa estar despreocupado e se entregará à oraçãõ.

É conveniente que seja todos os dias às mesmas horas; fará todo o possível para assistir às sessões do Centro e lerá diariamente um trecho do Evangelho e não se descuidará de sua higiene física e mental.

Desaparecendo a causa que motivou a suspensãõ da mediunidade ou sendo ela contornada, o médium reiniciará imediatamente suas funções mediúnicas. Depois que houver desaparecido a causa que motivou a suspensãõ, se o médium persistir em continuar afastado, recomeçarãõ as perturbações e as perseguições dos espíritos inferiores e é fácil o médium ser cruelmente obsedado.

Pode acontecer também que o médium tenha sua mediunidade suspensa por ordem superior, isto é, os diretores espirituais do médium resolvem suspender-lhe a mediunidade, provisoriamente. Quando isso sucede, temos a considerar duas razões:

i) Necessidade de repouso do médium. Os diretores espirituais podem suspender a mediunidade para que o médium passe por um período de repouso, durante o qual sua organizaçãõ físico-espiritual se reajusta e se fortalece, preparando-se assim para novos e acérrimos combates contra as trevas e para fecundos trabalhos no futuro.

ii) Por erros do médium. O médium que se desvia do reto caminho, entregando-se a atos contrários à moral, pode ter sua mediunidade cancelada, por piedade de seus diretores espirituais, para que dela não lhe provenham males maiores.

Neste caso, trazemos a resposta dos espíritos superiores ao questionamento de Allan Kardec, no capítulo XX, item 3 de “O Livro dos Médiuns”:

“Os médiuns que empregam mal as suas faculdades, que não as utilizam para o bem ou que não as aproveitam para a sua própria instrução, sofrerão as conseqüências disso?”

Resposta: Se as usarem mal, serão duplamente punidos, pois perdem a oportunidade de aproveitar um meio a mais de se esclarecerem. Aquele que vê claramente e tropeça é mais censurável que o cego que cai na valeta.”

Quando, independente de sua vontade, o médium perceber que sua mediunidade está suspensa, deve fazer um rigoroso exame de consciência. Se não descobrir nenhum desvio do reto caminho, é porque deverá passar por um período de repouso. Caso contrário, deve apressar-se a corrigir o erro que motivou sua suspensão, para novamente merecer os favores do Alto.

9.5 - Dá de graça o que de graça recebeste

Antes de quisermos aprender a usar nossa mediunidade e um dia merecermos o título de médiuns, meditemos sobre o seguinte:

Não julguemos que a mediunidade nos foi concedida para simples passatempo ou para satisfação de nossos caprichos. Em circunstância alguma, façamos dela o nosso ganha-pão.

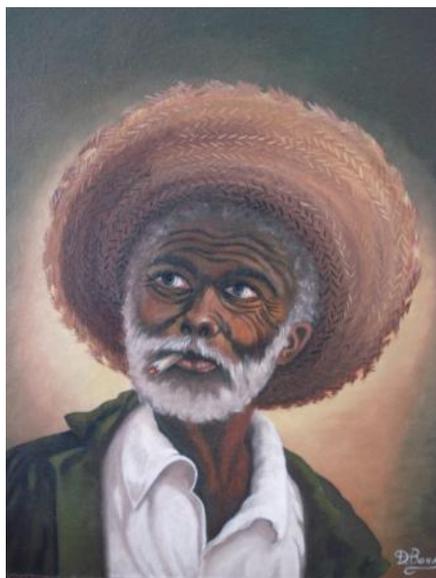
Infeliz do médium que utiliza sua mediunidade visando aos seus interesses terrenos! Mal-aventurado quem procura trocar por dinheiro os dons de Deus!

A mediunidade é coisa santa e com ela devemos suavizar os sofrimentos alheios. É a maneira mais simples de praticarmos a verdadeira caridade: a caridade espiritual.

Cooperando com os espíritos curadores, concorremos para o alívio daqueles que sofrem. E como instrumentos dos espíritos educadores, contribuímos para o adiantamento moral de nossos irmãos. Ao desenvolvermos nossa mediunidade lembremo-nos de que ela nos é dada como um arrimo para mais facilmente conseguirmos a Perfeição e para mais suavemente liquidarmos os pesados débitos que contraímos em existências passadas e para servirmos de guias a irmãos mais atrasados.

Vamos dar de graça o que Deus nos conceder, conforme nos ensinou Jesus. Nunca troquemos por algumas moedas o que a bondade de nosso Pai que está nos céus quer distribuir a seus filhos necessitados. Onde há interesse, por pequenino que seja, não há caridade.

9.6 – Reforma Íntima e Umbanda



Na Umbanda, o médium tem a possibilidade de trabalhar com várias linhas diferentes na casa onde atua, sendo que o contato contínuo com os guias espirituais que o orientam e protegem, proporcionam seu crescimento e aprendizado a partir da personalidade do arquétipo que rege a linha.

Assim, ao incorporar um preto-velho, o médium vai desenvolvendo em si a paciência, a bondade, o carinho, a empatia, o amor, a humildade, a compreensão ao outro. Se estas características já eram uma tônica no seu ser, então estaremos nos aprimorando ainda mais nestas qualidades, trazendo a tona uma energia amorosa, permitindo que as qualidades do guia possam fluir naturalmente em nós. A consciência destas possibilidades de aprimoramento pode facilitar a entrega do médium ao seu preto-velho, e desenvolver uma energia amorosa única. Assim quanto mais incorporar seu preto(a) velho(a), mais o seu chacra cardíaco vai se abrindo permitindo uma intensa luminosidade no seu ser.

Ao incorporar um Caboclo(a), o médium aprende a ordem, a disciplina, a simplicidade, a eficiência do trabalho, a priorizar o que é importante, a trabalhar com ervas, com os vegetais, com as pedras, a quebrar demandas, a honrar e respeitar a todas as formas de vida, trazendo uma força

grande em si, aprende a conhecer o seu próprio poder, a força que possui. O arquétipo dos caboclos (as) é o do poder da luz, no auxílio ao humano, aos espíritos que estão em evolução, é saber que tem força interna suficiente para suportar as provações que certamente o médium passará, assim cada caboclo vai aos poucos moldando a energia do seu médium, tornando-o disciplinado, ao companheirismo aos seus irmãos, trabalhando também com os chacras cardíaco e esplênico.

Os Baianos trazem a descontração, o aprendizado de como trabalhar as adversidades, a alegria, a flexibilidade, a magia, a brincadeira sadia. Assim, médiuns que são introspectivos, quando incorporados, seu baiano(a), soltam-se liberando sua alegria interna, a descontração, outros já são descontraídos por natureza, e desenvolvem outras qualidades juntas com seu baiano, como a flexibilidade diante das situações, como amparar o irmão com alegria, trazer a alegria para o próximo, transmutando a tristeza do outro transmitindo alegria e esperança entre muitas outras coisas.

Os ciganos também aprimoram seus médiuns, trazendo a suavidade, a beleza, o encantamento, o envolvimento, a intuição, a paixão pela vida, pelo belo, pela música, a cura emocional e o amor à liberdade sadia e à família humana.

Os marinheiros permitem aos médiuns a desenvolverem o equilíbrio emocional, entrar em contato com as emoções mais íntimas desbloqueando e liberando os excessos, os vícios, desenvolvendo no médium a capacidade de sentir as dores dos outros e com isso aprimorando as relações com o seu irmão.

A linha do Grande Oriente, onde incorporam guias hindus, muçulmanos, chineses entre outros, estimula no médium o caminho da evolução espiritual através dos estudos, da meditação, do conhecimento das leis divinas, do amor, da verdade, da ciência, da arte, do belo, estimulando o médium no caminho da ascensão espiritual, fazendo-o a eliminar da sua vida tudo que é pernicioso a sua ascensão.

Os Exus e pombagiras trazem o conhecimento do lado sombra do médium, mas também da alegria, da lealdade, disciplina, coragem e obediência à Lei Maior, fechando aqui um ciclo, uma viagem em torno de nosso ser, em torno do significado de nossa existência pelo trabalho do autoconhecimento, que rogamos poder cada vez mais ouvir e obedecer nossas entidades, que tanto nos orientam em nossa missão contínua de evolução espiritual, através de um conjunto de ações em nosso dia a dia, que determinam nossa reforma íntima.

9.7 – Quem perseverar até o fim, será salvo

“Vós sereis odiados por todos, por causa de meu nome. Mas quem perseverar até o fim, esse será salvo.”

(Mateus 10, 22)



O período de grande transformação individual e coletiva em que vivemos chama para a redenção e exige a reforma moral urgentemente. Todos devemos iniciar desde já nossa luta, estabelecendo nossa vida em novas bases, organizando um programa simples e viável e nos utilizando, com todas as energias de que dispusermos, dos poderes que nos vêm do livre arbítrio, que é vontade, inteligência e liberdade.

Qualquer esforço neste sentido deve começar por um balanço moral, desnudando perante nossa própria consciência, sem muita indulgência, as más qualidades que possuímos.

Raro é o homem, da atual geração, que possui mais virtudes que defeitos, o que aliás é natural que aconteça porque este é um mundo de provas e expiações e, portanto, o primeiro passo nesse esforço de reforma deve ser o exercício da tolerância recíproca, uma vez que ainda não somos capazes de amar incondicionalmente.

Todo esforço que fizermos no sentido dessa realização será útil e meritório porque estaremos plantando os alicerces de um futuro mundo de felicidades espirituais. Os defeitos mais comuns, a saber: o orgulho, o egoísmo, a ferocidade, a sensualidade, são inimigos tenazes, que devemos um por um combater e vencer, à custa de lágrimas e de sangue, porque são estigmas que nos vêm do nosso passado de brutos e estão profundamente arraigados em nosso coração.

Mas temos que passar pelas provas purificadoras e em nossas mãos está o antecipá-las, melhor sendo que o façamos por nossa própria deliberação que obrigados pelos látigos do carma. Melhor que o façamos hoje que amanhã, como lutadores conscientes e não como vítimas passivas, pois o mérito justamente vem do exercício deliberado do livre-arbítrio.

E quando no decorrer do tempo, todos os defeitos estiverem vencidos, teremos automaticamente conquistado as virtudes correspondentes, flores da espiritualidade que, no amanhã de nossa existência universal, torná-la-ão bela e radiosa, nas inumeráveis moradas da casa do Pai.

Uma única regra segundo parece, poderá ser ditada, nesse salutar esforço de edificação própria: resolver lutar, começando pelo menor defeito e perseverando tenazmente até o fim. Levamos séculos para chegar a esta situação de hoje; séculos para conquistar tão pouca coisa no rol das benemerências representadas pelas virtudes dignificantes do espírito e não será por um gesto de malabarismo mental, ou pelo simples desejo platônico de melhoria, que conseguiremos nos elevar a maiores alturas.

Começemos, pois, pelo menor, pelo mais acessível, com as armas ainda rudimentares que possuímos mas, encetada a tarefa, não nos detenhamos mais, não olhemos para trás; orando e vigiando como recomendou o Mestre, prossigamos até o fim, porque qualquer vacilação destrói tudo quanto já se conseguiu até um dado momento.

Esse trabalho de transformação psíquica, iniciado no campo intelectual (a deliberação) irá lançando raízes profundas no subconsciente; insensivelmente irá influenciando o caráter do Espírito e modificando-o no correr dos tempos. Desta forma prudente e segura iremos nos estimulando e fortalecendo-nos com os resultados parciais e não teremos decepções desencorajadoras.

A luta contra nossas paixões é difícil, mas só se consegue triunfar sobre elas quem tem ânimo forte, vontade firme e sobretudo fé nas luzes e nas forças que nos vêm do Alto.

9.8 – Exercícios de Fixação e Aprofundamento

a) Discorra sobre a importância do estudo para o médium.

b) Cite dois motivos que podem levar um médium a fracassar em sua missão.

c) Quais as conseqüências para o médium da negligência ou abandono da tarefa mediúnica?

d) Quais as conseqüências para o médium do mau uso de suas faculdades mediúnicas?

e) Cite os motivos que podem levar a suspensão da mediunidade de um médium.
